



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

João Durval Farias

MINHA TECITURA NA TRILHA DO BEM VIVER: Réstias do tempo, o curso da vida e
o chamado Agroecológico

Recife, PE

2026

João Durval Farias

MINHA TECITURA NA TRILHA DO BEM VIVER: Réstias do tempo, o curso da vida e o chamado Agroecológico

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Agroecologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Flávia Mendes de Andrade e Peres

Recife, PE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-4 1134

F224m Farias, João Durval.
Minha tecitura na trilha do Bem Viver: réstias do tempo, o curso da vida e o chamado agroecológico / João Durval Farias. - Recife, 2026.
103 f.

Orientador(a): Flávia Mendes de Andrade e Peres.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Agroecologia, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. Memória biocultural . 2. Saúde integrada . 3. Ecologia agrícola . I. Peres, Flávia Mendes de Andrade e, orient. II. Título

CDD 630.2745

João Durval Farias

**MINHA TECITURA NA TRILHA DO BEM VIVER: Réstias do tempo, o curso da vida e
o chamado Agroecológico**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel e
aprovado em sua forma final pelo Curso de Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 12 de fevereiro de 2026.

Prof^ª. Dr^ª. Ana Cláudia de Lima Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Flávia Mendes de Andrade e Peres
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Joanna Lessa Fontes Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Prof^ª. Dr^ª. Júlia Figueredo Benzaquen
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Prof^ª. Dr^ª. Gilvânia de Oliveira Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Prof. Me. Alexandre Ribeiro Botelho

Ao Prof. Dr. Felipe Tenório Jalfim, que me fez refletir sobre o papel do Agroecólogo,
que muito mais que um portador de uma técnica, em atuação, existe a prática de um educador,
a amorosidade presente. Obrigado, professor Felipe!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Durval e Júlia, in memoriam, a saudade, a dedicação que tiveram para criar e cuidar de uma família grande, o legado deles, que aqui repercute, em minha tecitura, do começo ao fim, pois foi lá, na casa cheia, em uma viagem imaginária, que eu voltei, resignifiquei e colhi os frutos para chegar com o corpo e a alma, na plenitude, impregnado da poeira, das marcas das muitas estradas e experiências, deles, o sentido que não me faz diminuir a vida em sua finitude, acreditando que quando a deixamos ficam os rastros das nossas referências!

Ao meu filho, Álvaro Augusto, Kronos, a maturidade, os caminhos, os encontros, minha amorosidade!

À minha filha, Raylla Sandelly, sua chegada, o encontro dos dois, nossas brincadeiras e sorrisos de aventuras, amor!

Aos meus irmãos, Paulo, Luciano, Francisco e Cláudio, convívio, amizade, conversas.

As minhas irmãs, Maria Inês, Maria do Carmo, Maria Lúcia, Maria Edileusa, Maria de Fátima e Maria Jacinta.

As minhas sobrinhas, Tânia Regina e Sandra Maria.

À minha prima, Ione Espíndola Farias (De São Paulo, contribuiu com o memorial, trazendo memórias da minha avó paterna)

Manoel Sátiro Tenório, in memoriam. (Da Boa Sorte, hoje Venturosa, Pastoral da Terra, uma vida no evangelho encarnado. Obrigado, seu Manoel!).

Antonio Carlos Farias, in memoriam. (Meu irmão, aquela dedicação em me explicar o sistema de freios, a sede de ensinar, você não é saudade, é presença que me diz para continuar!).

Antonio Gomes de Sousa, tio tonho, in memoriam. (O corte da cana, a sabedoria, o destemor, o trabalhador alugado, suas travessias).

Manoel Gomes de Sousa, tio Mané, in memoriam. (Narração sobre o Moxotó, suas agruras para respirar, a venda de bacias e cadeiras pelas ruas de São Paulo).

Maria da Gloria Gomes de Sousa, tia Gloria, in memoriam. (Sua ordem e disciplina, o acolhimento em sua casa, em Sanharó).

Marieta Rodrigues, Neta, cunhada, in memoriam. (Minha mãe de leite, me pedia paciência, era afeto, doçura, Xukuru do Jitó).

Marcos Henrique Farias, in memoriam. (Meu irmão, o movimento, o artista, o teatro).

José Luis de Farias, in memoriam. (Meu irmão, o riso, a consideração, a alegria quando chegava lá em casa).

Maria José Farias, in memoriam. (Minha irmã, a paciência, o acolhimento e a compreensão do tempo).

Gabriel Felipe, in memoriam (jovem colega da primeira turma, nossa amizade e conversas, seus sonhos, minha tristeza por ter partido tão cedo, a vida e a incerteza)

Professor Paulo Afonso, in memoriam (seu compromisso com o conhecimento e com as bandeiras de lutas por direitos e justiça social, um grande ser humano)

Professor Roberto Caporal, in memoriam (Em suas aulas em Ciências Sociais, na UFRPE, meu despertar para esse desafio e celebração da Vida, em minha jornada no Bacep, seu compromisso de construir pontes e diálogos entre conhecimentos e saberes, por uma extensão rural horizontal, no caminho da transição agroecológica)

Antônio Lira (Meu amigo, família camponesa de São Bento do Una, um benfeitor em Belo Jardim, quanto me ensina com sua paciência e amorosidade, nos meus dias tenebrosos e de alegrias, nosso encontro nos Projetos de Convivência com o Semiárido, o evangelho na prática libertadora)

José Renivan Gomes de Sousa (Amigo de todas as horas, da cidade do Prata-PB, nossa amizade desde 1980, começando no Centro de Educação Rural José de Almeida Maciel, em Pesqueira, amizade amorosa para toda à vida)

Jarbas de Holanda Souto (Amigo dos meus irmãos, Tonho e Luciano, uma amizade que foi continuada por nós, professor de Biologia, ecologista, as colheitas de sementes, a defesa da natureza, a sua missão com propósitos de cuidados com o meio ambiente)

Daniele Oliveira (Da coordenação do Bacep, sua presença e contribuição, empatia, sua dedicação, seu compromisso conosco e com o curso, sua paciência comigo)

Luiza Andrade (Médica do Departamento de Qualidade de Vida - DQV, da UFRPE, sua escuta, atenção, a prática de uma medicina humanizada, além do sintoma e de um diagnóstico)

Aos e às colegas da primeira turma, encontro de entrada, 12/08/2019, para convivermos a partir de nossas experiências nos territórios, nas bases e trocas no que fora construído para existência do Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular, na UFRPE, Campus Recife, nossos nomes na história.

A turma da minha conclusão, 2021.2: a efervescência, a energia pulsante, os conflitos e as ressignificações, o choque de ideias e a abertura para outros campos de conhecimentos e saberes; a chegada com afloramentos de experiências bem singulares; a teia mesclada, a soma

de todos e todas, em suas genuínas territorialidades, vasos comunicantes para outras trocas pelo mundo afora.

Ao Eduardo Henrique, identidade, empatia, admiração, o movimento por inteiro, educativo, a nossa amizade.

Ao Matheus Cavalcanti, seu olhar e percepção sensível sobre o mundo, sua ânsia por justiça, o companheirismo, minha admiração, somos mais que colegas, ganhei um amigo.

Ao Micael Vinícius, a brotação da Palmatória, estendida pelo agrestes, seu compromisso com homens e mulheres do campo, a percepção, a valorização da cultura entranhada nos territórios, nossa identidade agrestina, nossa amizade fincada bem antes da minha chegada na turma, seu sentimento pela construção coletiva.

A Monaiane Joven, fico procurando as palavras, chegou, sua impregnação com a terra, o Carrasco, parte em São João, Tianguá, Ceará, se disse muito pouco, ela vai atrás, aprofundamentos, do que ela trouxe tão vivo como territorialidade no diálogo com o Bacep, seu compromisso com a turma, sua articulação e mediação, a essência que veio da roça e não se perdeu na cidade, superamos traumas, construímos uma amizade.

A Raíssa Lemos, a inquietação e interrogações, o vento questionador, sua contribuição para outras alternativas nos cuidados com a saúde, a dimensão holística dos saberes tradicionais e originários, as trocas, a quebra de barreiras entre gerações, a amizade.

A Ângela Rossana, da segunda turma, sua contribuição na arrumação e configuração deste memorial, seu foco nos detalhes e cuidados para o enquadramento na ABNT, seu alerta sobre meus atrasos, o diálogo, a empatia, ajudas mútuas, minha admiração, a amizade.

Ao casal Alberto Francisco e Telma Bezerra, meus vizinhos, um acolhimento, em minha vida comunitária em Sítio dos Pintos e seu entorno. Estavam sempre ali a me ajudar. Em nome deles, agradeço às muitas outras pessoas que conheci nesse cinturão que circunda à universidade.

Agradecimentos ao corpo docente do Bacep:

Têm as trajetórias, os conhecimentos acadêmicos, que em cada pessoa atua diferente, por isto, na condição de estar como professor ou professora, não existe um padrão na partilha das experiências, é o toque muito singular que recebemos na situação como discente do Bacep, e o quanto foi mais que uma transmissão de conteúdos, embasamentos teóricos e metodológicos! Era a experiência humana dos encontros e desencontros, pois ali estava ou estavam, em todos os espaços de vivências, gente, pessoas, em seus consensos, dissensos, na

empatia e no distanciamento, ambientes de aprendizagens que foi de Vida, que repercutirão em meus caminhos e reflexões, sendo e atuando no mundo.

Meus agradecimentos: a professora Joanna Lessa, que sempre me incentivou a perceber outras possibilidades em minhas encruzilhadas, o movimento, educar em defesa da Vida; a professora Gilvânia de Oliveira, que esteve sempre a me animar na jornada, de fazer compreender a importância da educação popular como uma das bases fundamentais para alimentar a luta pela terra; a professora Flávia Peres, reflexões, a convivência, as trocas e esse “bom encontro”, no final da minha jornada no Bacep, sua orientação nos dois ESOs, sua paciência no acompanhamento e com sugestões significativas para construção do meu memorial; a professora Ana Paula, “sincronicidades”, diálogos sobre a vida, crescimentos; a professora Zênia Tavares, ficava me lembrando, “você fala, você escreve, está tudo na cabeça, falta colocar no papel”, empatia; a professora Júlia Benzaquen, nosso encontro desde às Ciências Sociais, minha admiração pelo fogo, paixão, o que move as idéias, encarnando-as na luta por direitos e justiça social; a professora Virgínia Aguiar, o rigor, o incentivo ao aprimoramento, a sua entrega ao embasamento teórico, no diálogo com os saberes, como um dos pilares da Agroecologia; a professora Rebeca Duarte, no impensado do tempo, na dedicação ao Bacep, a densidade dos saberes e conhecimentos compartilhados, as Vidas dos povos originários, tradicionais, dos povos ciganos, importam, seus direitos, o convite para nosso reencontro com nossas sensibilidades, ciclos, reconexões, ancestralidades; a professora Ana Cláudia, os ventos do Oeste, a energia pulsante e inquieta, para cima, na sacudida do Bacep para outros patamares, as rodas, o diálogo; a professora Horasa Andrade, suas cobranças, a explicação de que nos processos de transições agroecológicas, não existem padrões, a importância da aplicação das ferramentas de metodologias participativas; ao professor Jorge Tavares, me lembrava das suas raízes, quando observava uma certa semelhança com as minhas, uma forma de me acordar, para ir além dos meus impulsos textuais, avançando na rotina da escrita e na fundamentação teórica; ao professor Felipe Jalfim, ao lembrar de nosso papel, mais que um/a técnico/a, o/a agroecólogo/a, na missão como educador ou educadora nos campos das práticas, uma extensão rural além das técnicas, em uma concepção holística; ao professor José Walter, seus conhecimentos e experiências, a forma de compartilhar, a transição da agricultura convencional para uma extensão agroecológica, uma pessoa que sempre me incentivou; ao professor José Nunes, os embates, a construção do conhecimento agroecológico, a compreensão da centralidade da sistematização de experiências, superando a neutralidade, a narrativa fria, a vez da horizontalidade, de uma prática dialógica, os sujeitos e sujeitas das experiências no protagonismo; ao professor

Marcos Figueiredo, a ponte entre a universidade e as organizações nos caminhos da transição agroecológica, o modo camponês, os Sistemas Agroflorestais e o diálogo com os saberes tradicionais e originários.

“Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: Educação?Educações”
(Brandão, 1985).

RESUMO

O texto apresenta um memorial acadêmico e autobiográfico que relata a minha trajetória no Bacharelado em Agroecologia da UFRPE (Campus Recife), entre 2019 e 2026. Intitulado *Minha Tecitura no Caminho do Bem Viver*, este trabalho organiza-se em três partes: Réstias do Tempo, que aborda memórias familiares, o território de origem e as bases formativas; O Curso da Vida, que reflete sobre experiências pessoais, profissionais e acadêmicas após sair de Pesqueira-PE, em diálogo crítico com a agroecologia; e O Chamado Agroecológico, que trata do envolvimento no curso, das vivências em sala, nos territórios, estágios e perspectivas futuras. Nesse percurso, percebi como as práticas integrativas contribuem para processos de cuidado mais humanos, inclusivos e não invasivos, valorizando subjetividades, vínculos e escutas coletivas. Na Gruta, além do cultivo das plantas, construímos relações horizontais, trocas de saberes e afetos, fortalecendo o diálogo entre agroecologia e saúde, aspecto que registrei em meus relatórios acadêmicos. Entre o curso de Agroecologia e a necessidade de sustento, criei a Tenda do Viajante, circulando pela cidade com produtos artesanais, enquanto mantinha viva minha conexão com a agroecologia. Finalizo esse período destacando a participação no XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, em Sergipe, onde, em meio à diversidade de territórios e saberes, reafirmei meu compromisso com o Bem Viver, a agroecologia e a defesa da vida em sua complexidade.

Palavras-chave: Práticas Integrativas em Saúde; Subjetividades; Memória Biocultural

ABSTRACT

The text presents an academic and autobiographical memoir that recounts my trajectory in the Bachelor's Degree in Agroecology at UFRPE (Recife Campus), between 2019 and 2026. Entitled *My Weaving on the Path of Good Living*, this work is organized into three parts: *Rays of Time*, which addresses family memories, the territory of origin, and formative foundations; *The Course of Life*, which reflects on personal, professional, and academic experiences after leaving Pesqueira, Pernambuco, in critical dialogue with agroecology; and *The Agroecological Calling*, which discusses my involvement in the program, classroom experiences, territorial immersions, internships, and future perspectives. Throughout this journey, I realized how integrative practices contribute to more humane, inclusive, and non-invasive care processes, valuing subjectivities, bonds, and collective listening. In the Gruta, beyond cultivating plants, we built horizontal relationships and exchanges of knowledge and affection, strengthening the dialogue between agroecology and health—an aspect I recorded in my academic reports. Between the course of Agroecology, and the need for economic sustenance, I created *The Traveler's Tent*, moving through the city with handmade products while keeping my connection to agroecology alive. I conclude this period by highlighting my participation in the 11th Brazilian Congress of Agroecology, in Sergipe, where, amid the diversity of territories and knowledges, I reaffirmed my commitment to Good Living, agroecology, and the defense of life in its complexity.

Keywords: Integrative Health Practices; Subjectivities; Biocultural Memory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASA	Articulação Semiárido Brasileiro
BACEP	Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular
CERU	Centro de Educação Rural José de Almeida Maciel
CEDAPP	Centro Diocesano de Apoio ao Pequeno Produtor
CRFS	Casas Familiares Agrícolas Rurais
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CBA	Congresso Brasileiro de Agroecologia
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ESO	Estágio Obrigatório
EFA	Escola Família Agrícola
FETAPE	Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IPA	Instituto Agronômico de Pernambuco
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
P1+2	Programa Uma Terra e Duas Águas
P1MC	Programa Um Milhão de Cisternas
PNPIC	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
SENAC	Serviço Nacional do Comércio
SIS	Serviço Integrado de Saúde
SUS	Sistema único de Saúde
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
VU	Vivência Universidade
VRC	Vivência Realidade Campo
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNIVASF	Universidade Federal do Vale do São Francisco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	RÉSTIAS DO TEMPO	19
1.2	O CURSO DA VIDA	32
2	DESENVOLVIMENTO	41
2.1	O CHAMADO AGROECOLÓGICO	41
	<i>AGOSTO/2019 - PRIMEIRO PERÍODO</i>	41
	<i>MARÇO/2020 - SEGUNDO PERÍODO</i>	53
	<i>A Pandemia</i>	55
	<i>AGOSTO/2021 - TERCEIRO PERÍODO</i>	56
	<i>FEVEREIRO/2022 - QUARTO PERÍODO</i>	57
	<i>JULHO/2024 - QUINTO PERÍODO</i>	63
	<i>2025 - SEXTO PERÍODO</i>	68
	<i>O Começo e os Desafios da Horta Dandara</i>	69
	<i>ABRIL 2025 - SÉTIMO PERÍODO</i>	74
	<i>SISTEMATIZAÇÃO NO ETNOAGROECOSSISTEMA - OITAVO PERÍODO</i>	83
	<i>ESO II</i>	87
	<i>O Projeto</i>	90
	<i>SEMEAM</i>	95
	<i>O BEM VIVER</i>	96
3	CONCLUSÃO	100
	REFERÊNCIAS	102

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo relatar minha passagem como discente do curso do Bacharelado em Agroecologia, na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Campus Recife, em forma de memorial. Intitulei esta obra de *Minha Tecitura na Trilha do Bem Viver: Réstias do Tempo, O Curso da Vida e O Chamado Agroecológico*. Nesta organização, na primeira seção, *Réstias do Tempo*, escrevo sobre as lembranças da minha casa, da minha família, a vida no meu lugar, território da minha origem, bases fundamentais para minha chegada no Bacharelado em Agroecologia. Na continuidade, *O Curso da Vida*, discorro sobre as minhas experiências como estudante e profissional, depois de ter saído de Pesqueira-PE, vivências que se antagonizam com o olhar crítico do que faço hoje nesta escrita, com as outras possibilidades para novos horizontes no trato e cuidados com a terra, no envolvimento dos povos, comunidades, valorizando todas as dimensões humanas, no que propõe a formação no Bacharelado em Agroecologia. Na última parte, *O Chamado Agroecológico*, abordo meu envolvimento desde à minha entrada no Bacharelado em Agroecologia, em Agosto de 2019, na primeira turma, até a finalização, entre 2025 e 2026, na terceira turma. Na culminância da construção deste memorial, recorro às vivências em sala de aulas, nos territórios, nos etnoagroecossistemas, nos relatórios, nas imersões e nos Estágios Supervisionados Obrigatórios - ESO e apontamentos para temas que dizem das minhas afinidades para contribuições na formação e partilhas dentro do coletivo, além dos desdobramentos e caminhos que eu venha a trilhar depois da finalização do curso.

Transitar pelos labirintos da mente, imergir pelas profundezas das memórias, até encontrar o ponto que convença de que ali é o marco da largada para sua própria história, é uma empreitada que se demora. Atingir esse ponto, dependendo da pessoa, mesmo daquelas que tem uma rotina de escritas e leituras, pode ser antecedido de muita angústia, traduzida na ânsia de uma grande realização. Comigo não seria diferente, pensei, certamente ao final, vencendo as agruras de encontrar o marco zero, poderei não me dar por satisfeito ao descrever minha trajetória, achando que aqui ou ali, fui demais ou insuficiente, ou mesmo carreguei além da conta nas minhas emoções. Tem uma coisa que mexe com a gente também, deixar essa obra exposta aos olhares do coletivo do Bacharelado em Agroecologia e Educação Popular - Bacep e do mundo!

Esse contato com nossas memórias, marcas da vida entranhadas em nossos corpos, compreendendo que não está fora, que na sinergia, não ser mais estranheza, a quem se propõe a encarar tão nobre tarefa, superando a tentação de elaborar uma obra prima, fazendo gestos

que nos apontem para fendas que jorrem nossa genuína essência, será o conforto necessário para atingir o final da criação.

E mais, como encontrar esse fio, entre tantos outros, quase imperceptível, que nos fez sair de lugares, territórios e experiências de vida, situações tão diversas, embarcando na Agroecologia, através do Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Campus Recife, vivenciando-o de modo muito singular, na continuidade da trajetória humana e se colocar na condição de contribuir nos espaços, em inimagináveis paragens, marcado no corpo, desde a origem, a outros recantos do mundo, com a bagagem de um agroecólogo e educador?

Com uma leitura que visa confrontar o pensamento eurocêntrico sobre a América Latina, em uma vertente de pensadores e pensadoras dessa região, abraçando o paradigma da descolonialidade, vemos emergir uma perspectiva que supera a secura do conceito de região, resumida a uma divisão física e política do espaço ou mesmo em aspectos dissociados, o conceito de território nos diz muito de uma realidade complexa, indo além da especialização do espaço:

Uma das grandes contribuições da leitura latino-americana sobre o território se deve ao fato de que ela parte da esfera do vivido, das práticas ou, como enfatizava o geógrafo Milton Santos, do “uso” do território –mas que se estende bem além do simples “valor de uso”, compreendendo também um expressivo valor simbólico para não falar do emocional e mesmo do espiritual (Haesbaert, p. 76).

Isso também tem um significado importante dentro da construção agroecológica, por não ser um conceito nu e estático, desvincilhado da vida e da convivência que acontece, dentro dos territórios e das suas diversidades, seja em um quilombo, em uma aldeia ou na vida dos ribeirinhos e como se dão essas relações, relações que inerentes e primordiais aos seres humanos.

Mas contar a sua própria história, poder acessar momentos e o conjunto das experiências de vida e suas transições “auto agroecológicas”, mais que isso, nas singularidades e complexidades que caracterizam cada ser humano, nos conhecimentos acessados, além dos desafios que essa construção oferece, muitas vezes tecidas por escassos fragmentos das memórias, tanto da sua, como daquelas pessoas que você ainda consegue acessar, como também em formas diversas de registros, eis outra barreira a ser encarada na fiação do memorial.

Considerando essas barreiras, superando os temores e os vazios no momento da criação, te colocará como um protagonista, ousado dizer, o principal autor da tua vida. Da vida em teu lugar e território, a passagem por outras paisagens e territórios, na convivência,

condição necessária da humanidade, eis aí o inédito, tu és, em meio aos que já passaram, os que são e os que ainda estão se fazendo em suas singularidades.

Essa base, pelo que consta no memorial como atividade principal para conclusão do Bacharelado em Agroecologia, vai fustigar a procura de nós mesmos, que por negligência, desconhecimento dessa genuinidade submersa ou mesmo pelas dinâmicas da Vida, na pressa de sermos reativos como respostas às exigências da sociedade e pela luta diária para conseguir meios para sustentá-la, vamos perdendo a oportunidade de um autoconhecimento.

Aqui vale ressaltar que não somos incentivados a isso, soando estranha essa ideia de autoconhecimento, mais se revelando como uma missão para místicos, para pessoas que estão fora da vida real, comum, afastados dos acontecimentos do conjunto da sociedade, ficando essa abordagem omissa na maioria das vezes, tanto na família, como dentro do sistema de ensino. Sendo assim, hora de começar meu relato, iniciando pelas minhas réstias do tempo.

Esta Tecitura, em seu conjunto, nos caminhos que fui percorrendo e em minhas travessias, quando estou me referindo à metodologia, para alcançar tal feito, utilizei de vários recursos. Como será descrito mais na frente, nas Réstias do Tempo, explorei o que foi chegando como ecos da oralidade das pessoas que estavam próximas, como de imagens que foram ganhando sentido a partir do que ia acessando através do Bacep. Colhi muito nas viagens que fiz à Pesqueira e outros territórios, até das que não estavam e nem sonhavam com o Chamado Agroecológico, em meu caminhar pelas ruas da minha cidade ou nas profundezas dos montes e vales, conversando com pessoas de forma aleatória, o que para minha surpresa, se tornou tão denso, superando a paixão e o transbordamento intermitente da escrita, sinal de uma amizade perene.

Não diria que montei um esquema, mas na medida em que a Tecitura ia fluindo, me deu aquela sede de encontrar minhas pegadas no curso, era o desabrochamento do meu desejo, como encontrar o sentido de uma trajetória, então, buscar nos relatórios, que uma hora falava das imersões, das vivências realidades campos, em outras, dos congressos, das dinâmicas do curso, quando orientava e nos levava para espaços como a FUNDAJ, ampliando nossa percepção sobre o homem e a cultura nordestina.

Ainda sobre a metodologia, usar os recursos bibliográficos, mesmo de livros mais antigos, mas que no decorrer da obra foram convergindo em cada momento que avançava para chegar aos meus objetivos, como em textos e cartilhas, que foram trabalhados na sala de aula e outros que fui descobrindo para dialogarem com a mesma, considero que tive um suporte que enriqueceu esta Tecitura.

Depois de abraçar com mais firmeza a metodologia que foi amadurecendo durante esta Trilha para o Bem Viver, narrar o Curso da Vida, até chegar ao Chamado Agroecológico, com a finalização, com o encontro entre os estágios supervisionados obrigatórios, essa malha formada a partir das bibliografias, dos ecos da oralidade e dos textos e outros recursos utilizados durante o curso, me fez refletir sobre o risco que corri, mesmo dando conta, sem ter um acerto prévio com um roteiro, portanto, aqui, não querendo desconhecer da sua relevância para um trabalho acadêmico.

Antes das Réstias do Tempo, não poderia deixar de ressaltar o conceito central desta minha tecitura, O Bem Viver, que no embasamento teórico necessário em uma obra acadêmica, na concepção de que ninguém parte do nada, como uma suposta imunidade fruto da soberba, como a negação do muito do que já foi vivido, dito e escrito, em vários contextos das experiências humanas, em meu compromisso, no final, dialogarei com esse marco, com uma das descrições do que pode nos explicar o que se considera o Bem Viver, superando essa visão tacanha de se fechar e se colocar como dono da verdade, com uma percepção estática da Vida e do mundo.

Alçar a Vida como um contrato em movimento, em sua defesa, na sua valorização, diz muito do que tem ficado ausente nos caminhos que nos levaram, como humanidade, a perder de vista de que moramos em uma mesma casa, o Planeta Terra. O Bem Viver anuncia que outros caminhos são possíveis.

1.1 RÉSTIAS DO TEMPO

Ficamos situados entre dois riachos que descem da Serra do Ororubá, o de Pedra D'agua, que vem mais da direção norte e o de Izabel Dias, que parte do leste, se encontrando na antiga fazenda de Dr Moacyr de Britto, nos fundos da nossa casa, na Rua Cel Didier Maciel, 73, B. Centro, da cidade de Pesqueira, no estado de Pernambuco, ligada por uma ponte ao Bairro do Xucurus.

Nessa propriedade existia um extenso plantio de capim, suporte alimentar para sua vacaria de leite, vendido a moradores da cidade, além de ser entregue o excedente para antiga Companhia Industrial de Leite de Pernambuco - Cilpe, estatal, que tinha um posto de recepção da produção local de leite em Pesqueira. O leite tinha a nata densa, era gostoso de ver e saborear sobre o cuscuz quente ou pão de milho, como costumava chamar meu pai,

envolto no pano branco e feito no fogão a lenha. Parte dessa vacaria era campeã na produção de leite, tanto em Pesqueira, como em Recife, nas exposições agropecuárias.

Tanto os riachos que vem da serra, como uma parte da drenagem da cidade, carregam areia para esse baixio, que também envolve nossa rua, o que ao longo dos anos, entre chuvas amenas e de trovoadas, nesse deslocamento, foi se transformando em um aluvião, isso faz parte de um grande vale, descendo além do Bairro da Pitanga, guardando água embaixo da terra, com as águas superficiais viajando na direção do Rio Ipanema, que nasce em Pesqueira e é um dos afluentes do Rio São Francisco.

Sobre esse terreno, de reservas hídricas subterrâneas, foi erguida nossa casa. Foi ali que meu pai, com cinco filhos, viúvo, chegou para morar, depois de ter se casado com minha mãe, logo no início da década de 1950. Sou o nono filho da união do meu pai, Durval Ferreira Farias, com minha mãe, Julia Gomes de Freitas Farias, depois de mim, ainda nasceram mais dois, perfazendo uma família de dezesseis irmãos, sendo oito homens e oito mulheres.

Em minhas réstias do tempo, réstias, essas nuvens de lembranças, ora com a nitidez da experiência do real, outras vezes como pedaços dos fios, que me constituem e vão me transformando como ser e ir sendo, dentro da transição agroecológica, me trazem fragmentos de uma teia viva, entre o mundo da escola, da família, da rua, aqui não trago o diálogo natural entre esses três espaços, mas a potência deles como oferta das minhas réstias para essa viagem, o memorial.

As águas, elas que se apresentam de formas intermitentes no semiárido nordestino, estações das chuvas que variam de ano a ano, no do meu nascimento, 1964, chegaram além da generosidade nos primeiros meses, foi um, - Deus nos acuda! - gente para todos os lados, aquela correria para salvar vidas e objetos, era uma enchente, que chegou a atingir um metro de altura em minha casa, eu ainda no ventre da minha mãe, a minha chegada para ser no mundo, seria em dezembro. Os riachos de Pedra D'agua e Izabel Dias vieram na força das suas correntezas, o que ainda acontece, variando os impactos que causam em algumas partes baixas da cidade de Pesqueira

Minha casa já era cheia de vidas, a enchente deixou uma marca, a solidariedade, a dedicação para nos resgatar, era mais, cuidados mútuos, pois muitas famílias ali, também foram atingidas pela enchente, mas na casa de seu Durval e dona Júlia, havia aquela meninada toda e as dificuldades de uma família limitada com poucos recursos para sua sobrevivência, mas não faltava a generosidade em acolher e de também ser acolhida.

Em 1964, a enchente, suas consequências, uma repercussão local, enquanto o Brasil fervia com o Golpe Militar de 1o de Abril, com reflexos que eram mais nítidos nas grandes

idades, com destituições dos escolhidos pelo voto popular, desde vereadores ao presidente da república, com as garra do regime perseguindo opositores, chegando a torturas e mortes daquelas pessoas que não comungavam com as ideias que iriam dominar o Brasil por mais de vinte anos.

Sem dimensionar os níveis desses acontecimentos e outros que não alcanço nessas minhas Réstias do Tempo e suas influências em mim, chego ao mundo como fruto da união do meu pai, Durval, com minha mãe, Júlia, na manhã de 19 de Dezembro de 1964, em nossa casa, no centro da cidade, pelas mãos de uma parteira, como foi com meus irmãos e minhas irmãs. Estava dada a partida para minha escrivência, conceito construído pela professora e escritora, Conceição Evaristo, unindo a escrita e dentro dela, o vivido pelo ser humano e suas conexões com o coletivo, a vida no território, o que irei narrar o de antes e da minha trajetória no Bacharelado em Agroecologia, neste memorial, para mim, carregado de sentido e simbologias.

Na longa, porém, estreita casa, adensada de gente, me vem a lembrança da sala, e nela, o extenso balcão da antiga alfaiataria do meu pai, onde brincávamos de se esconder, do outro lado, a velha e mecânica máquina de costura, Singer, utilizada por ele para escassas costuras, no corredor, os quartos, pisando do cimento queimado ao lastro de tijolos aparentes, na umidade, passando pela cozinha de fogão a lenha, chegando até o quintal com seu pomar, com pés de laranja, goiaba, abacate, coco, banana, mamão, ciriguela, nos dando frutas e chás, como o olho da goiabeira para dor de barriga.

Além disso, a criação de galinha de capoeira, bem cuidada por minha mãe, nos fornecendo ovos e de vez em quando, a carne, preparada por ela, com suas mãos talentosas, deixando sabores inigualáveis, não tinha melhor do que o prato de xerém bem quente, na perfeita mistura com feijão, que dava para gente e quem chegasse, deixando os elogios para minha mãe.

Enquanto minha mãe cuidava da prole e dos afazeres domésticos, meu pai atuava no Posto de Saúde de São José, na Serra do Ororubá, foi a sua bola de ouro, segundo dizia, pela conquista de um emprego federal em 1961, melhorando as condições de vida da família, como auxiliar técnico de enfermagem, no Serviço de Proteção ao Índio - SPI e depois na Fundação Nacional do Índio - FUNAI, envolvido na missão de cuidar da saúde dos “caboclos” da serra.

Percorrendo vários sítios a cavalo, Brejinho, Jitó, Afetos, Pedra D'água, Lagoa, Cana Brava e outros, entre brejos e agrestes, passando por “propriedades”, no tempo, de fazendeiros, como parte de uma equipe de cuidado, um homem afeito a escutas e longas

explanções, nas suas experiências de vida e no que ali se passou, nas palavras dos velhos fartos das memórias, que do legado, que deixaram para o que conhecemos hoje na história, como luta, resistência e retomada do território pelo Povo Xukuru.

Em nossa casa, estudantes, homens estudados e quem gostava de prostrar, muitos deles até gravaram e escreveram sobre o que o meu pai falava da história do Povo Xukuru, se perdendo o que ele mesmo escreveu em fragmentos com suas limitações na escrita, deixando suas marcas de potência na oralidade, que ainda se mantém viva, em retalhos por nossa família e por muitos que conviveram com ele.

Sem meias palavras, meu pai, com sua paixão, sensibilidade, compromisso, autodidatismo e amor a causa, foi além do trato com a saúde daquela população, na oralidade dos mais velhos daquele território, usando sua oralidade, soube captar da importância do toré, da religiosidade, das palavras-chaves que ainda restaram da língua daquele povo, como na contribuição do resgate da participação dos Xucurus na Guerra do Paraguai, pois na escuta naqueles anos de 1960 e no conhecimento dos marcos que definiam aquele território.

E muitos por ele assistidos, haviam nascido no século XIX, isso movido ao café no pilão, de grãos brotados nas terras altas da Serra do Ororubá e na fumaça subida dos cachimbos e pacaias, nas longas conversas na serra e em passagens e estadias em nossa casa. Minha mãe, os pequenos, adolescentes e adultos já estavam acostumados a esses longos encontros que variavam às madrugadas quando necessitavam ficar na rua para resolverem algumas questões, o que meu pai se dedicava em ajudar em muitas partes burocráticas.

Isso era quando vinham para feira de rua na quarta-feira, vendendo os frutos das suas colheitas, para compras no comércio ou para atendimentos médicos, trazendo alguns agrados para nossa família, como a massa de mandioca, o beiju, o xerém, a farinha, o fubá, a fuba, a umbuzada, ovos de capoeira, araçás, ingás, pitombas, umbus, aqueles maracujás pequenos, vermelhos e doces, na volta, a doação do meu pai do reforço para suas ceias, açúcar, café, bolacha, sardinha salgada, jabá, a mistura, uma troca que se fazia pura e com amorosidade. Dessas relações, a consideração e o respeito, eram mútuos, o que fizeram com que meu pai e minha mãe se tornassem padrinho e madrinha dos muitos filhos daqueles, que com nós, criaram laços de amizade.

Foram muitas as linhas que se cruzaram e se cruzam até hoje desde meu pai, aos nossos dias, que vem do concreto, das primeiras rochas quebradas para abrir um caminho mais largo para adentrar a Serra do Ororubá, frisando as pedras, roladas à base de picaretas, ali na Serrinha, ampliando as passagens para gente e animais, carregados de frutas e verduras

que abasteciam as feiras, tanto da quarta, como as do domingo, ficando essa última a acontecer posteriormente aos sábados.

O velho, como memória para se fazer presente como sabedoria nestas minhas Réstias do Tempo, já envolvido com a nova família, esteve ali, bem nos primeiros anos da década de 1950, comandando uma frente de trabalho, através da Prefeitura de Pesqueira, para aquela missão, melhorar a ligação da Zona Rural, no detalhe, a Serra do Ororubá, a cidade de Pesqueira. Era uma mexida no território, que no conjunto, envolvendo a sede do município e a Zona Rural, no primeiro, já se respirava o “progresso”, a cidade era a Terra das Chaminés, com suas fábricas de beneficiamento do tomate, da goiaba, a partir dos produtos, a ligação com o Brasil e o mundo, enquanto a segunda, era o “pedaço do atraso”, do tempo dissociado da “evolução”. Fico por aqui, na concepção de que a história não é linear e nem definitiva, outros ventos chegam e provocam outras perspectivas.

Mil novecentos e sessenta e oito fechava o ciclo da geração de filhos entre Durval e Júlia, com os cinco do casamento anterior do meu pai, formamos uma turma de dezesseis irmãos, com os primeiros largando os laços para fazerem os seus caminhos. Nas réstias, em imagens que emergem cinzentas nesta tecitura, muita gente no movimento que antecedia a escola. Mas e a ancestralidade, palavra, conceito tão presente no Bacep, o que dizer dela, se nem mesmo a época vizinha antes da minha chegada ao mundo me parece tão próxima, palpável? Situação comum às famílias que vieram de sucessivos quadros de dificuldades para se manterem, em meio a realidades tão diversas, que refletem nos poucos registros físicos e até mesmo no apagamento que se faz com a dispersão e a luta pela sobrevivência.

Do que alcancei nas prospecções, nas significações do que me fez me mover aqui dentro, além de outras passagens que foram e vão me forjando em meu caminhar no mundo, nesta minha tecitura na trilha do Bem Viver, não poderia deixar que os ventos que hoje me inspiram na construção deste memorial, ficasse sem dizer daquele senhor que nasceu em Jatobá do Brejo, vilarejo pertencente a Brejo da Madre de Deus, que posteriormente, em sua emancipação, ficou batizado de Jataúba.

Foi lá que meu pai nasceu. Filho do ferreiro, trabalhador da agricultura, do plantio ao ensacamento da cultura do algodão, o “ouro branco,” até aos armazéns dos remediados e homens dos grandes negócios daquele tempo, das primeiras décadas do século XX, Firmino Ferreira de Melo e da costureira, Maria da Conceicao Farias, que foi deserdada pelo pai, homem de um certo recurso material, ela, nascida na costa paraibana, no Cariri, ali no Congo, que faz fronteira com Pernambuco, por ter se casado com um homem simples, desprovido de dinheiro, terras e negócios.

Foi da minha avó, nascida em 1888, o incentivo para que os filhos entrassem na música, a Igreja Católica animava isso, pois a banda tocava no dia do padroeiro, São Sebastião, nas procissões e nas retretas em frente a igreja. Muitos deles fizeram parte da banda de música de Jatobá do Brejo e posteriormente, da região e de outras localidades mais distantes, no desenrolar das suas vidas, como meus tios Zi, Diano, João, que saíram levando a música para São Paulo e o Rio de Janeiro, tocando clarinete, trompete, violão, saxofone, com meu tio Diano, até escrevendo partituras e regendo bandas nos seus dias de vida no Nordeste. Longe do meu alcance, meu pai tocava tuba e trompete, por Jatobá e por outras paragens de Pernambuco, como na oportunidade de tecer o fardamento da Banda de Música de Umburanas, hoje Itapetim, no Sertão do Pajeú, onde nasceu minha irmã, do seu primeiro casamento na década de 1940.

Minha vó também ensinou a arte da costura a seus filhos e filhas, ela que era conhecida entre Jatoba, Brejo da Madre de Deus e nas redondezas, como Dudu Farias, costureira de fina arte, fazendo vestidos, ternos, transformando sua prole, na maior parte, no desenvolvimento desse ofício, além de se dedicarem à agricultura, naquele tempo, fazia-se de tudo para alcançar os meios para sustentar uma família, foi até ela que ajudou no entendimento das primeiras letras e da tabuada, como as bases para seus filhos e filhas fazerem suas vidas. Foi através da música e da arte de alfaiate que meu pai ficou conhecido e saiu rodando por vários municípios, depois de ter se casado com Maria Josefa Duarte, formando sua primeira família.

Da parte da minha mãe, segunda esposa do meu pai, depois de ter ficado viúvo, vem a descendência como filha, de Mariano Gomes de Souza e Maria José, que geraram uma família com mais de dez, entre filhos e filhas, na Vila de Santa Terezinha, conhecida popularmente como Mutuca, eram trabalhadores do alugado, sofrendo com os poucos recursos que conseguiam para sustentar a família. Na primeira metade do século XX e nos primeiros anos da segunda metade, o município de Pesqueira viveu o auge das fábricas de beneficiamento da goiaba e do tomate, mas repetindo o que se dá dentro do modelo de produção capitalista, produção e acumulação, a histórica concentração da renda. Essa família, que trabalhava no alugado, no entorno daquela pequena vila, além de alguns dos meus tios tendo que ir trabalhar no sul da cana, no plantio, adubação e no corte da cana de açúcar.

Esses tempos duros que viveu a família da minha mãe, fizeram com que a família fosse se dispersando, com tios e tias fazendo o êxodo para São Paulo, fugindo da seca e da fome, por aqui ficando, meu tio Antonio, minha mãe e a tia Glória, a mais velha, que também formou uma numerosa prole, pela diferença de idade, era como uma conselheira da minha

mãe, vivendo na Zona Rural de Sanharó e depois vindo a morar na cidade com seu esposo, filhos e filhas, negociando em uma bodega, ainda no tempo do candeeiro de camisa.

Da casa da minha tia, de quintal grande, tenho entre as minhas melhores lembranças, nossa ida até lá, era pura animação, palco de muitas das nossas travessuras, correndo atrás das galinhas e também na degustação delas, no preparo da minha mãe e suas sobrinhas.

Minha mãe, nascida em 1931, antes de cair no encanto do viúvo, na Vila de Santa Terezinha, pois meu pai foi morar lá, a vila fez parte desse apogeu econômico de Pesqueira, tendo homens “situados”, local que corria algum dinheiro, deixou aquele lugar em uma campanha humanitária, vindo a passar um tempo no Colégio Damas, em Recife, onde aprendeu o bordado e outras artes, sendo uma mulher prendada, com mãos precisas no tempero e no preparo de comidas, desde a galinha de capoeira ao bolo de macaxeira.

Isso foi um curto período, pois numa passagem, meu pai se instalara ali, costurando ternos para o dia a dia daqueles homens que dispunham de uns certos “cobres”, com sua alfaiataria, além de se envolver em trabalhos da igreja. Minha mãe terminou se unindo ao viúvo, pai de três mulheres e dois homens, entre crianças e adolescentes, perdera seis, nas dificuldades inerentes ao tempo, comuns, com as restrições no campo da saúde e das próprias condições materiais. Posteriormente, já na cidade Pesqueira, gerou o casal outra prole de onze filhos, de cinco mulheres e seis homens.

Esta casa que ora revisito, tem uma dimensão de significado e sentido para o escopo deste trabalho, deixa-la como ausência, seria como sofrer da perda de um ente e abruptamente não permitir viver essa saudade, que dói, puxar disso, vem as memórias das flores e espinhos que fazem parte da convivência humana, seja em família, comunidade ou na inserção em uma sociedade.

Nas minhas Réstias do Tempo, vem ausências, falta do estado de presença no cotidiano da criança, mas que aqui supro com as imagens que chegam como no fio de um filme sem intervalos, que nunca serão um tratado histórico, com a soma da oralidade dos mais velhos, os fragmentos dos que já nos deixaram e as lembranças de cada parente e amigo, contribuindo para somar na organização desta Tecitura. Aqui fui formando, em parte uma linha, na perspectiva freiriana, o que antecede as palavras é leitura do mundo, ainda que tardia, mas puramente minha leitura, sobre minha casa e o mundo, se abrindo em tela grande, que olhando para frente, pisando o chão, na sua luz, me inspira e clareia os meus caminhos.

Se por um lado a arte é uma nuvem que paira sobre esta construção, nuvem densa que aqui ecoa e não se desfaz, nas multifacetas do meu pai e da minha mãe, que esta distância me permite observá-las, como reserva para toda a minha vida, ela não entrou na escola, meu pai e

minha mãe, nos queria na escola, agora ali, depois de gerarem uma família com onze filhos e se firmarem, diferente das muitas mudanças de lugares do primeiro casamento do meu pai, as dificuldades daqueles tempos, nossa casa, a nossa rua, em uma pequena cidade do interior, as escolas estavam ali, bem perto do alcance de nossos pés e sonhos.

O mundo das letras e das primeiras operações matemáticas se abriam para todos nós, filhos de um artesão e de uma dona de casa e também com suas habilidades, esse tempo naturalizava o apagamento das outras dimensões femininas, que iam além da geração e cuidados com os seus filhos.

A minha casa é a minha escola, com suas nuances e contradições, tomando aqui emprestado o conceito de posição no mundo, da professora Conceição Evaristo, a escrevivência, ato de não se colocar no mundo de forma neutra, adesista e submissa, pois olha para dentro, ver-se no mundo, percebe-se como ser nele, apesar das incompreensões e injustiças, dos silenciamentos, das torturas físicas e psicológicas, como formas de apagamentos das referências e histórias, proibições dos cantos e movimentos dos corpos orgulhosos das sua origens.

Percebo neste meu caminhar para chegar até ao final desta minha tecitura, neste memorial, clarear mais aqui, o conceito de escrevivência, pois sinto que meu tecer será denso, cheio de vida, em todas as suas correntezas, em uma contribuição de Rosana Borges, quando vai beber na formulação de Conceição Evaristo:

“Conceição Evaristo é referência obrigatória para pensarmos o processo de escritura, para quem o termo se constitui num operador que inscreve as histórias na lápide da memória a partir das vivências. Escrita e vivência, para Evaristo, andam juntas, daí a emergência da expressão escrevivência em sua obra. Becos da Memória e Ponciá Venâncio, dois romances da escritora, consagram a escrevivência, com relatos memorialísticos que reatualizam o passado, tecem o presente e organizam o futuro. Escrevivência poderá, assim, suportar um modelo de escrita sobre histórias silenciadas, negadas, vilipendiadas”. (Rosane Borges Escrevivência em Conceição Evaristo: armazenamento dos saberes silenciados / Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020 p. 189

Com as palavras fortes em que construiu o seu conceito, a professora Conceição Evaristo, trazendo a reação das vozes dos oprimidos, sua escrita traz seu sofrimento e os reflexos em sua vida, com as dores dos antepassados, dos próximos, a escrevivência como

grito da revolta, da indignação! A memória pode trazer dores, lágrimas, incômodos, até nos paralisar ao acessá-la, pois pode vir carregada de medo, porta aberta para incompreensões e até o não enxergar ressignificações, frutos de marcas profundas e cicatrizes em aberto, mas só adentrando por ela é que seja chega, individual e coletivamente, ao centro para transformação do ser e do coletivo, esse encontro pode ser uma abertura para liberdade:

A memória permite que os indivíduos se lembrem de eventos do passado. Assim como os indivíduos, as sociedades têm uma memória coletiva, uma memória social. Em ambos os casos, a capacidade de lembrar é fundamental porque ajuda a compreender o presente e, portanto, fornece elementos para o planejamento do futuro, bem como serve para reconstituir eventos semelhantes que ocorreram anteriormente e até mesmo eventos inesperados. Da mesma forma que os indivíduos e os povos, a espécie humana tem uma memória, que nesse caso permite revelar as relações que a humanidade tem estabelecido com a natureza, sua base de sustentação e referencial de sua existência ao longo da história. Embora, em teoria, todas as espécies tenham uma memória que lhes permite se manter e sobreviver no contexto em constante transformação da história natural, a espécie humana é a única que pode, de forma consciente, remontar as recordações que compõem sua própria história com a natureza (Toledo; Bassols, 2015, p.18).

A canilha, o abanhado, o alinhavado, a costura, a agulha de costura e a da injeção, a retreta, o açoite do Capibaribe, o bombardino, o tuba, a harmonia, o tergal, o linho, a cambraia, a linha, o remendo, o tecido, o modo, o alinhavado.

Meu caminho, por doze anos, se fez entre minha casa e o Grupo Escolar Rui Barbosa, que veio a se transformar, nos últimos anos da minha passagem por lá, no Centro de Educação Rural José de Almeida Maciel - CERU. Foram anos difíceis, pela minha introversão e dificuldades na aprendizagem, nem por isso, deixei de fechar todo o ensino primário e fundamental, naquelas escolas, com minha mãe sendo incansável na procura de reforço para que eu aprendesse a ler, e foi com dona Acidália, sua amiga de infância, que penosamente, já repetindo a terceira série, consegui aprender a juntar as letras, formar palavras, descoladas dos sentidos, sob o comando daquela severa alfabetizadora, aos meus onze anos de idade.

Nessas réstias do tempo, no caminho que fazia até a escola, o cheiro das goiabas sendo cozinhadas nas fábricas, depois transformadas em doces, de caldas ou de cortes, o mesmo acontecendo com os tomates, transformadas em conservas para várias finalidades, seja na mesa ou na cozinha, era a terra da chaminés, que também ofereciam aos meus olhos e cheiros, quando da passagem dos caminhões carregados daquelas matérias primas em direção às fábricas, que eram muitas, a Peixe, a Rosa, a Recreio, que depois foi comprada por um grupo italiano, Bonfiglioli, fixando sua marca como Cica Norte.

Esse movimento era uma continuidade de outras décadas que marcaram a história de Pesqueira, como um centro de referência e apogeu econômico, tanto em Pernambuco, como no Nordeste, dentro das contradições do que se conceitua como progresso, perpetuando o sistema de acumulação capitalista. O município da Diocese, da Rádio Jornal do Commercio, do Campo de Aviação, da “Montadora da Ford”, da Exposição de Animais, da Fábrica Peixe, do Bueiro da Peixe, do Colégio das Irmãs Doroteias, o Apito das Fábricas, são registros e ecos que pude acessar como sinal da grandeza e progresso e suas contradições, falado e espalhado pelo mundo como marca daquele lugar em que nasci e vivi:

Olhando-a nesse lado que cresce e progride com indústrias modernas, caldeiras possantes, máquinas formidáveis, a indicar com o dedo colossal das suas chaminés muito altas, ao visitante que se aproxima, que aqui há uma colmeia em atividade fecunda, há um trabalho intenso, há capital casado com energia parindo mais capital, há progresso enfim (Falcão, 1948 *apud* Oliveira Filho, 2017, p. 116).

Na tese, Oliveira Filho mostra que Aluísio Falcão continua o artigo abordando sobre a correspondência entre crescimento econômico e maior equidade social, como algo a ser atingido. Apesar de ser membro da elite pesqueirense, intelectual e defensor dos interesses dominantes, no mesmo artigo - “Gosto de Minha Cidade” - fala também sobre a modernização e o crescimento econômico da localidade sem deixar, contudo de destacar a situação de pobreza da maioria de sua população:

Olhando-a, também do outro lado. O lado da pobreza. E por que não ser franco? - no lado da miséria. Nos bairros operários. No Prado. Na Pitanga. Na Mandioca. Em São Sebastião. Cresce a cidade de um lado - o lado da máquinas possantes; das caldeiras que caberiam todo um dilúvio; das chaminés que parecem subir ao céu atingindo-o com as longas, intermináveis espirais de fumo como numa prece de remorso dos ricos; da cultura técnica e racionalização do ‘pomo d’oro’ maravilhoso; do capital que atrai o capital na razão direta de sua massa; etc., etc. - cresce a minha cidade desse lado em detrimento do outro, do lado pobre, sem habitação ou vilas populares condignas, sem o mínimo de conforto para as numerosas famílias de trabalhadores, sem assistência médica, sem remédio, sem escola? (Oliveira Filho, 2017, p. 117).

Continuando ao que estava convencionado antes da minha chegada ao mundo, ao que se fazia bem explícito pretérito e na conformação da união entre Durval e Julia, a cidade respirava esse ar do dito progresso, que as minhas réstias do tempo não trazem como inserção na massa dos que produzem essas riquezas para acumulacao de poucos, a não ser em eventuais passagens pelas fábricas, o tempo me diz que o artista, não como uma orientação dos meus pais, que seus herdeiros caminhariam para voos criativos, sem erudição ou métricas, e mesmo, no apogeu da fama.

Olho os desenhos, a costura das minhas irmãs, a encarnação dos personagens nas peças de teatros, escassos espaços, dos meus irmãos, a observação, a curiosidade e o domínio, na desmontagem e montagem de motores e outros sistemas automotivos, a Oficina de Luiz Deolindo era um leito quase natural dos que desciam da serra sem nem mesmo dominarem as quatro operações e mesmo o ABC, e mesmo as palavras no papel, para formarem frases, era tão somente a “leitura do mundo”, agregando também pessoas da cidade, começando pelos serviços mais básicos, de limpar a oficina, lavar as peças com gasolina, depois, muitos prosseguiram na profissão de mecânico de automóveis.

Essa cidade pronta, que no olhar da atualidade se desfez, vejamos a importância e protagonismo do Povo Xukuru, sua luta e reconquista do seu território, a persistente busca da Igreja Católica, empresários e dos muitos administradores que passaram e que estão no executivo municipal, de transformar Pesqueira ainda mais, em um lugar turístico, com seus casarios, as igrejas e o Santuário de Nossa Senhora das Graças, no Sítio Guarda, dentro do Território Xukuru. Mas trago ainda essa visão estrangeira, uma percepção dos que vinham de fora, do pouco que guardei para refletir sobre por onde começo a falar, muito além do meu “lugar de fala”, não enxergando como algo fixo, pois somos transcendentais, estamos sempre em movimento, garimpando, incorporando e descartando o que não nos expressa como identidade:

Francamente, não pensei em encontrar uma cidade tão bem arrumadinha, limpa, ruas bem organizadas.

Chamou-lhe atenção também “o jardim recentemente inaugurado (...), da Praça Dom José Lopes “ e a casa comercial Loja Sant’ Águeda, em prédio novo e moderno, (...). É uma loja de fazendas de boa aparência, assemelhando-se às Lojas Paulistas (...) da cidade de São Paulo”. Essa loja era de José de Almeida Maciel.

“Quanto à Fábrica Peixe, nunca supus, é uma potência industrial que honra o Brasil, não tendo mesmo, a confronto, similar na América do Sul”.

“Da cidade, observei que a gente é boa, simples com certo grau de civilização europeia, (...)”

Entrevista concedida pelo Senhor Artur Sticckel, chefe da contabilidade das Indústrias Matarazzo, a Glicério Maciel, na cidade de São Paulo, após visitar Pesqueira em novembro de 1941, sendo ambos colegas de escritório (Oliveira Filho, 2017, p.118).

E esse olhar do outro sobre Pesqueira, era o olhar do outro, queria muito alcançar aqui, outras percepções, a de quem, na base do seu suor, suas dores silenciadas, contribuindo para construção daquele lugar, com sua história e contradições, me convenço, a escassez do tempo e os limites que se impõem neste memorial, não deixando de ressaltar aqui o equilíbrio, vou no caminho da aproximação de outras percepções:

A indústria é responsável pela modernização da cidade, entretanto essa ação modernizadora parece apenas resvalar na população. Uma vez que quando ocorre a decadência desse setor, nos anos cinquenta, arrasta consigo os demais segmentos da economia e põe a nu as condições precárias de vida dos munícipes. Alder Júlio Calado, na sua dissertação de Mestrado (1979), reproduz o depoimento obtido em meados da década de 1970, de um cidadão pesqueirense, que havia por quatro vezes se candidato a vereador, portanto alguém que vivenciou a crise da indústria tradicional de Pesqueira nos anos de 1950. A falta de emprego aqui é um negócio sério, tudo porque muita gente sem terra é forçada a abandonar a agricultura e a vegetar na cidade, sem emprego. Daí a carestia que enfrentamos nos gêneros alimentícios e outras coisas, porque se compram as propriedades e derrubam as casas dos moradores e expulsam eles. Os terrenos de farinhas acabaram para dar lugar aos bois. Quando o agricultor vivia no campo, criava e vendia barato. O homem está desvalorizado. Há falta de comunidade. Cristo disse: ‘Amái-vos uns aos outros’. Há desrespeito à lei, em geral. Mas o negócio é não baixar a cabeça pra ninguém, apesar de ser cristão. Se a gente diz que houve uma melhora no setor educacional e sanitário [sic], mas houve piora no setor humanitário: há agricultor e operário que tomam emprestado até 20%. Todo homem, em princípio é rico, mas os homens se desviaram, os homens tomaram dos seus irmãos (Calado 1979, p. 91 *apud* Oliveira Filho, 2007, p. 81).

Nessas contribuições que agrego em minha tecitura*, observo de como estava marcado o meu lugar, “território de sentidos”, como uma paisagem e teias de relações que envolviam o rural e o urbano, um rural expandido, pois muitas das matérias primas que abasteciam as fábricas, vinham de municípios vizinhos ou mais distantes, sendo Pesqueira, também conhecida com destaque como bacia leiteira, portanto, havia o industrial e o fazendeiro. Esse complexo me parecia estável e imutável. Nem de longe apontava para essa configuração da atualidade, o Território Xukuru e a instabilidade de uma nova marca, uma atividade econômica que fizesse jus a um novo ciclo, após o apogeu das fábricas.

Essas cenas e configurações estavam nos meus dias e cotidiano no caminho para a escola, escola das minhas encruzilhadas, frequentada por doze anos, desde o Jardim da Infância à oitava série, final do ginásial. Estudante assíduo, de corpo presente, à luz do tempo, nesta minha réstia do tempo, no acolhimento que hoje faço, na sobriedade, sem a tentação de acertos, foi uma dúzia de dificuldades, tocar no céu do conhecimento era uma miragem.

O conforto, como resultado, estava em uma escola, em seu tempo, no decorar, era uma sobrevivência para quem não avançava nas fórmulas e resoluções de problemas matemáticos e no domínio da gramática, que ficava mais nítido, no deslanchar em disciplinas como Geografia, História, Ciências, Moral e Cívica, Religião e até na de Francês. No balanço, os anos finais do ginásio, me trouxeram alguns suspiros de alívio, sinais que apontavam nas emergentes e flutuantes construções dos textos nas aulas de redação, em minhas réstias, as primeiras metáforas, o imaginário como fonte inesgotável, do mundo dos sonhos, uma liberdade como poesia, talvez atenuantes para aliviar as dores de estar no mundo.

Vivi esse mundo apartado, entre a escola, a casa da família, a rua, as réstias me trazem como ausências, portanto, não toquei, não me fiz em gestos e palavras nas várias dimensões do que via em minha casa e naquele quadrante de rua, de muitos movimentos e passagens.

Caberia tudo isso aqui? Memorial? No imediato me leva a uma reserva, a um arquivo, que acesso, depois devolvo ao seu lugar, vou abrir outra gaveta! Mas a existência, como presença na vida, não admite separação, é encadeamento, continuidades, uma dialética sempre presente, que faço menção aqui, como aproximação, ressaltando esse não esgotamento de conceitos e dimensões da ciência, da Agroecologia, quando da homenagem a Eduardo Sevilla Guzmán, Sementes da Agroecologia:

Eduardo Sevilla desenvolve sua interpretação da realidade a partir do contexto histórico e social desde uma perspectiva dialética, crítica e inovadora, que é base para o arcabouço conceitual da Agroecologia. Deste modo, ele compreende a Agroecologia a partir de uma perspectiva social e política transformadora...Para fundamentar a sua abordagem holística, estabelece conexões entre marxismo, campesinato, ecologia, sociologia e desenvolvimento rural (Figueiredo; Lima; Caporal, 2024, p. 23).

Sob esse olhar, sem deixar de considerar as armaduras que predominam nos espaços em que se constroem a ciência, a cada dia mais fragmentária, pois dela vão surgindo outros campos, especialidades que criam uma perspectiva de separação, desvinculação com o todo, se perdendo da integração como concepção de uma abordagem holística, como em uma interação biomédica, o profissional, por vezes, diante da pessoa com alguma disfunção ou sintoma só conseguisse enxergar o problema sem olhar para o princípio da Biocêntrica*, escutar, sentir a pessoa como um todo, dentro de um corpo que é mais que qualquer forma de distúrbio.

Nesta finalização das minhas Réstias do Tempo, o que sobressai da escola, em meu término ali como estudante do ginásio, não me ficou sombras que justificasse o seu novo nome, Centro de Educação Rural José de Almeida Maciel - CERU, homenageando um personagem da história local, depois de ser o Grupo Escolar Ruy Barbosa, uma concepção de Estado vertical. Não consegui expressar sobre as lavouras do meu pai, na combinação de meia com os “caboclos” da Serra do Ororubá, eram sacos de milho e feijão na época das boas colheitas, rendendo pamonhas e canjicas nas festas juninas, como depois, nos roçados às margens do Rio do Bálsamo, afluente do Rio Ipanema, bem nos fundos do Parque de Exposição Praxedes Didier, último local de trabalho do meu pai, era para lá que ele levava os últimos filhos, todos homens, para mexerem com a terra, desde do preparo da terra, do plantio até à colheita.

Um ar novo se anunciava, era a minha saída para o mundo, estudar fora, que Tecerei, como continuidade, o Curso da Vida, que vai além do mundo da escola, minha Vida e seus movimentos, até chegar ao Chamado Agroecológico, como entre outros e outras, protagonista, na construção do Bacep, o Bacep, esta feitura de muitas muitas mãos, das que se foram, deixando suas marcas, das que estão e das que ainda estarão por vir, nesta dinâmica que cresce e se expande como uma convocação para defender a Vida, a Vida em uma teia. Adentrar as Réstias do Tempo, me trouxe medo e coragem, mas o Bacep, no complexo, no tecer junto, é o facilitador desta viagem no tempo, fonte de muitas inspirações para estar e ser no mundo.

1.2 O CURSO DA VIDA

Sair para o mundo, o mundo que eu tinha medo, enfrentar o desafio de morar em outra cidade, estudar em uma escola grande, escola que recebia estudantes de diversos lugares de Pernambuco e até de outros estados, com professores e professoras que também vinham de diferentes partes deste imenso Brasil. Havia passado na prova da Escola Agrotécnica Federal de Belo Jardim, município que fica a 30Km de Pesqueira, todos na Microrregião do Vale do Rio Ipojuca, no Agreste de Pernambuco.

Uma profissão, mexer com as atividades do campo, com a terra, dentro de um modelo de ensino tecnicista, conjugando o profissional com a formação no ensino médio, a Escola Agrícola fazia parte de uma grande rede de escolas federais que objetivava a formação técnica na área das ciências agrárias.

Ser levado a fazer o curso era um caminho que parecia seguro e garantidor de uma colocação no campo do trabalho, nesse contexto, a lógica seguia a orientação do regime político de então, suprimindo o debate sobre a realidade sociocultural do país, sairíamos preparados para assumir funções dentro de instituições como o Instituto Agrônomo de Pernambuco - IPA, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, que fazia parte de um sistema nacional, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA e outras afins, e mesmo em grandes empresas privadas agroindustriais, esse era do campo dos sonhos, com poucas menções a uma extensão rural voltada a complexidade da vida nas comunidades camponesas, dos povos originários e tradicionais:

A ditadura militar instalada no país em 1964 impôs a REVOLUÇÃO VERDE que implica a utilização de todo um aparato industrial, financeiro, científico, tecnológico, educacional, agroindustrial e comercial por meio de ações do Estado e

do capital privado, configurando um poderoso sistema e um bloco de poder burguês que invade amplos territórios camponeses impondo-lhes a modernização conservadora e a condição de subalternidade, seja como “produtores menores” de alimentos e de determinadas matérias-primas, seja como trabalhadores semi assalariados ou assalariados em processos agrícolas ou industriais (Tardin, 2012, p. 186).

Essa lógica não era tão nova, a extensão rural, como ainda hoje predomina, tem em suas pedras basilares o “difusionismo tecnológico”, de chegar no campo com a receita pronta, que de forma vertical não considera os saberes comunitários, a vida das pessoas entranhadas em seus territórios, o acúmulo de memórias, um arquivo vivo que está na prática, nas vivências, no cotidiano e na transmissão maciçamente oral. Alcancei essa orientação desde meu lugar de origem, em extensas áreas de plantio do tomate, frutos que eram destinados às fábricas locais. Em uma crítica a esse modelo, no livro, *Extensão ou Comunicação?*, Paulo Freire fala dos limites dessa abordagem:

O agrônomo não pode, em termos concretos, o seu quefazer a esta neutralidade inexistente: a do técnico que não estivesse isolado do universo mais amplo em que se encontra como homem.

Assim é que, desde o momento em que passa a participar do sistema de relações homem-natureza, seu trabalho assume este aspecto amplo em que a capacitação técnica dos camponeses se encontra solidária com outras dimensões que vão mais além da técnica mesma”. (Freire, 1971).

Essa ótica, embasada em teorias que colocavam as pessoas e comunidades como vivendo em situação de atraso, condição que não conseguiam superar devido às condições climáticas, ambientais e a falta de conhecimentos e técnicas, isso mais visivelmente propagado como uma realidade no semiárido brasileiro, apartou, com a abordagem difusionista, uma visão de que o papel da extensão estava em levar uma solução para melhorar a vida de camponeses, dos moradores dos rincões, da vida e tradições, da cultura, das multi realidades do rural:

O eixo das preocupações do modelo de extensão implementado no Brasil girava em torno da possibilidade de “modernizar” o camponês, via adoção de manejos cada vez mais dependentes de máquinas e insumos de procedência estrangeira. Denominada a princípio, de “modelo clássico” ou, a partir dos 60, de “modelo difusionista”, a extensão rural centrava-se na idéia de que a comunidade rural teria acesso à tecnologia produzida nos centros de pesquisa através de um trabalho de extensão, no qual as informações seriam “transmitidas” ou “estendidas” para o homem do campo.” (Pires, 2005, p. 53).

Na formação, apesar de que uma parte dos/as estudantes terem suas origens no campo, sendo filhos/as de camponeses, mexendo com a criação do gado bovino, ovinos, caprinos,

com a avicultura e a agricultura, tanto nas práticas dentro da escola, como nos conceitos e textos trabalhados em sala, eram abordagens de impactos sobre o meio ambiente que predominavam, dentro da perspectiva dos pacotes tecnológicos, com uso de insumos externos, no uso da adubação química, de agrotóxicos, rações concentradas, dando-se pouca atenção a oferta que o meio pudesse vir a oferecer, como o uso de culturas resistentes às intempéries, quando falamos da resiliência da caatinga, vegetação predominante no semiárido brasileiro, a solução vinha de fora, tanto com os produtos, como com os/as técnicos/as que viriam para facilitar os processos, ao observar um problema, já contavam com uma solução:

Mas me escutem, eu sou engenheiro agrônomo; posso ajudar vocês em muitas outras coisas. Eu sei que o problema de que vocês me falam é muito importante, mas está fora do meu campo de ação. Eu posso ajudar vocês é dizendo o que está sendo mal feito e de que forma pode ser corrigido. Por exemplo, eu observei que as terras estão muito descuidadas e que até agora não foram lavradas. Isso é péssimo, pois limita as possibilidades de umidade. É preciso lavar no final da colheita, isso faz com que a planta sobreviva a um período mais prolongado de seca (Santander, p. 34).

O texto citado acima, no livro, O Extensionista, uma peça teatral, revela a intervenção de Cruz, um agrônomo, que no diálogo com camponeses observa uma demanda do campo, uma dificuldade que com a sua orientação poderia vir a ser solucionada, ignorando o que se passava na comunidade, que lutava contra a centralização e opressão do poder constituído em “Tenochtlén das flores”, um cenário que traduzia o contexto da luta pela terra no México, onde historicamente grassava a exploração.

Sair para o mundo do trabalho, depois da formação de técnico em agropecuária, portava uma reduzida concepção sobre as questões agrárias, o conflito, a luta pela terra e as outras dimensões da vida no campo, portanto, uma abordagem vertical, que me deparei na prática, desde o estágio final para conclusão do curso, nas experiências e nas efetivações como profissional da área.

Nesta Tecitura do Curso da Vida, fui impactado pelo decorrer da minha timidez durante meu estar na Escola Agrotécnica Federal de Belo Jardim, mas aqui não diminuo o valor para minha formação, do compromisso dos professores e professoras para atingir aquela meta dentro da matriz curricular proposta para o curso, guardando um campo que estava bem longe dos objetivos, a música, nas conversas que ultrapassavam os quadrantes das salas de aulas, era com o professor de Religião, Ulisses, mestre da Banda Fanfarra, Professor Ulisses Lima, da Escola Agrotécnica, maestro e escritor de partituras, um contemporâneo do meu pai, que tocaram juntos em algumas filarmônicas da região, desde a antiga vila de Jatobá do Brejo, uma marca das minhas melhores lembranças.

Para finalizar o curso, o estágio no campo, em áreas de produção do tomate e do figo, nas Indústrias Carlos de Britto SA, Fábrica Peixe, sediada no município de Pesqueira, já na curva do seu declínio e fechamento, que veio a acontecer no ano de 1999. Daí, uma breve passagem por Juazeiro e Curaçá, na Bahia, dentro dos plantios do tomate da Cica Norte, que anteriormente havia se instalado em Pesqueira, beneficiando a matéria prima da região, saindo pela escassez da água, fincando sua nova estrutura em Juazeiro-BA, onde hoje está assentada a Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, que também tem outra sede em Petrolina-PE. Uma nova fronteira agrícola estava em expansão pela perenidade das águas do Rio São Francisco. Ainda de forma mais breve, estive no sul do Piauí, em Uruçuí, na Chapada do São Francisco, em uma área extensa do plantio do cajueiro, com a finalidade de beneficiamento da castanha, era da empresa Mafisa Agrícola, com sede no município de Belo Jardim-PE.

Os ventos generosos só vieram a soprar em 1986, com a minha a admissão pela Maguary Agrícola, na Fazenda Vale do Mangereba, do grupo Souza Cruz, em Lucena-PB, em um extenso plantio de coco híbrido e de abacaxi, todos voltados para o beneficiamento das indústrias do próprio grupo, em Bonito-PE e Aracati-CE. Esses campos de cultivos ficavam no litoral paraibano, foram três anos por lá. Num segundo momento na empresa, fui transferido para Bonito-PE, trabalhar na Bonito Agrícola, do mesmo grupo, plantio da pitangueira, também os seus frutos voltados para as indústrias, além das culturas do coco e do abacaxi, que não prosperaram na fazenda, em um clima bem adverso ao encontrado no litoral paraibano. Meu término do contrato culminou com o encerramento das atividades daqueles empreendimentos de longos anos naquele município do agreste pernambucano.

Em perspectiva, nesta Tecitura, as minhas experiências se deram dentro de uma dinâmica do que hoje discorremos em um olhar crítico da Agroecologia, a especialização da agricultura; a continuidade de processos históricos, que vem desde a monocultura da cana de açúcar, nos primórdios da colonização do Brasil, na zona da mata nordestina, com uso intensivo de produtos químicos; a devastação das matas; o impacto sobre as fontes de água; a escravização dos povos africanos, que violentamente foram arrancados dos seus territórios, tradições e culturas, como com a mesma barbárie foi empregada ao nativo, aos indígenas; a exploração da mão de obra; os baixos salários; a concentração e exploração da terra por grupos econômicos que se beneficiam das políticas de incentivos do estado; a inexistência de uma política efetiva e continuada de reforma agrária em um país tão vasto; a perda da “memória biocultural, onde está a sabedoria e as experiências dos povos originários e

tradicionais, em seus cuidados com a terra, a enxergando a mais que um reduzido campo de produção, ali estando a geração de vida, da biodiversidade e da agrobiodiversidade.

A Agroecologia, como contraponto a esse caminho como mão única da história, do mexer com a terra, do não entendê-la como mãe da humanidade, geração de Vida, esta tecitura do Curso da Vida, ainda não alcançava, mas nos primeiros passos do curso que fazia na Escola Agrotécnica e mesmo depois de concluí-lo, com minha timidez, na amizade com o professor Jarbas de Holanda Souto, de Biologia, me inseria nos debates e práticas em defesa da natureza, através da Associação dos Amigos da Natureza de Pesqueira. Um grande amigo dos meus irmãos mais velhos da leva de Durval e Júlia, uma amizade que perdura até hoje, na prática, a coleta de sementes nativas, a produção de mudas e as caminhadas ecológicas por serras e vales, cercando e penetrando a Serra do Ororubá. Era a Natureza, percebo como abrangia mais, superada pela combinação de nomes, Meio Ambiente, deixando o homem de fora.

A Agroecologia, apontada como mais ênfase, no Chamado Agroecológico, nesta Tecitura, aponta para novos caminhos e rupturas, desafios que encontram e encontrarão barreiras, as estruturas, o domínio de conceitos e modelos, que não se restringem a um território ou região, no mundo globalizado, a imposição de padrões de “desenvolvimento”, andam rápidos e se espalham como únicos caminhos e soluções a serem seguidas. Ao que está posto como inatacável e nem se ousar a propor outras perspectivas para a sustentabilidade da geração atual e das que virão, eis o que propõe a Agroecologia:

Como matriz disciplinar a Agroecologia se encontra no campo do que Morin (1999, p.33), como sendo do “pensar complexo” em que “complexus significa o que é tecido junto”. “O pensamento complexo é o pensamento que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações”. Logo, a Agroecologia não se enquadra no paradigma convencional, cartesiano e reducionista, conhecido como paradigma da simplificação (disjunção ou redução), pois, como ensina o mesmo autor, esse não consegue reconhecer o problema da complexidade. E é disto que se trata, reconhecer que, na relação do homem com outros homens e destes com outros seres vivos e com o meio ambiente, estamos tratando de algo que requer um novo enfoque paradigmático, capaz de unir os saberes populares com os conhecimentos criados por diferentes disciplinas científicas, de modo a dar conta da totalidade dos problemas e não do tratamento isolado de suas partes (Caporal; Costabeber; Paulus, 2005, p. 6).

Esses ventos novos, que alcançaria décadas depois, na inserção no curso de Agroecologia, não chegavam como um horizonte possível, uma radical mudança, voltar para Pesqueira, entrar em umas atividades que se deslocavam das lidas do campo, sem nem mesmo avançar para uma percepção mais crítica dessa área de conflitos, que refletem a raiz de uma

sociedade injusta como a nossa, reverberando nos assentamentos humanos nas grandes cidades, no inchaço e na precariedade das moradias, no país com uma das maiores taxas de concentração da renda, da terra e do poder.

A volta para Pesqueira, o casamento, a chegada dos filhos, o Álvaro, em 1992, e a Raylla, 1994, que estão no mundo, construindo suas histórias, dos adventos, a minha alegria da continuação da Vida, o fim do casamento, a Vida fluindo! De 1990 a 2003, fui de um comerciante de confecções a um dos proprietários de uma reparadora de veículos, com especialidade em freios de carros de passeios e caminhonetes, isso muito pela influência do meu saudoso irmão, Antônio Carlos Farias. Nossa aproximação foi de um encontro amoroso, tinha como um encantamento por ele, ele morando em São Paulo, com sua família, um profissional e empresário da área de mecânica automotiva, e aquela vontade de ajudar, de explicar, de mostrar como funciona os vários sistemas dentro de um automóvel, não alcancei, a máquina e o domínio do conhecimento e saber operar.

A Tecitura, nos desígnios da Vida, como ênfase, depois dos fragmentos, neste Memorial, a máquina, a máquina de escrever! Destino? O futuro é um beco escuro, “o princípio da incerteza”. Em 2003, para superar o declínio econômico, acreditar que poderia consertar, sai novamente para outras terras, Belo Horizonte–MG, no intuito de continuar no ramo do comércio, experiência breve e mal sucedida, “dar com os burros n’água”, ainda assim, um chamado, um chamado para retomar caminhos, na passagem por lá, alguns cursos, como de Educação Ambiental Escolar e afins, no Parque do Alto da Mangabeira e em outros espaços daquela capital, que vem, através de sucessivas administrações municipais, com variáveis prioridades, incentivando os debates, formações e práticas em relação ao Meio Ambiente, Agricultura Urbana e no uso do solo urbano, puxadas por movimentos populares de resistências e reivindicações do direito à cidade.

Pisar novamente no solo de Pesqueira, ao repisá-lo, fui incansável em retomar caminhos, recomeçando no Centro Diocesano de Apoio ao Pequeno Produtor - CEDAPP, uma entidade que assiste a associações comunitárias rurais em quase todos os treze municípios da Diocese de Pesqueira. Em seguida, minha admissão na Cáritas Regional Nordeste II, com um escritório em Pesqueira para executar o Programa Um Milhão de Cisternas Rurais, fruto da Articulação Semiárido Brasileiro - ASA, abrangendo todo o mosaico, a diversidade e riqueza de uma região, quando falamos da complexidade climática, ambiental, social, cultural e econômica, inserida dentro do Nordeste Brasileiro e alongada até o Norte de Minas Gerais e em uma fatia do Espírito Santo, no Sudeste do Brasil, o Semiárido da Caatinga e sua

resiliência. Esse programa tem como financiador o Governo Federal, com as organizações não governamentais no papel de executoras dos projetos:

O semi-árido é, certamente, a macro região do Brasil que apresenta maior diversidade de quadros naturais. Praticamente, todos eles ocorrem, dentre os domínios de paisagens ou de condições morfoclimáticas do Brasil intertropical. No entanto, a análise dos condicionantes do meio natural constitui uma prévia decisiva para explicar causas básicas de uma questão que se insere no cruzamento dos fatos físicos, ecológicos e sociais. Nenhuma solução ou feixe de soluções dirigidas para a resolução dos problemas do Nordeste brasileiro poderá abstrair o comportamento do seu meio ambiente, inclusive no que diz respeito a sua paisagem, aos tipos de tecidos ecológicos e a utilização adequada dos escassos recursos hídricos disponíveis (ASA, 2002, p. 13 e 14).

Retomar o caminho, foi no trabalho duro, em equipe, percorrendo vários municípios do Agreste de Pernambuco, a pé, de moto, de carro, nas cidades, zonas rurais, de comunidade em comunidade, nas casas das famílias beneficiárias do programa, em reuniões, que iam das comunitárias às regionais, até nos encontros nacionais do programa. Era uma nova perspectiva que superava o combater a seca, que vinha historicamente das intervenções oficiais com a finalidade de mitigar os efeitos das secas e estiagens, que são inerentes aos semiáridos brasileiro.

Foi um retomar além de um novo conceito, a prática e a valorização das experiências de camponeses, povos originários e tradicionais, que resistiram e mantiveram em resiliência a partir dos saberes construídos e compartilhados na Vida em seus territórios. Não deixar a água “fugir”, quando das esparsas chuvas, eis a matriz para razão de ser do P1MC, a construção de cisterna para guardar água da chuva, dentro da abordagem da Convivência com o Semiárido, minha outra escola.

Vale ressaltar aqui, na distância que ainda existe para O Chamado Agroecológico, que os governos também se movem pelas ciências, em seus desdobramentos nas tecnologias, deixando claro que não tenho o embasamento para analisar a predominância das grandes obras de engenharia como únicas soluções para o semiárido brasileiro, que por muitas vezes são invasivas e destruidoras de Vidas nos territórios, desconsiderando a realidade ambiental, social, cultural, religiosa, econômica e outras dimensões das comunidades. Em uma crítica às Ciências Agrárias, que poderiam ser feitas a outras ciências, pelo caráter isolador de enxergar o mundo, a Agroecologia me aponta um “horizonte possível”, mas não infalível, como única resposta aos desafios da humanidade, buscando superar o fechamento das concepções e teorias acadêmicas:

Azevedo (2002) nos chama a atenção sobre as barreiras quase intransponíveis para a compreensão mútua entre agricultores tradicionais e profissionais das Ciências Agrárias, devido à incompatibilidade entre seus diferentes modelos conceituais de representação do mundo. Para esse autor, existem duas questões a ser analisadas: há uma diferença de significado e sentido da atividade produtiva no campo para os agricultores e profissionais; e é preciso analisar as diferenças entre os fundamentos mecanicistas das Ciências Agrárias e os fundamentos vitalistas de algumas práticas realizadas pelos agricultores. Por um lado, a Agronomia construiu um modelo conceitual que pretende ser único e universal com a justificativa da sua fundamentação científica e da necessária distância do empirismo dos agricultores. Por outro lado, os agricultores constroem modelos variados de acordo com sua própria diversidade, a partir das suas experiências acumuladas e socialmente compartilhadas ao longo de sua história [...] se trabalhamos a partir de um conceito amplo de Agroecologia, qual é o lugar na construção do conhecimento das questões socioculturais e econômicas, das questões técnico-produtivas e das questões políticas? Como abstrair elementos das práticas sociais coletivas de agricultores e agricultoras para construir a Agroecologia a partir desse conceito amplo? (Azevedo, 2002 *apud* Aguiar, 2017, p. 41-42).

O texto acima citado, provocativamente, continuo, na ousadia de gerar mais perguntas: Será que vamos chegar em um tempo em que a Agroecologia terá uma definição como conceito ou ciência? Será que ousará abarcar tudo o que vem sendo construído, sistematizado, passará a ser um arcabouço de conhecimentos? Será uma estruturação que acontece no campo das ciências, que historicamente se fixaram como cadeias fechadas de conhecimentos, desconhecendo outras dimensões, querendo responder às demandas do mundo, pelos prismas das especializações e fragmentações, não enxergando o todo, como nas palavras de Morin, “na disjunção ou redução”?

O texto citado é fruto de um livro que discorre sobre as instalações pedagógicas dentro da UFRPE, uma oportunidade de encontro entre representantes de povos originários, tradicionais e camponeses, entre os saberes e conhecimentos acadêmicos, um exemplo de que estamos longe ou nunca atingiremos essa rigidez, me permito, melhor, pois em um mundo tão complexo, perderemos o trem da história se pensarmos em respostas prontas, querendo “resolver” as demandas de povos e territórios que são bem singulares e diversos!

Nesse caminho que prometia inconscientemente, dentro de mim, na chegada no Bacep, atuei em equipe na Diocese de Pesqueira, no P1+2, significando, Projeto Uma Terra e Duas Águas, uma nova empreitada da ASA, agora com o objetivo de captar e armazenar as águas das chuvas para produção, em reservatórios maiores, entre cisternas, barragens subterrâneas, tanques de pedras e outras tecnologias sociais.

Concomitante a minha inserção nesses projetos, que foi do P1MC ao P1+2, voltei a estudar, concluindo o curso de Licenciatura em Geografia, pela Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim, na sequência, uma Especialização em Educação Ambiental pelo Serviço Nacional do Comércio - SENAC, em Recife. Nesse trilhar, até 2015, fiz parte da

equipe do CEDAPP, voltando para o P1MC, na execução do programa em Belo Jardim, Manari e Inajá.

Em 2016, apesar de todos os percalços da Vida, juntei forças e o que me restava de conteúdos no tocante aos conhecimentos escolares, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, fui aprovado em Ciências Sociais na UFRPE, ingressando no ano de 2017. E como cheguei em Recife, com malas, incertezas, mas cheio de sonhos! Seria fazer uma universidade pública, a mesma universidade que tentei acessar para estudar Agronomia, logo ao final do meu curso de Técnico em Agropecuária em Belo Jardim, mas a nota ficou distante e a Vida seguiu, apontando outros caminhos.

Sem medir, pelo estreitamento que se faz na divisão das fases da Vida, uma grande conquista, me vi ali, como o primeiro, entre os dezesseis irmãos, sabendo que não se chega só, a entrar em uma universidade pública! Ciências Sociais, agora vou poder conhecer e intervir para mudar o mundo, pelos prismas da Sociologia, Antropologia, Ciência Política e outros campos, ficou na seara das intenções, mas deixando uma porta aberta. Sem diminuir o valor do que ali consegui alcançar, a auto cobrança por vezes nos fazem cruéis em não reconhecer os processos, a singularidade de cada experiência humana.

Nesta Tecitura do Curso da Vida, à luz, como senha, as aulas do professor Roberto Caporal, na disciplina de Desenvolvimento Rural Sustentável, bons momentos e participações, era o Chamado Agroecológico! Ali, o professor, na sala de aula e em conversas informais, na conexão com os temas que trabalhava, uma perspectiva para “outros mundos possíveis”, dentro das ciências agrárias e de outros campos que tratavam dos assuntos e da Vida nas regiões e territórios, me fez conhecer do que estava emergindo dentro da universidade, o Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular - Bacep.

Depois disso, me vi dentro, e nunca esquecerei o incentivo de vários/as colegas da turma de Ciências Sociais para que eu procurasse e ingressasse no Bacep. Não me demorei, depois de classificado, fui abandonar Ciências Sociais e ingressar no Bacep, cheio de sonhos, e como eles nunca devem perecer dentro da gente! E como percebo, sem a procura, mesmo na escuridão, que por vezes paira em nossa frente, o ser humano não se nutre. Era O Chamado Agroecológico, que continuarei nesta Tecitura na Trilha do Bem Viver, na concretude, Recife, 12 Agosto de 2019!

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O CHAMADO AGROECOLÓGICO

AGOSTO/2019 - PRIMEIRO PERÍODO

Até onde podemos perceber e avaliar, sabemos que, dadas certas condições psicológicas passíveis de definição e desenvolvimento, o indivíduo cresce enquanto pessoa numa relação facilitadora, quer ela se desenrole a dois, quer se dê num clima de pequeno grupo. Não sabemos se condições diferentes, por ora ignoradas, produziriam efeitos equivalentes ou outros efeitos, considerados mais propícios à plena evolução do ser humano (Rogers; Rosenberg, 1977, p. 103).

Muito mais que nos textos do chamado para o Bacep, as imagens do convite me influenciaram, me fizeram sentir dentro, me levaram a lembranças das experiências nessa retomada de caminhos, das oportunidades que tive na convivência em comunidades rurais do Agreste de Pernambuco, nos movimentos que fazia, sem ainda perceber, o valor da escuta, sem eliminar os ganhos dessa embrionária prática nos diálogos com as pessoas em seus territórios. Viveria aqui a superação do “difusionismo tecnológico”, a prática de verticalmente considerar a ciência e os conhecimentos acadêmicos, as técnicas que deles se originam, como únicos, como portadores de soluções para quem vive nos territórios, desconsiderando as várias dimensões das pessoas, famílias e comunidades.

Nesta Tecitura, apesar de narrar os vários lugares por onde passei, minhas vivências, não deixei de dar uma ênfase significativa ao lugar da minha origem, ainda carregando em uma dimensão maior, a região, o Agreste de Pernambuco, encontrando no Bacep um conceito que se alarga mais, porque vai além dos aspectos fisiográficos e políticos, dimensões mais para o campo da Geografia.

Fomos compreender o conceito de território, muito no tocante ao diálogo com a Agroecologia, uma aproximação e continuação que iria perdurar por todo o curso, dentro do Eixo Integrador que permeava o primeiro período, iniciado em Agosto de 2019 e seus desdobramentos em várias temáticas, Conhecer e transformar o etnoagroecossistema:

O território não se reduz então à sua dimensão material ou concreta; ele, também, “um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais” que se projetam no espaço. É construído historicamente, remetendo a diferentes contextos e escalas: a casa, o escritório, o bairro, a cidade, a região, a nação, o planeta. Daí que o território seja objeto de análise sob diferentes perspectivas - geográfica, antropológica-cultural, sociológica, jurídico-política, bioecológica -, que o percebem, cada qual, segundo suas abordagens específicas.

O território assume ainda significados distintos em cada formação socioespacial associado à base física dos Estados, incluindo o solo, o espaço aéreo e as águas territoriais. Nas sociedades indígenas, apenas para citar um exemplo, o fundamental é o sentimento de identidade com a Terra-Mãe, sentimento esse baseado no conhecimento, no patrimônio cultural e nas relações sociais e religiosas que esses povos guardam com aquela parcela geográfica (Albagli, 2004, p. 26).

Se o conceito de território é fundamental dentro do que se propõe o Bacep, com a territorialidade sendo a encarnação do enraizamento e da vida nos territórios, de ser e se fazer com os outros, nas vivências das tradições, das expressões que vão além do contato com a terra, pura e simplesmente como geradora de uma produção, isso expande, pois trata do contato com outras dimensões, do ser e sua interação com o meio, com os seres humanos, com plantas, animais, com a terra, com as águas, com o ar, envolvido numa complexidade, interagindo no que vai aprendendo e ensinando, não a partir do vazio, da criação do novo, mas a partir das memórias, memórias impossíveis de serem medidas, na marcação de um tempo inicial, elas são ancestrais, de um longe que faz o homem se perder na sua procura.

Eis aqui o marco que trago, território e territorialidades, na unicidade, nesta Tecitura, para um aprofundamento no Chamado Agroecológico, narrando, dialogando e analisando minha passagem no Bacep, me apoiando em outro, a Escola da Alternância, um modelo de educação que busca romper com a escola conteudista, que separa a vida, a realidade das pessoas que vivem em seus territórios, do mundo da escola. Ir beber nessa fonte, em uma escolha ou abordagem que traz uma dinâmica de encontros entre a vida das pessoas nos territórios e os espaços de formação, sejam nas escolas de nível fundamental, médio ou mesmo na universidade, como a experiência do Bacep, aponta a capacidade humana de criar e de se reinventar:

O sistema pedagógico da alternância, no Brasil, teve início no Espírito Santo, em 1968, nível de Unefab, que congrega as Escolas Famílias Agrícolas (EFAS) e em 1986, no Paraná, a nível de Arcafar, que congrega as Casas Familiares Agrícolas Rurais (CRFS). Pensar uma proposta educacional em opção à educação formal foi uma necessidade frente à realidade de países como Brasil. Os fatores que contribuíram para o surgimento da Pedagogia da Alternância, no Brasil, tiveram relação direta com a economia agrícola baseada na produção de subsistência. A falta de conhecimentos de técnicas alternativas para preservação ambiental, o rápido processo de desmatamento, o uso do fogo de modo indevido, preparo do solo inadequado, uso intensivo de agrotóxicos, baixo uso de práticas conservacionistas nas áreas de cultivos e predominância da monocultura fizeram com que as famílias rurais ficassem em situação precária, comprometendo o acesso de crianças, adolescentes e jovens à escola formal. A situação se agravou devido à falta de políticas públicas para atender a grande demanda presente no campo. A Pedagogia da Alternância veio, então, possibilitar que a frequência à escola pudesse ser uma realidade também para quem vive fora dos centros urbanos (Silva, 2006, p. 78).

Em Minha Tecitura na Trilha do Bem Viver, matriz da minha obra, na construção do memorial, território, territorialidade, a escola da alternância, me fazem sentir como aquele que de tanto procurar, não encontra, mas não desiste, deixando uma lacuna para o improvável e o capricho do tempo, como no espaço entre o esforço e o relaxamento, a intuição, o encontro com os sinais e marcadores para se fazerem os caminhos. Nessa dinâmica, as imersões nos territórios; as vivências na sala de aula; a adoção de um etnoagroecossistema, a itinerância entre muitos; as Vivências Universidade - VUs as Vivências Realidade Campo - VRCs com essas bases, é a vez de tecer, “O Chamado Agroecológico”, que me diz muito sobre o valor da educação e como ela pode transformar a vida de uma pessoa, família ou comunidade, quando avança além das formalidades.

Se é escola da alternância, uma das bases para a construção e existência do Bacep, com um olhar mais ampliado, superando o conceito de região, com o território e a territorialidade, eis a amplitude do que pode ser a educação, e como ela é central quando dialogando, nas práticas e fazeres dentro da Agroecologia, de novo Brandão, “Educação? Educações”:

A educação pode existir livre, e entre todos, pode ser uma das maneiras, que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como idéia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos.

A educação é como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar - às vezes a ocultar, às vezes a inculcar - de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem.

Por isso mesmo - e os índios sabiam - a educação do colonizador, que contém o saber do seu modo de vida e ajuda a confirmar a aparente legalidade de seus atos de domínio, na verdade não serve para ser a educação do colonizado. Não serve e existe contra uma educação que ele, não obstante dominado, também possui como um dos seus recursos, em seu mundo, dentro de sua cultura.”(C Copyright 1981, by Carlos Rodrigues Brandão / C Copyright desta edição, Abril S.A. Cultural e Editora Brasiliense S.A., São Paulo, 1985, p. 10 e 11).

Assim, com essas bases, saímos em nossa primeira imersão rumo a Zona da Mata de Pernambuco, o Território da Mata Sul, ainda eferfescente em conflitos na luta pela terra, conflitos que refletem a continuação dos grandes latifúndios, domínios de usineiros e de donos de grandes engenhos, a monocultura da cana sobrevive até os nossos dias, desde o

desmatamento nos primeiros anos da colonização, com a utilização dos indígenas em trabalhos forçados à escravidão de parcelas de muitos povos negros transportados do Continente Africano, a injustiça e a desigualdade, nos salários e na divisão da terra, têm, na Zona da Mata, uma presença que ainda perdura.

O professor Jorge Roberto Tavares de Lima, acadêmico aposentado desta universidade, que lecionou em Ciências Agrárias e é um dos construtores do Bacep, como nosso professor, nos embasou, em seu olhar sobre a Zona da Mata, através de um texto que trouxe a seguinte reflexão:

É nesta região que nasce o Brasil. Com suas lutas e resistências. É também neste período onde se finca o modelo de desenvolvimento do Estado brasileiro. O centro foi o latifúndio, capitanias hereditárias, sesmarias, muita terra para uns poucos escolhidos. Aqueles amigos do poder. Lógica que permanece até hoje, por exemplo, a usina Cucaú possui hoje, 28 engenhos e 29.733 hectares, produzindo cana de açúcar para transformação em açúcar e álcool. Como é do conhecimento de todos, a moagem se dá a partir de setembro a março, período em que se exige muita mão de obra e que depois decresce esta necessidade, para cuidar apenas do replantio (a cana dá até cinco safras), manejo, limpa, adubação, etc.. Porém, este modelo vem apresentando crises sucessivas e muitas experiências foram realizadas para tentar minimizar os problemas.

Continuando o seu olhar, ele traz a efervescência da luta por direitos trabalhistas e da luta pela terra dos trabalhadores da atividade nos campos onde se situava e se situa as atividades do plantio, colheita e beneficiamento da cana de açúcar:

É criado o primeiro sindicato de trabalhadores rurais de Pernambuco, é instalado em Barreiros, na usina Central Barreiros, em 18 de junho de 1954 e reconhecido em 01 de março de 1956. Era um dos quatro sindicatos existentes no Brasil, segundo Abreu e Lima (2005:37).

Na Zona da Mata floresce e se expande as Ligas Camponesas, importante movimento, que na luta pelo acesso à terra para os trabalhadores da região e pode ser considerado o primeiro grito mais forte por outro modelo de desenvolvimento.

Nos anos sessenta muitas greves ocorrem, sendo uma das mais significativas aquela que ocorre em 1963, que gerou, a partir da liderança e empenho de Miguel Arraes, o acordo do campo, onde foram reunidos trabalhadores e empresários da cana de açúcar para se tentar, com mediação do governo do estado, um acordo.

Em minhas memórias de observador, tentado em todo momento a querer descrever tudo que via em minha frente, em não perder nenhum elemento da paisagem, ela em alguns fragmentos não transformada pela ação humana, me perdia em não olhar sua complexidade, quando a ação do homem a fez, transformou, transforma na realidade presente, ainda foi assim ao adentrar a Mata Sul (mata?) de Pernambuco, mesmo com os suportes teóricos e nos diálogos que antecederam nossa primeira imersão, como membro da primeira turma do

Bacharelado em Agroecologia, em seu primeiro período, em agosto de 2019, era uma sede de ver tudo e falar de tudo:

“Essa região, mesmo com quase 500 anos de cultivo da cana de açúcar, muito desmatamento, mantém rios perenes, quando não são, como os rios que nascem no Agreste e Sertão, lá na Mata sul ou Norte, lá se transformam, quando bebem das reservas subterrâneas e das chuvas, que na Região da Mata, são intensas e regulares. Rios e riachos corriam para todos os lados, nessas terras da Mata Sul. Nos lugares mais cobertos por matas, a quantidade de água aumenta” (Relatório da Imersão na Mata Sul, João Durval Farias).

Nesse olhar sobre a Zona da Mata, uma lembrança, entre as décadas de 1960 a 1970, foi ali naquele território, que dois tios maternos, Antônio e José, trabalharam como cortadores de cana, eram trabalhadores do alugado na Zona Rural de Pesqueira, que entre outros, eram recrutados para trabalharem na safra da cana. Eram transportados nos “gaiolões”, caminhões que levavam a colheita para as moendas, sendo o tio José, assassinado por motivos que ainda hoje não sabemos, nas imediações da Usina Santa Terezinha, em Água Preta. Portanto, aqui faço um registro da proximidade, no que viveram meus tios, desde Pesqueira, em um sistema de exploração, onde ainda campeia a injustiça e o poder do latifúndio.

Sem paixão, não há Agroecologia! Cravo essas palavras como o que me moveu e me move, reflexos no hoje e no amanhã que irá sempre chegar, na passagem pelo curso, com toda minha Vida presente, em meus receios, inseguranças, coragem, cheio de encantamentos, em fazer parte desta caminhada, sem desmerecer a razão, os tratados e documentos que norteiam a construção em movimento do Bacep!

Assim foi, ao sair com colegas, professores e professoras, “em minha curiosidade ingênua” e reflexiva, adentrando a Mata Sul de Pernambuco, palco de injustiças e da permanente luta pela terra, pelo direito à Vida, em meio aos latifúndios, domínios dos poderosos, mas com centelhas do novo e do “esperançar”, nas experiências de resistências e “re-esistências” que visitamos, que no companheirismo, comemos o pão juntos, envolvendo a turma, os sujeitos e sujeitas que vivem no território, apontando em suas construções como o farol para autonomia e a liberdade!

Na imersão, foram diversas experiências visitadas e vários encontros, o Quilombo Siqueira, que pelas circunstâncias, não cheguei a tempo; o Engenho Conceição; a luta pelo direito à terra em Jaqueira; o encontro com representantes da Colônia de Pescadores de Tamandaré; a Feira Agroecológica de Tamandaré; o encontro sobre a trajetória dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Rio Formoso, por direitos a terra e a chegada ao executivo municipal de um trabalhador, filho da luta e da resistência; a reunião no Polo

Sindical de Ribeirão com o representante da Federação dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco - FETAPE e as experiências das famílias que vivem o processo de transição agroecológica em Tamandaré, assentadas pelo movimento de Reforma Agrária, assessoradas pelo Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá e pela Comissão Pastoral da Terra - CPT, entidades que atuam juntas às famílias.

Vale ressaltar aqui, a experiência de Beth, que nos deixou recentemente, uma mulher do urbano, que com sua sensibilidade e dedicação, esteve atuando no processo de transição agroecológica, tanto no lote do Assentamento Jundiá, em meio a persistência do canavial, ainda com muitos assentados trabalhando nessa lógica, como na Feira Agroecológica de Tamandaré. Uma pessoa que não media esforços, era incansável, tanto em querer aprender e compartilhar com o coletivo, a defesa da Vida, a importância da agrobiodiversidade que caracteriza o modo camponês de viver em seu território, onde cuida do mundo complexo, o cultural, o tradicional, a memória, a espiritualidade, o cuidado com os bens que a natureza oferece:

A agricultura tradicional camponesa vem a ser uma das formas sociais de agricultura familiar, uma vez que ela se funda sobre a relação...entre a propriedade, trabalho e família. No entanto, ela tem particularidades que a especificam no conjunto maior da agricultura familiar e que dizem respeito aos objetivos da atividade econômica, às experiências de sociabilidade e a forma de sua inserção na sociedade global (Wanderley, 1996, p. 3).

Se entramos no curso com o conceito bem arraigado de agricultura familiar, logo no início, em nossas reflexões, debates e no uso de textos, a agricultura camponesa foi alçada à condição de primeira ordem, situada como mais abrangente, alcançando à complexidade do modo de viver no campo, historicamente um pendor coletivista, um conceito bem europeu, mas que em síntese, é uma contracorrente ao modelo expansionista e da monocultura em grandes extensões de terras, não reduzindo a pequena propriedade a um caráter meramente produtivista. A mesma autora, na página anterior, nos traz uma reflexão no que venho tecendo aqui:

A agricultura familiar não é uma categoria social recente nem a ela corresponde uma categoria nova na Sociologia Rural. No entanto, sua utilização, com o significado e a abrangência, que lhe têm sido atribuídos nos últimos anos, no Brasil, assume ares de novidades e renovação. Fala-se de uma agricultura familiar como um novo personagem, diferente do camponês tradicional, que teria assumido sua condição de produtor moderno; propõem-se políticas para estimulá-los, fundadas em tipologias que se baseiam em sua viabilidade econômica e social diferenciada (Wanderley, 1996, p. 2).

No olhar sobre as experiências visitadas, nas reivindicações daquelas pessoas que lutam pela posse da terra; nas que já conquistaram seus lotes através de movimentos, como Movimento dos Trabalhadores Sem Terras - MST, da Comissão Pastoral da Terra - CPT, da Federação dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco - FETAPE; no próprio Centro Sabiá, como assessoria, o mantra é mesmo, pela transição agroecológica, portanto, evidenciando, que é mais que a simples produção, a valorização dos saberes tradicionais, originários, o modo camponês de perceber a terra como geradora de Vida, fruto das memórias, da ancestralidade, envolvendo todas as dimensões humanas nas práticas de cuidados.

Dentro das propostas do curso, depois dos eixos temáticos, suas subdivisões em vários conceitos, temas, na perspectiva da integração e diálogos que vão desde os conhecimentos acadêmicos aos saberes tradicionais e originários, então, quando se parte para conhecer uma experiência, a observação e a interação, se fazem necessárias, o desprendimento para trocas, de abertura para escuta e atenção com os sujeitos e sujeitas que vivem nos territórios.

Dentre os temas, esse cuidado, em uma conexão que faço, entre Campesinato, Modos de Vida e Agriculturas; Expressões Culturais do Campesinato e Investigação-ação, em minha concepção, um tema que me tocou e lograria dizer, Fundamentos da Educação Popular, a base para flexibilização em nosso papel como discentes e educadores, extensionistas em uma perspectiva agroecológica, um agroecólogo que vivenciou entre os conhecimentos acadêmicos e a vida nos territórios.

Um elemento fundamental do seu método é o fato de tomar como ponto de partida do processo pedagógico, o saber anterior das classes populares. No trabalho, na vida social e na luta pela sobrevivência e pela transformação da realidade, as pessoas vão adquirindo um entendimento sobre a sua inserção na sociedade e na natureza. Este conhecimento fragmentado e pouco elaborado é a matéria prima da Educação Popular. A valorização do saber popular permite que o educando se sinta “em casa” e mantenha sua iniciativa. Nesse sentido, não se reproduz a passividade usual dos processos pedagógicos tradicionais: “Na Educação Popular não basta que o conteúdo discutido seja revolucionário, se o processo de discussão se mantém vertical” (Vasconcelos, 2001, p. 15 *apud* Moreira, 2001, p. 52). Ou ainda:

Paulo Freire reitera esta questão: não basta o conteúdo ser revolucionário se o método não o for, da mesma forma como não basta desejar a revolução primeiro para depois se vivenciar experiências revolucionárias. Não se pode construir a libertação com métodos bancários (Moreira, 2001 *apud* Brayner, 2013 p. 52).

Retomo aqui com a importância de se aprofundar nos territórios, conhecendo desde o macro, até chegar nos espaços de vivências dos estudantes, onde se davam suas práticas e vivências, seus etnoagroecossistemas, - conceito que exprime o seu espaço de prática, que pode ir além do mexer com a terra, a Vida vivida em suas muitas dimensões - o que faziam de muitos e muitas, já inseridos e inseridas, pois foi ali que nasceram, viveram e ainda vivem, continuando uma tradição familiar na lida com a agricultura ou agropecuária, o que convergia para o alcance das propostas do curso.

Outros e outras, que vivendo na cidade, não tinham essa vinculação direta com o campo, ou mesmo, com as mudanças, se afastaram desses contextos, sem deixar de ressaltar as memórias que carregavam dos seus antepassados. Vale lembrar, a emergente discussão que foi crescendo sobre a agricultura urbana durante o período, que cresceram e se firmaram, não só como possibilidades, mas como experiências vivas, primeiro, em quintais particulares, na ocupação de espaços públicos ociosos, frutos das mãos que tocaram a terra nos sertões, agrestes e matas, bebidas nas memórias e saberes camponeses, depois, como resistências, lutas, em defesa de outros usos para o solo urbano e da reforma agrária em territórios onde campeiam a concentração da terra, uma luta que vai além função social da terra, alcançando a produção de uma alimentação saudável, a soberania, a autonomia, os cuidados com os recursos naturais.

Então, no meu caso, vindo do interior, morando recentemente em Recife, mas sem ligação direta com a terra, em meus trabalhos, construí o mapa da Região Metropolitana do Recife, afunilando para o do município, passando pelo o do bairro onde vim a adotar meu etnoagroecossistema, que se localiza no Bairro do Engenho do Meio, onde fica o Serviço Integrado de Saúde. Esses mapas, além dos detalhes das suas divisões e fronteiras, traziam nossas pesquisas, o que conseguimos levantar, a história, a cultura, aspectos ambientais, sociais e o que poderia fazer uma conexão com os objetivos do período, seguindo uma orientação do curso para divisão dos grupos de trabalhos por territórios.

Assim, meu espaço de prática, com certas flutuações, aconteceu dentro do Serviço Integrado de Saúde - SIS, ambiente de acolhimento e cuidados em saúde, onde se desenvolvem atividades das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, dentro da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, sancionada em 2006, que vão além das abordagens biomédicas ou se integram a elas, pois enxergam as pessoas que delas fazem uso, como não só portadoras de um sintomas que se expressam em dores físicas ou emocionais.

Em perspectiva, olha-se o ser em se forma integral, portanto, a pessoa não é só um diagnóstico médico, ela é portadora de muitas dimensões, a dor por uma disfunção no corpo ou desequilíbrio na alma ou na psiquê, que resvalam para o corpo, não elimina a singularidade ou a Vida das pessoas em seus contextos e nas interações sociais, e mais, dentro do modelo de sociedade, onde o consumo se expande como a grandeza de soluções para quase tudo, diminuindo ou eliminando a importância do convívio, da solidariedade, da compaixão, de se colocar no lugar do outro, fazem desses trabalhos uma janela para que um mundo mais humano seja possível.

Desde a minha chegada em Recife, passei a ser usuário do SIS, nem de longe intuía esse “bom encontro”, a interação com o Bacep, a abordagem holística que envolve os dois em defesa da Vida, - onde percebo o diálogo entre Agroecologia e saúde -, pois as práticas como Yoga, Biodança, Bioenergética, foram as que mais participei e participo, têm como características a nossa integração por dentro, independentes dos estados físicos e emocionais, a busca da auto regulação que se expande para fora, focando na respiração e no alongamento do corpo, em meio a rodas de conversas, de encontros, dentro e fora dos espaços das práticas, nos movimentos das atividades, nas interações, nas retomadas com nossos ciclos, mesmo em meio das quebras, resultantes do modelo de sociedade que prima pela pressa, pela desconexão com o tempo da natureza.

Dentro das práticas que são autorizadas pelo Sistema Único de Saúde - SUS, , a chave para que eu persistisse em ligar com o meu curso, foi e é , a Fitoterapia, o uso de plantas para remédios, em forma de folhas, cascas, em chás, tinturas, sabonetes, cremes, - em uma dimensão que supera pura e simplesmente o princípio ativo, bebendo nos saberes tradicionais e originários -, que eram processadas durante os cursos do Uso Racional das Plantas Medicinais, além de nossas práticas na Farmácia Viva, que viria a ser chamar mais adiante de Gruta - Grupo Comunitário de Terapia Agroflorestral, envolvendo terapeutas, usuários/as e comunidade:

O Brasil, seguindo a tendência mundial, mas preservando suas raízes culturais, principalmente no uso de plantas medicinais como prática popular, começa por ações que resgatam a medicina popular, estimula o diálogo entre os diversos saberes e objetiva o uso seguro e racional das plantas medicinais e fitoterápicos, especialmente com a edição da portaria n 971/GM/MS de 03 de maio de 2006, que cria a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS; do decreto interministerial n 5.813 de 22 de junho de 2006, além da edição da portaria interministerial n 2.960 que concretiza o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos como forma de viabilizar tal política. Estabelece, com esse marco legal, as diretrizes e linhas prioritárias para o desenvolvimento de ações pelos diversos sujeitos em torno de objetivos comuns voltados à garantia de acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos e preconiza diretrizes, ações e

responsabilidades dos poderes municipais, estaduais e federal na sua implantação e implementação, as quais irão orientar os gestores no seu estabelecimento ou em sua adequação aos programas já implantados (Batista *et al.*, 2014 p. 199 e 200).

Ressaltar a importância das decisões governamentais como uma afirmação em políticas públicas, mas antes saber que toda essa estrutura partiu da mobilização popular, do que acontecia e acontece na vida em comunidades, sejam rurais ou urbanas, em territórios de povos originários, tradicionais, bebendo nas memórias, nos saberes, nas manifestações culturais, nas várias formas de se relacionarem com a natureza e as divindades. Faço aqui um paralelo sobre o papel das políticas públicas no caso da efetivação das práticas integrativas e complementares em saúde, com a sua presença nos processos de transição agroecológica, base da Agroecologia, quando da inadiável mudança na extensão rural como necessária a ampliação da quebra de paradigma, saindo em parte do domínio do que constitui a Revolução Verde, através de uma política de estado que venha a contemplar as demandas das comunidades rurais em sua agrobiodiversidade e complexidade.

As práticas integrativas e complementares em saúde, em que pese algumas críticas sobre uma parte delas, que não tenho como avançar aqui nessa avaliação, vem se consolidando dentro das políticas de saúde do SUS:

“A institucionalização de um novo campo de práticas de cuidados, com a criação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), refletiu um momento ímpar na consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS). Após 18 anos de sua criação, o sistema de saúde brasileiro reconheceu, em nível nacional, um conjunto de práticas de saúde cada vez mais procuradas pela sociedade. A construção da PNPIC teve, não por acaso, a demanda da população como principal fator motivador (p. 139).

Em fevereiro de 2006, o documento final da política, com as alterações solicitadas, foi aprovado por unanimidade no Conselho Nacional de Saúde e publicado na forma das Portarias Ministeriais n 971, de 3 de maio de 2006, que aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC); e n 1.600, de 17 de julho de 2006, que aprova a constituição do observatório das experiências de medicina antroposófica no SUS (p.140).

Com a publicação da PNPIC, foram institucionalizadas no SUS, em âmbito nacional, a homeopatia, as plantas medicinais e fitoterapia, a medicina tradicional chinesa/acupuntura, a medicina antroposófica e o termalismo social/cromoterapia. Os objetivos expressos no documento contemplam: incorporar e implementar as PICs no SUS, na perspectiva da prevenção de agravos e promoção e recuperação da saúde; contribuir com o aumento da

resolutividade do sistema; promover a racionalização das ações de saúde, estimulando alternativas inovadoras e socialmente contributivas ao desenvolvimento sustentável das comunidades (p. 140 e 141).

Nessa ponte que faço entre o Serviço Integrado de Saúde, não em todas as suas dimensões, com o Bacep, um espaço que contribui de uma forma saudável, nas dores do corpo por traumas genéticos, marcas de acidentes de trabalho ou por circunstâncias da Vida, não invasivas, para minha e de outras pessoas em suas demandas internas e até no equilíbrio de nossas emoções no que reflete como disfunções psicossomáticas, do que reverbera no corpo como dores da alma, encontrando ali práticas de inclusão, considerando nossas subjetividades, o ser como um todo, um olhar integral, valorizando as alteridades, indo além do que versa um frio diagnóstico biomédico, sendo um lugar de trocas, em atendimento individual, como na acupuntura ou na osteopatia e nas rodas coletivas de escuta, como na Terapia Comunitária Integrativa e mesmo nas rodas de Bioenergética, entre falas e exercícios relaxantes.

Em nossa Farmácia Viva, depois chamada de Gruta, não é só o tocar na terra, plantar e cuidar, chega-se a mais, trocamos ideias, formamos vínculos, amizade, de uma forma bem horizontal, o que ficou registrado em meu relatório, dentro do eixo central como mote do primeiro período, Conhecer o Etnoagroecossistema, sem abranger tudo, mas afirmando a existência de um diálogo e da sua importância entre a Agroecologia e as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde:

Na observação e pesquisa desenvolvida no SIS, percebe-se um potencial para trabalhar-se nas dimensões que compõem a Agroecologia, já que o espaço é requisitado por pessoas do entorno e de outras regiões da cidade e até da Zona Metropolitana do Recife. Falar em alimentação saudável, em uso racional de plantas medicinais, num conceito ampliado de saúde, é Agroecologia, é beber na fonte da ancestralidade, é tentar religar o homem, que de forma racional, pensou estar desligado da natureza, um ser estranho a ela, quando é parte dela. (Relatório, Conhecer o Etnoagroecossistema, Observação e Pesquisa do Agroecossistema Familiar, João Durval Farias).

Nesta Minha Tecitura na Trilha do Bem Viver, dividido entre o Bacep e a procura de meios de me sustentar economicamente na capital, criei a marca, a Tenda do Viajante, saindo vendendo produtos fabricados a partir do leite, como queijos, manteigas e outros de origem animal, como linguiças e mais o mel de abelha, rodando a cidade em cima da moto que a batizei de Abençoada, mas com a cabeça pensante o tempo todo sobre duas rodas, com o Bacep fervendo por dentro de mim, um apaixonado pelo curso e a gama de recursos facilitadores da aprendizagem!

Neste retomar e finalizar este período, nesta Tecitura, costurando o arremate final na coerência que venho almejando construir até aqui, não poderia deixar de citar nossa viagem para o XI Congresso Brasileiro de Agroecologia - CBA, em São Cristovão, no estado de Sergipe, na Universidade Federal de Sergipe - UFS, com o tema central, Ecologia de Saberes: Ciência, Cultura e Arte na Democratização dos Sistemas Agroalimentares.

No meio de muita gente dos inúmeros e diversos territórios, de um mosaico que ainda resiste, apesar da devastação cultural, tanto por certas políticas do Estado Brasileiro, como por forças do poder econômico e político, que concentram a terra e o dinheiro no Brasil, pude relatar a riqueza e potência de uma fala, na roda, de uma mulher da Articulação Acari, ressaltando suas palavras, no potencial da mensagem do “esperançar” desse coletivo, que no contexto que desenvolvo minha Tecitura do Bem Viver, conceito ou expressão do caminho que imprime a Vida como compromisso da Agroecologia, a Vida nos territórios e suas complexidades, no que exaltarei mais a frente:

Todo mundo que nasce tem um lugar na Vida, isso faz parte da Soberania e Segurança Alimentar dos Povos Tradicionais. Não me ligo em território, sou Bantu, ela me interpenetra. O povo de matriz africana resistiu ao domínio do opressor.

Eixos que movem:

- Circularidade;
- Oralidade;
- Respeito aos mais velhos;
- Compromisso com os mais novos;
- Respeito à divindade.

Não trabalhamos com alimentação para o homem, trabalhamos com alimentação para todo o ser vivo. Não devemos oferecer veneno para as plantas. Segurança Alimentar é seguir o compromisso com a ancestralidade (Aparecida Ana de Arruda Vieira [Tantinha], Articulação Pacari).

No que vivenciamos no primeiro período do curso, faz menção ao ~~percurso~~ do encontro entre os conhecimentos academicamente constituídos e os saberes dos povos originários, tradicionais e a Vida campesina, em suas culturas e tradições nas lidas com a terra e todas as suas dimensões, ousando ir mais, através do nosso grupo de trabalho do Território Recife, elevando a construção e debate sobre a agricultura urbana, dizer que ela têm suas memórias e ancestralidades, perpassando a cidade grande, nas práticas e experiências de famílias que mantêm essa memória afetiva com a terra, em seus quintais, espaços pequenos em frente da casa, com plantas medicinais, alimentícias, com plantas que carregam um valor espiritual de bênção ou para espantar os maus presságios, como na defesa da luta pela terra nos territórios do interior, das matas aos sertões ou mesmo, pelo uso democrático do solo urbano.

Isso esteve presente em nossas apresentações nas culminâncias, como fechamento do período, através do grupo formado por mim, Daniele, João Pedro, Gilberto, Amanda e Thiago. Uma apresentação surpreendente e impulsionadora sobre a agricultura urbana, em um olhar que foi, conseqüentemente elevado à condição de uma das prioridades do curso, quando trouxemos várias linguagens bebidas na cultura popular em forma de letras musicais do antes e do cotidiano das pessoas das camadas populares em seus cotidianos.

MARÇO/2020 - SEGUNDO PERÍODO

Demos início ao segundo período com o eixo central, Diagnóstico do Etnoagroecossistema, começando pela Vivência Universidade - VU, conhecendo as temáticas do semestre, visitando o Museu do Homem do Nordeste, na Fundação Joaquim Nabuco, conhecendo os registros da Vida em comunidades de povos originários, tradicionais, também o modo de vida de agrestinos, sertanejos, dos homens que habitam a Zona da Mata, como daqueles sujeitos e sujeitas do litoral, nas colônias de pesca, ressaltando as diversas culturas, a complexidade da Vida em cada território, um olhar sobre as subjetividades, em atenção reflexiva e crítica sobre as várias concepções sobre o Nordeste. Essa visita antecipou nossa imersão à Mata Norte de Pernambuco.

Nesse período, a Mata Norte foi o palco de encontros para desdobramentos férteis durante o semestre, estávamos ali, visitando e se encontrando mais de perto com as subjetividades, com as expressões culturais, com as várias dimensões do ser e dos coletivos, por vezes guardadas pela opressões de certos contextos, era o homem que saía do corte da cana e se vestia na indumentária do Maracatu, transformando seu movimento no trabalho da cana em uma dinâmica de resistência e investidura da luta pela terra e pela justiça, colocando aqui que o Maracatu é mais que uma visão preconceituosa de dar-lhe como parte do folclore brasileiro, pois é na Mata Norte ou na Zona da Mata pernambucana o território das injustiças e conflitos agrários, e o Maracatu lança esse vento de denúncia e resistência dos homens e mulheres que trabalham na atividade canavieira.

Da inserção naquele território, a visita e trocas no Sítio Agatha, no protagonismo de Luíza, Agatha e Nzinga, minha colega de turma, a luta pela terra enfrentada no conflito com as forças do estado com sua truculência e no poder dos latifundiários que ainda dominam as regiões da mata pernambucana.

No sítio, escutar de Luíza, mãe de Nzinga, da linha histórica da luta e conquista de um lote no Assentamento Chico Mendes, em Tracunhaem, do feminismo, força do coletivo, sem

se desprender do resgate da cultura do seu povo, que vem desde a África, chegando aqui por força da opressão e escravidão, em navios lotados para servir aos interesses dos colonizadores nos primeiros anos da invasão das terras dos povos nativos, vejo aqui o potencial do mergulho nessa cultura e a robustez que deu a essa família para lutar, resistir e conquistar dentro do movimento da luta dos sem terra, e como essa identidade e resgate fez a diferença para elas, dentro do coletivo.

O Sítio Agatha é hoje um lugar de encontros e trocas de experiências-afroagroecológicas. Além das rodas de falas, a mão na massa, do conhecer as plantas no muito mais do que seu princípio ativo, no que elas trazem de sentidos e significados para o povo africano, por elas, nas continuidades, como a presença na fala delas, desse novo estar das mulheres no mundo, enfrentando os preconceitos e a opressão. O ambiente, com a mata, a biodiversidade, a agrobiodiversidade, a terra como geradora de Vidas, a maternidade, as águas, em seus movimentos, acomodações, na suavidade e força propulsora! Pertinente lembrar do movimento feminista e nas subjetividades, na defesa dos territórios, valorizando umas das temáticas do eixo do curso, Meio Ambiente, Sustentabilidade e Subjetividades, encontramos nas discussões sobre corpo-territórios, conceitos e categorias elaborados por organizações das mulheres engajadas em lutas socioambientais, as quais promovem a defesa da autonomia sobre seus corpos e da manutenção das Vidas em seus territórios. Essas considerações permitiram ligações com a temática do planejamento territorial e, assim, houve aproximações com perspectiva “feminista ecoconstrutivista”, sem romantizar a relação entre mulheres e natureza, mas favorecendo a compreensão da experiência cotidiana como fonte de conhecimento:

Justamente por serem mais afetadas pelo avanço dos extrativismos (mineração, agronegócio, megaprojetos) e pela emergência climática, essas passam a ser grandes preocupações de mulheres rurais e periféricas e a responsabilidade de enfrentar esses problemas no dia-a-dia é socialmente dirigida a esse grupo social. Nos parece importante portanto a consideração a participação dessas mulheres tanto na identificação dos problemas, como na elaboração de soluções para se enfrentar desigualdades estruturais e os problemas da crise ecológica. (Moreira e Empinotti, 2023, p. 4 e 5).

Como as pautas do feminismo atravessaram todo o curso, como a mim tocaram, vindo de contextos bem patriarcais, mexendo por dentro em minhas ressignificações e desconstruções, ainda mais pela afloração bem raivosa e ressentidas do conservadorismo, desses últimos anos no Brasil. A experiência do Sítio Agatha, reverberam para muitas reflexões e revisões de atitudes e escolhas para esse meu caminhar no mundo, na Vida.

E a experiência de Carlinhos, o oleiro, na Cerâmica de Bastinha, a arte que vem dos seus antepassados, em suas falas, o nó da interrupção da transmissão para outras gerações, lembrei muito do meu pai, em não passar suas múltiplas habilidades, da costura, da música, mas ficando para mim, a oralidade em minhas reflexões tardias sobre a “leitura do mundo”. E o Sítio Malokambo, na escuta do mestre capoeira, Joab, de Orum, seu filho e Helena, a capoeira e sua conexão com a cultura desde da África, a resistência, a dança, o movimento corporal, o gingado, a harmonização com o movimento da natureza, que fez, na minha compreensão, dela, uma arte na defesa dos povos africanos e seus descendentes aqui no Brasil. Essa conexão com o etnoagroecossistema, as práticas da família nos processos de transição agroecológica, a busca da autonomia e segurança alimentar, o espaço de encontro, que conta com abertura de muitas pessoas de Tracunhaém, que chegam para os movimentos e formações naquele espaço, acessando uma cultura, filosofia, que vem de longe, aqui no Brasil, sofrendo influências das sínteses que compõem a nossa cultura.

A Pandemia

Nem avançamos no semestre, logo depois de nossa volta da imersão, a Pandemia do Corona Vírus, assolando desde a China e se espalhando pelo mundo, sendo o Brasil um dos países que mais perderam vidas, numericamente e em termos proporcionais, foram mais de 700.000 mil vidas ceifadas.

Uma forma de governar o país, que na condução, negligenciava, disputava narrativas de combate a vacinação, negando a eficácia das vacinas, apelando para disputas ideológicas, querendo saber da cor do vírus, com indicações de tratamentos ineficazes e sem embasamentos científicos, foi um período de escuridão, que mexeu, e muito, com a população, com adoecimentos mentais e emocionais que repercutem até hoje, em que pese uma parcela significativa da população abraçar essas ideias deslocadas da realidade e das práticas em cuidados no campo da saúde pública. Foi um longo período, uma tragédia, marca triste da nossa história, que nem conseguimos dimensionar o impacto, que atravessará várias gerações.

De longe, no afastamento que faço sobre a imersão, dentro das temáticas do período, remetendo à pandemia, como as comunidades se fortalecem nas imersões em seus próprios contextos, em suas formas diferenciadas de vida, seja em territórios indígena, num quilombo, numa comunidade, territórios de saberes, memórias, ancestralidades, convergindo para o que

trabalhamos, Expressões Culturais do Campesinato e Educação, Diversidade e Relações Étnico-raciais, expressões do mosaico cultural que ainda resiste.

Na interrupção do semestre estivemos unidos/as, como coletivo Bacep, através de um curso on line, nossa resistência, nessa passagem trágica da humanidade, a pandemia, em seus impactos sobre a população, e no caso brasileira, a forma de administração da situação pelo governo do Brasil, como me reportei anteriormente, de forma irresponsável e de negligência com a vida. Não foi ainda a continuação do período, mas que foi significativa, em discussões de temas, a partir de textos que se vinculavam a proposta da Agroecologia, Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável; Processos e Fatores de Formação do Solo; Extensão Rural, Desafios de Nossos TEMpos; Cultura Camponesa; Fundamentos em Agroecologia; Plantas Alimentícias Não Convencionais; Economia Camponesa e Resistência Territorial no Assentamento Chico Mendes; Educação Não-formal na Pedagogia social e a Psicologia Sócio-Histórica.

Nesse período as atividades no Serviço Integrado de Saúde, também ficaram no formato on line, fiquei centrado em duas, praticando a Biodança e a Yoga, foi a maneira encontrada para assistir os/as usuários/as do sistema, contribuindo e muito nos cuidados na perspectiva de uma saúde integral nessa quadra tão grave por que passava a humanidade.

AGOSTO/2021 - TERCEIRO PERÍODO

O terceiro período começou de forma síncrona, na plataforma, ainda sobre o impacto da pandemia, com o eixo, Planejamento no Etnoagroecossistema, já na perspectiva da imersão aos sertões, pela mesma forma de nos encontrarmos, e não foi fácil, adentrar aquelas realidades pelos recursos virtuais, impediu que pisássemos o chão da riqueza daqueles territórios, do conhecer e interagir com as pessoas e comunidades que expressam o modo de vida, a cultura, as diversas formas da convivência com o semiárido, de conhecer diretamente as estratégias que fazem a população buscar a adaptação ao seu, com sua variabilidade climática, a intermitência das chuvas, o plantar e guardar as sementes, a resiliência da caatinga e de seu povo:

“Entendemos que pelo trabalho o ser humano transforma a natureza e cria as coisas, mas a necessidade é o ponto de partida para essa ação no mundo: quando o homem tem fome, sede, frio, ele age na natureza criando instrumentos para caçar (e matar sua fome!), instrumentos para armazenar água (e matar sua sede!) e tece agasalhos com a pelagem de animais (e acaba com o frio!). Estas são necessidades de primeira ordem, ou seja, para

garantir a sua sobrevivência. No entanto para Leontiev (2004) nesse processo de criação de coisas, outras necessidades, cada vez mais sofisticadas, vão surgindo, e isso leva a novas ações humanas, também cada vez mais sofisticadas”.(Para entender a cultura corporal: uma introdução para estudantes de ensino médio, Leonardo Carlos de Andrade, Gabriel Garcia Borges Cardoso e Fernando Henrique Carneiro, p. 5).

Isso reflete um caminho trilhado na superação do paradigma do combate a seca, um fenômeno natural, peculiar ao semiárido, para abrir uma perspectiva da convivência com o semiárido, que juntando os saberes das comunidades rurais que convivem com aquela realidade, suas experiências de resistência ao quadro desafiante desse complexo climático e ambiental, com políticas públicas que favoreçam o uso de tecnologias alternativas e capilares, partindo do encontro com a cultura e subjetividades, do que as pessoas fizeram para se adaptarem ao meio, superando o êxodo e a perda de uma cultura e suas potências, bem marcadas em seus corpos pelo antepassados e pelas ancestralidades.

Aqui trago uma menção a potência do Grupo de Mulheres do Sertão do Pajeú, elas que vão atravessando os ditames de um sistema patriarcal, vencendo os preconceitos, de uma cultura que ainda persiste em colocar as mulheres um lugar de subalternidade, invisibilizando o seu papel, ficando como secundário, tanto na relação conjugal, como na família, na sociedade, o que faz dessa experiência, que parte das suas atividades em casa, no labor da roça, na comercialização nas feiras, não mais uma atividade complementar ao dos homens, é o protagonismo delas, na inserção nas associações, nos espaços políticos em defesa de políticas públicas que quebrem essa prioridade para os homens, se bem aqui não se trata de uma competição, mas a luta por seus legítimos espaços.

FEVEREIRO/2022 - QUARTO PERÍODO

Início do quarto período, eis o começo da vivência em três atos, atos como se fossem de uma grande peça, que se renovaram, mas que se tratavam da experiência de viver o mesmo período por três vezes, minhas dificuldades e procrastinações me levaram até isso, o que me digo, na distância das dores, valeu a pena, pois estou eu aqui, nesta tecitura de finalização do curso, sempre espremido pelos prazos, sem desistir e com a minha resiliência, como a vegetação da caatinga, do tom acinzentado, parecendo a morte, ao reluzir do verde com as primeiras chuvas, em meu caminhar sem as certezas e metas, mas na intuição de que ainda tenho algo para fazer e contribuir no melhor para o mundo.

Nesses períodos, que serão por repetidos caminhos, sob a luz do eixo, Planejamento e Ação no Etnoagroecossistema, começamos ainda com a pandemia, da primeira vez, estávamos na situação de cuidados com a nossa saúde, como era uma atitude de quase toda a sociedade brasileira, de modo síncrono, adentrando os agrestes vidrados/as na tela, onde destaco as temáticas de Feminismo e Agroecologia, Expressões Culturais do Camponato e Alimentação e Sociedade.

Na imersão, uma explanação sobre o Agreste Meridional, na fala de Lucimar Oliveira, uma liderança da FETAPE, assentada no Polo Sindical de Garanhuns, fincado naquele território, “A histórica ausência da valorização das tradições, memórias e cultura dos povos tradicionais. Os índigenas, os negros, quilombolas, continuam existindo, mas sendo ignorados, em seus saberes fundamentais”. Sua fala nos diz muito de uma tendência do estado, do poderio político e econômico, que invade territórios, ocupa a terra, toma posse dela, até de forma cartorial, posso afirmar que por vezes, forma-se uma aliança, um conluio, entre o estado e os poderosos da nação, no intento desse domínio, até refletindo em apoio de uma parcela significativa da sociedade, quando da forma manipulada ela acessa as informações sobre as questões agrárias, ficando no senso comum, a distorcida ideia, da maneira que se coloca, “terra é para produzir”. Mas trago um elemento importante, que vem das temáticas, Expressões Culturais do Camponato.

Camponato, um conceito europeu, em seu emprego no Brasil, precisa de uma adaptação, se lá se faz um olhar sobre a história, desde os tempos do sistema feudal, sobre como se davam as relações do trabalho com a terra, aqui no Brasil, quando falamos de camponato, precisamos fazer uma leitura e mergulhar em nossa história, desde a invasão pelos colonizadores, pois já havia um povo na conexão com a terra, os povos indígenas já viviam nesta integração com o meio ambiente, com cosmo, em suas expressões culturais, o mesmo acontecia com parte dos povos africanos, que aqui chegaram pela força e truculência dos invasores, fazendo-os escravos, em trabalhos forçados na cultura da cana, também aqui suas riquezas culturais, que foi guardada, resistiu, e chega até os nossos tempos.

Esses modos de vidas, de expressões culturais, quando falo no modo camponês e na sua forma de interagir com a terra, o meio ambiente, com o ecossistema e todas as suas complexidades, necessário que para esse viver camponês, na medida em que se fala e se imprime, depois das discussões intelectuais, acadêmicas e com as trocas com as diversas realidades dos territórios, seus costumes, seus saberes, necessário conhecer das memórias dos que contribuíram e muito, para a nossa formação, ainda guardando gerações e sementes de

nossos povos originários, tradicionais, que vão atravessando épocas, vencendo cercos e todas as formas de opressão.

Tenho me ligado ultimamente, não é bem recente, mas vem suprindo minhas ausências dos primeiros anos de vida, a oralidade, - e foi de uma intensidade tamanha em minhas imersões nos territórios agrestinos, no Programa Um Milhão de Cisternas Rurais, experiências únicas e reverberativas, refletindo para toda à minha vida! -, a fala daquelas pessoas que carregam essa missão, e não é uma situação tão pacífica assim, como se fosse um ato natural, a transmissão de saberes, que se dão muito por aquela forma de registros, do que vai sendo captado por quem circula e interage no entorno dessa doação. Na outra fala que apresento, fazendo uma ligação com a importância nesse beber nas lições dos antepassados, da ancestralidade, na memória biocultural, e como isso fortalece a comunidade, a identidade de uma comunidade, por outro lado, nessa fala, uma perspectiva e abertura, na prática, da participação feminina, em decisões que vão construindo processos para os avanços da Comunidade Quilombola do Castainho, em Garanhuns, no Agreste Meridional, vencendo as resistências que impedem o protagonismo das mulheres, se encontrando com uma de nossas temáticas, Feminismo e Agroecologia, em uma visão sistêmica, holística e suas interfaces:

“Na associação, a maioria é de mulheres, mas a voz é dos homens, por isto, criar o grupo Guerreiras do Quilombo, para que a mulher se percebesse. Sou pedagoga, têm outras mulheres professoras. Pensamos em melhorar a saúde das mulheres a vida na comunidade. O maior trabalho com a mandioca é das mulheres. Como vamos orientar o plantio da mandioca, continuar de forma agroecológica? Queremos ter no Castainho um produto que a gente possa confiar. Trabalhamos todos os meses para que a mulher participe mais a cada dia. Espelhamos em mulheres da comunidade que foram guerreiras, sustentaram suas famílias. Fui discriminada na minha própria escola. Lutei para ser professora para que meus alunos crescessem. Estudei, melhor, para ficar na minha comunidade, mas preciso me reconhecer. As crianças já acompanhavam e acompanham os pais no plantio, sabendo que ali está garantido o alimento durante todo o ano. Nessa atividade, a valorização das sementes crioulas, até fazendo que a gente vá deixando as sementes do IPA. Estamos no Programa de Aquisição de Alimentos - PAA da comunidade e também no PAA municipal. Temos um trabalho com reciclagem, há quase dez anos, envolvemos a comunidade, já conseguimos contribuir na construção do Salão Paroquial, espaço que vai ser utilizado pela própria comunidade. Que mais a gente pode fazer além da reciclagem?” (Walmira, Associação Guerreiras Quilombolas, Quilombo do Castainho, Garanhuns-PE)

Nessa fala, a luta por espaço e reconhecimento pelo lugar da mulher como protagonista, como percebo, de não ficar submetida a uma condição que sempre coloca o homem como exercendo o poder sobre ela, em que a sua participação e as diversas atividades que exerce no lar, nas tarefas que envolvem a família, no campo, na produção, na comercialização, mesmo custando esforços, tempo, dedicação, planejamento, organização e observações, reflexões e tomadas de decisões para encaminhar processos em casa, na propriedade e ainda ficar invisibilizada, é de acreditar que outras realidades são possíveis, mesmo com a conta de muitos sofrimentos para começar e continuar processos que caminhem para a autonomia das mulheres, em um textos :

O projeto de sociedade defendido pelas feministas rurais consegue dar conta de situações concretas, como as pautas de acesso à terra, à água, aos serviços básicos de educação e saúde, a produção saudável de alimentos, bem como o cultivo de sonhos, da imaginação como expressão de rebeldia, expressão vital que faz o mundo girar, contar a esperança é criá-la. Assim, imaginação e movimento, se unem para produzir sentidos, pois os nossos territórios são físicos e existenciais, e uma realidade não nega a outra. Dizem que as mulheres negras costumam fazer tranças nagô desenhando mapas nas cabeças umas das outras, usando os cabelos para encontrar os caminhos nas fugas para os quilombos (Monteiro, 2019, p. 154).

No que move nosso curso, na perspectiva do lugar da mulher como protagonista dentro de nossa sociedade em seus vários contextos, enfrentado uma realidade de dificuldades e opressões, seja em casa, na família e no conjunto da sociedade, a violência do sistema patriarcal e um quadro alarmante de feminicídio, trazer esses textos, a conversa, a escuta pelos diversos territórios, diz muito para mim como educador, agrônomo, extensionista, nas imersões, nos embates e no acontecer do meu atuar na extensão ou mediação, seja no campo ou na cidade.

Vejam que elas falam a partir dos seus enraizamentos nos seus territórios, trazendo elementos importantes, que vão da ancestralidade à figura de pessoas, mulheres, que mesmo em situações tão adversas, se fizeram presentes, em conversas e práticas no enfrentamento ao patriarcado, ao machismo, muitas vezes, até em seus silêncios, em formas de se colocarem até como uma impressão de passividade, era um modo de fazer, de se defender, mas daí, acumulando saberes, reflexões, conexões que não foram só de submissões, conversavam dentro dos trabalhos, formando corpo a partir das referências em muitas mulheres guerreiras e protagonistas aos seus tempos, o que considero.

Nesta tecitura que venho escrevendo, o lugar que destaco sobre a oralidade e a transmissão ou o compartilhamento de saberes, tornando as gerações posteriores, conectadas

com os processos históricos, a história local como sua própria matriz de fortalecimento e potenciais.

Conhecer também o trabalho da Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional, acessando os saberes de pessoas e comunidades que preservam e usam as sementes em uma grande variedade delas, seja de milho, feijão, sementes que trazem memórias de adaptação, de convivência com o clima e ambiente daquele território, sementes que não se tratam de se produzir mais ou não, mas que tem um valor afetivo, do lastro das marcas de antepassados e da ancestralidade, trazendo sabores diferentes, gostos para várias formas de preparação para chegarem na mesa e serem partilhadas e nutrirem a vida, como serem levadas para as feiras, os grãos para o comércio e a trocas de saberes, nas conversas e permutas, com cada camponês ou camponesa contando do seu lugar, da história das sementes em seus territórios, de descerem à terra em seus plantios e se multiplicarem, reservadas para os plantios vindouros, para a alimentação e negociações de seus excedentes, tudo muito cheio de memórias e oralidades, as sementes crioulas carregam as mãos e saberes de muitas gerações, são responsáveis pela segurança, autonomia e soberania alimentar.

Falar em sementes crioulas, é também falar de resistência, o que foi parte, apesar das limitações, por não tocarmos o chão, não interagirmos nos apertos de mãos, nos abraços, nas conversas nas rodas, nas trocas de experiências nas práticas camponesas, no bate papo, na saída de uma vivência para outra, no caminho, sentido o cheiro da terra e no cheiro das paisagens, do ar daquele territórios, estávamos sobre os cuidados necessários que pediam a pandemia, ainda fazendo nossas imersões, vivências realidades campo - VRC, vivências universidade de formas on line, mas que com as limitações, conseguimos dar conta e seguirmos para concretização do quarto período.

Aqui, se fosse me estender, seria por muitas páginas, pois as experiências, mesmo aquelas que viéssemos a visitar de novo, não contaríamos uma mesma história no retorno, saberes diferentes, no sentido das intermediações, certamente surgiriam nas rodas, nos encontros, até porque, não seríamos os mesmos, por termos acessados outros conhecimentos e saberes, como da outra parte, não me engano, que tem também suas dinâmicas e ressignificações. Nos limites, fomos atravessando a pandemia, mesmo com os traumas e marcas, da calamidade pública com tantas mortes e perdas de inestimáveis significações.

Ao não me alongar, registro um quadro de dificuldades que porque passei no curso, vindo a repetir o quarto período por mais duas vezes, sem diminuir o valor das experiências que viriam a acontecer na segunda turma e nesta terceira, que me levaram para este caminho de finalização do curso, chegando aqui, sem traumas, agradecendo por tantas pessoas que

conheci pelas estradas da vida, e da minha alegria e dádiva de estar concluindo o Bacep com esta turma e da amizade que estou levando para sempre.

No intervalo entre um semestre e outro que seria repetido por duas vezes, mantive a vinculação com o curso, frequentando disciplinas optativas, como extensão rural, no curso de Agronomia, sobre a docência do professor Walter Evangelista, de ganho imenso, conseguindo levar para o diálogo e trocas, nos trabalhos, o papel das metodologias participativas, de um modelo de extensão que ia muito mais como portadora de uma receita pronta para as demandas dos camponeses e camponesas.

Significativo aqui, alinhar a temática do Redesenho de Agroecossistemas, que foi facilitada pelo professor Felipe Jalfim e a professora Horasa, ele traz uma trajetória rica, quando, inicialmente, se formou em Medicina Veterinária, primeiramente, no campo profissional, atuou em organizações não governamentais que atuavam e atuam em programas de convivência com o semiárido, no Sertão de Pernambuco, já dialogando com as propostas que embasam o arcabouço do curso de Agroecologia, para depois voltar a academia, primeiro em Sergipe, depois aqui, com sua bagagem de conhecimentos, saberes, se abrindo e facilitando o diálogo com a gente, com o coletivo Bacep e com a Agroecologia, era de gente, do seu fazer e viver em seus territórios, valorizando suas práticas, suas tradições e culturas, inserindo os animais como ligados às atividades agropecuárias.

O caminho que se repetiu nos períodos repetidos dos quais fiz parte, trazendo suas vivências em contextos comunitários rurais, valorizando a fauna, a flora, o complexo ambiental que caracteriza o semiárido, como na criação animal, a vegetação predominante, daquela que tem a capacidade de adaptação ao meio, sua rusticidade e resiliência, sua condição de fornecer alimentos para os plantéis de diferentes animais que compõem a tradição pecuária da região, fornecedoras de proteínas dentro da cultura sertaneja e agrestina, como a ovinocultura, a caprinocultura, a avicultura, como criação de galinhas de capoeiras.

Isso continuou com a chegada da professora Ana Paula, recentemente incorporada ao coletivo Bacep, fazendo uma parceria com o professor Felipe, enriquecendo, com sua experiência na extensão rural, na Região Sul do Brasil e nos vales e montanhas de vários países da América Latina, da Colômbia a Cuba. Foi uma conjunção de conhecimentos e saberes que enriqueceram o quarto período, que se mostrou como um passo mais firme, alavancando a minha caminhada para continuar e concluir o curso, aprendi muito ali, desse lugar de me colocar como educador, agrególogo, um extensionista que prima pelo diálogo com as pessoas, respeitando seus contextos, as vidas em seus territórios, uma experiência marcante.

JULHO/2024 - QUINTO PERÍODO

Antes de adentrar em minha participação no quinto período, registro aqui, nas idas e vindas para um lugar para chamar de meu, como etnoagroecossistema, a mudança que fizemos, de forma coletiva, entre terapeutas e usuários/as do SIS, no tocante ao uso do espaço que fazemos, primeiro, como Farmácia Viva, utilizado também como campo de prática para o curso do Uso Racional das Plantas Mediciniais, para Grupo Comunitário de Terrapia Agroflorestal - GRUTA, marcado para se reunir todas às terças, em mutirões de práticas no sistemas, entre trabalhos e conversas.

Transcrevo aqui o texto embrionário que embasou nossa conversão a essa nova proposta, com os ventos bons que estão chegando, na atualidade, no diálogo com agentes da Prefeitura da Cidade do Recife, nos cobrando um projeto, podendo contribuir com um sistema de irrigação e outros equipamentos para melhorar nossos trabalhos, mesmo ainda sem termos atingindo uma participação melhor de usuários/as e da comunidade, mas estamos persistindo:

“ Olá, pessoas,

Segue o convite para o mais novo grupo do SIS, com o objetivo do cuidado, com com as pessoas e com a terra. A partir de abril, estaremos iniciando o Gruta, grupo comunitário de terrapia agroflorestal. Grupo com o objetivo de trabalhar a relação com a terra, segurança alimentar, produção de alimentos e plantas medicinais. O grupo é coordenado por Jarbas Nunes, gerente do SIS, pela prefeitura, Evani Araújo, médica fitoterapeuta, professora Jailma Santos, do departamento de Nutrição da UFPE e João Durval, estudante de Agroecologia, da UFRPE. A produção será destinada para os grupos de plantas medicinais e de alimentação saudável. O excedente será distribuído para os comunitários que estiverem trabalhando no projeto. Sejam todos e todas convidados/os para este projeto. Nossos encontros acontecerão todas às terça-feiras, na Rua Lindolfo Color, 65, no Bairro do Engenho do Meio, em Recife”.

Esse diálogo entre o Bacep, a Agroecologia e minha participação no SIS, como usuários das práticas integrativas e complementares em saúde, abordagens que vão além de resumirem uma pessoa a um diagnóstico biomédico, a partir das dores crônicas no corpo ou mesmo pelas dores da alma, intrinsecamente, vivia e vivo esse diálogo, observando um ponto importante, como a mulheres, independentes das gerações, estão se cuidando, em um contraponto, a negligência com a saúde da parcela masculina da sociedade, o que se repete em várias práticas individuais e coletivas, das quais participo. Mantive minha participação no Gruta, que por vezes não apareceu em meus relatórios, enxergando ali, um espaço de convivência e de crescimento.

Valioso registrar aqui, que antes do começo do quinto período, vivenciamos um estado de greve por parte da classe trabalhadora das universidades públicas brasileiras, mas que não deixamos de fazer nossas conexões, uma escolha, desprendimentos, que fizemos desde o começo do Bacep, extrapolamos as salas ou muros da universidade, fortalecendo as amizades, companheirismos, a solidariedade, que foram se fortalecendo, ainda mais em situações de calamidade pública, como vivemos na pandemia, o que se repetiu na continuidade das rodas, mesmo que virtuais, no período grevista.

Essa convivência, que foi e vai além dos ditames acadêmicos, em seus conceitos e epistemologias, os saberes, nossas vidas, em nossos lugares, em nossos territórios, desde chegarmos ao mundo, não foram silenciadas ou negligenciadas, pelo contrário, foram a nutrição desta bela caminhada, em nossas ontogênese e alteridades, que trouxemos para dentro, nesta mistura, em rodas, conversas de perto, com um amigo ou amiga, que repercutem no âmago e nas cadeias ilusoriamente fechadas de vários cursos, na pretensa resolutividade das demandas sociais, por muitas vezes, sem dialogar com elas, da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Indo para fora em nossos caminhos, em nosso ser e em nosso fazer, superando a virtualidade e a fantasia da Inteligência Artificial - IA, como um achado mágico, um delirante pensamento de que agora, encontramos a forma alcançar resoluções, sem sair de casa e que tem ali a herança da Humanidade, perdendo de vista, a Vida em um lugar, o cotidiano, deixando de beber nos territórios, nas nossas ancestralidades, nas memórias dos nossos antepassados.

A Imersão

Reproduzo aqui, meu primeiro relatório do quinto período, envolvendo minha participação na Imersão aos Agrestes, Meridional e Central, agora com as vivências presenciais, já que no primeiro quarto período em que frequentei, nossa experiência foi de forma virtual, o que não foi de desconsiderar tanto assim, já que passávamos por uma excepcionalidade, por conta da pandemia, exigindo que tivéssemos cuidados com nossa saúde, e como de fato, com a de toda à sociedade. Mas não tem como igual, apertar as mãos, abraçar, ser abraçado e escutar as pessoas em suas vivências nos territórios, e foi uma imersão profunda, rica de experiências vivas de resistências, de envolvimento com as tradições, culturas e ecos ancestrais, expressados pelas pessoas e comunidades em seus territórios:

Neste primeiro relatório da 1o Vivência Realidade Campo - VRC, como um trabalho de retorno de nossas aprendizagens no 5o período do Bacep, focaremos na imersão feita pelos agrestes; nas atividades orientadas para dentro dos territórios; na leitura dos textos sugeridos que embasam esta fase do semestre e nos frutos de nossos diálogos em sala de aula, durante a Vivência Universidade - VU.

Durante o período, visitamos os agrestes, Meridional e Central, mais especificamente, Garanhuns, Pesqueira e São Bento do Una, onde imergimos em observações, partilhas de saberes e práticas, em comunidades de camponeses, quilombolas e indígenas, partindo da orientação para os seguintes temas: Estilos de agriculturas sustentáveis, manejo ecológico de sistemas agroflorestais e manejos de agroecossistemas; Processos participativos de melhoramento genético de plantas e animais; Processamento e conservação da produção familiar; Educação e direitos humanos; Economia solidária e Extensão rural.

Destaco a diversidade de assuntos tratados e a afirmação de que neste modelo de ensino, o processo deve ser visto como caminhar para integrar todos os temas, sem ferir o princípio do acolhimento e respeito a demanda do outro, aproximando mais e mais do caráter cíclico e integrador dos sistemas naturais. Percebe-se os desafios que as famílias têm para continuar no campo, quando falamos das imersões e quando estamos pesquisando, dialogando sobre a agricultura na cidade e suas possibilidades. Na imersão, em Garanhuns, o resgate, resistência, como estratégia, na defesa da sua cultura e tradições, do povo Quilombola do Castainho, que continua sendo alvo da pressão como forma de expansão do setor imobiliária e pelo inconformismo das classes dominantes locais com suas conquistas; no Sítio Cruz, a simbiose entre a valorização da memória genética local, no cuidado com as sementes crioulas e os laços comunitários, através da cultura do reisado; a prática da construção de um Sistema Agroflorestal - SAF, no sítio de seu Miranda, com sua participação e de outros voluntários, um diálogo entre a AÇÃO - REFLEXÃO - AÇÃO. Na Serra do Ororubá, em Pesqueira, conhecer as práticas de cuidados com a saúde do Povo Xucuru, através dos usos das ervas, tratando das dimensões, espirituais, culturais e físicas, dentro daquele território,, que vão se fortalecendo na pesquisa com as sábias e sábios e nas interações com instituições de pesquisa, além de conhecermos o desenho da integração entre as plantas, que em nossa linguagem acadêmica conhecemos como SAF, e ainda conseguimos escutar sobre a história e reconquista do território daquele povo, também sobre a importância de guardar as sementes e como a pedra é carregada de sentido orientador para a sua jornada. Em São Bento do Una, na divisa com Sanharó, os primeiros passos de nosso colega de turma, Ryan Valença, em sua transição agroecológica, em uma região culturalmente dominada pela criação do gado leiteiro e a predominância da palma como fonte alimentar para os animais, mais recentemente, a construção de imensos criatórios de galinhas com a finalidade de produção de ovos em larga escala e de frangos para serem beneficiados em grandes abatedouros industriais.

Na integração entre a imersão e a Vivência Realidade Campo, com os textos sugeridos, planejamos e construímos um SAF em Jardim São Paulo, no Sítio Azulão, responsabilidade do grupo território Recife. Leituras de textos, a pesquisa em artigos acadêmicos, a observação dos conceitos e como tudo isso dialoga com a imersão pelos agrestes, dentro de Melhoramentos Genéticos Participativos. Em Processamento e Conservação da Produção Familiar, a pesquisa sobre manuseio, embalagem, rotulagem, validade, higiene dos produtos na Feira Agroecológica da UFRPE. Em Direitos Humanos e Educação, o foco na imersão aos agrestes, com um olhar de quais são esses sujeitos de direitos, em suas lutas e resistências em defesa de seus territórios e territorialidades, à luz da Declaração Universal de Direitos Humanos. Em Economia Solidária, o levantamento de organizações ou grupos que trabalham na lógica de um mercado mais justo, valorizando o que é produzido localmente, sempre em um caráter coletivo. Por último, a partir do que vivenciamos nos agrestes, o que colhemos para nos embasar no trabalho como educador/agroecólogo, atuando na diversidade de territórios, com suas tradições e culturas, focando na Extensão Rural, um dos temas importantes dentro do eixo trabalhado durante este período do Bacep".(João Durval Farias, Atuação no Etnoagroecossistema, Relatório da 1ª VRC).

Do que participei, veio forte as minhas memórias afetivas, se de quando criança ou adolescente tenho poucas lembranças de subir a Serra do Ororubá, em Pesqueira, território dos primeiros anos de trabalhado do meu pai, primeiro, no SPI, depois na FUNAI, como

servidor público, atuando naquela área como auxiliar técnico de enfermagem, sei que era levado, tanto para Brejinho, como para Jitó, lugar de origem da família da minha cunhada. Essas incursões fogem das minhas memórias, mas chegam, pelo sopro dos mais velhos. Minha inserção naquele meio deu-se mais em minhas caminhadas, as do caminhante solitário e apreciador da natureza e do gosto pelos ventos da manhã, por muitas vezes, subindo a serra ainda cachimbando, com aquela fumaça de umidade subindo aos céus, tomando banho nos riachos, açudes e cachoeiras.

Foi ali, que comecei a juntar os filmes da passagem do meu pai, minha referência tão presente nesta tecitura, na escuta aos mais velhos, as mais velhas, do Povo Xukuru, que habitavam ou ainda habitam parte daquele território. Na imersão, dentro da Casa das Sementes, das sábias e sábios, escutar a história de luta do Povo Xukuru, nas palavras de Iran, agrônomo formado nesta casa; a explicação de Bela, no manuseio e processamento das ervas, o valor e apontamentos dos sábios e sábias, nesses saberes; saber também das formas de agriculturas, que nesse encontro de saberes e conhecimentos, conhecemos como, Agricultura Restaurativa Xukuru.

O que me remete a pensar que existem muitas maneiras de classificar ou nomear estilos de agriculturas e o significado e sentido das pedras, suas mensagens transmitidas, atenção, em nossas reentrâncias por esse modelo, com as explicações de Edgar Xukuru. Chamo Brandão de novo para refletir comigo sobre o que vi antes, por essas andanças na imersão aos agrestes, da importância de não se afastar das referências e dos sopros ancestrais, dos registros que se fazem para mover-se no mundo, coletas, transformações, ressignificações, memórias que fortalecem e ampliam, o fazer do presente, o que nos diz muito em estarmos situados no Departamento de Educação, no curso de Agroecologia, na UFRPE:

[...] A socialização realiza em sua esfera as necessidades e projetos da sociedade, e realiza, em cada um de seus membros, grande parte daquilo que eles precisam para serem reconhecidos como “seus” e para existirem dentro dela.

Ora, no interior de todos os contextos sociais coletivos de formação do adulto, o processo de aquisição pessoal de saber-crença-e-hábito de uma cultura, que funciona sobre educandos como uma situação pedagógica total, pode ser chamado (com algum susto) de endoculturação. Dentro de sua cultura, em sua sociedade, aprender de mais ou menos intencional (alguns dirão: “mais ou menos consciente”), através do envolvimento direto do corpo, da mente e da afetividade, entre as incontáveis situações de relação com a natureza e de trocas entre os homens, é parte do processo pessoal de endoculturação e é parte da aventura humana do “tornar-se pessoa” (Brandão, 1985, p.23 e 24).

Nesses contextos visitados, dialogados nas rodas, na escutas de seus sujeitos e sujeitas, na imersão e seus desdobramentos, em nossas arguições e curiosidades, acessamos uma

fração, uma parte das suas histórias referenciados/as no que os/as trouxeram até o presente, de seus antepassados/as, em suas bases ancestrais, de avisos e mensagens de resistências e sabedorias.

Parecendo incrível, nos aludindo, no estado presente ao que sopra no mundo, na atualidade, e o Brasil tem sido, nesses últimos anos, palco de uma escolha e ação, de uma parcela significativa da população, atuando pelo negacionismo, pela revisão da história, pelo apagamento, apagamento do que ainda não foi bem contado sobre o papel das “classes subalternas”, dos povos originários, tradicionais, dos trabalhadores/as como estrutura para formação desta nação. Vinda de vozes de lideranças políticas, em seus assentos, nas casas legislativas, no poder executivo, e até mesmo dentro do poder judiciário, como defensoras dos interesses dos grandes grupos empresariais, dos megas fazendeiros, dos que se expandem na ocupação das terras, nos argumentos de gerarem altas produções, trabalhando, explorando os/as trabalhadores/as, com a monocultura da cana, da soja, do milho, como na criação bovina em extensas áreas de terras, na combinação com os governos, independentes das colorações partidárias ou ideológicas.

Nessa concepção de gerarem divisas para o país, o que não coloco como menor, no sentido de que estamos inseridos no modo capitalista de produção, mas com um adendo, que ainda figuramos na cena mundial como exportadores dos produtos do setor primário da economia, passando por cima das tradições, culturas, dos povos originários, tradicionais e do modo camponês de viver, quebrando ecossistemas, nossa biodiversidade, nossa agrobiodiversidade, a diminuição da variedade de sementes, a perda de nossa herança genética ancestral, de nossas sementes crioulas, do uso desmedido de agroquímicos, impactando sobre os recursos naturais, que refletem na diminuição de nossa diversidade alimentar, vindas do mosaico, das teias variadas dos inúmeros territórios.

O que conhecemos na imersão aos agrestes, Meridional e Central, do que teci em meu relatório, convergiu ao vivo, no mergulhar nas experiências de povos originários, tradicionais e na resistência do modo camponês, como a do Sítio Cruz, em Garanhuns, na simbiose de trabalhar a terra, do preparo, dos plantios, dos cuidados e das colheitas, as sementes crioulas, tão presentes no Agreste Meridional, na rede SEMEAM, com a cultura do reisado, uma expressão cultural que vai fazendo a conexão da comunidade em todos os seus fazeres, na liga com os antepassados e a ancestralidade, o que me faz refletir sobre como a visão reducionista e preconceituosa, com esses povos, levando a diminuir o papel de seus sujeitos e sujeitas nas bases da construção da identidade nacional e mesmo, da potência no presente da nação,

apontando com muita ênfase e reverberações, que habitantes desses lugares, desses territórios, como camadas do atraso.

Foi uma convergência, neste diferencial do nosso curso, indo além dos conceitos e epistemologias secas, em dialogarmos com os contextos e realidades do campo, o que conseguimos, explorando as temáticas do eixo que nos guiou durante todo o período, Manejo de etnoagroecossistemas; Segurança e soberania alimentar; Redes sociais do campesinato; Processamento e conservação da produção familiar; Saberes e práticas das Plantas Medicinais; Processos participativos de melhoramento genético de plantas e animais; Educação e Direitos Humanos; Expressões culturais do campesinato; Alimentação e sociedade

Em mim, tocou e mexeu, transitar por esses agrestes, na condição de estudante do Bacep, em minhas observações e curiosidades, em minhas reflexões, nas minhas memórias de meu período de trabalho no Projeto Um Milhão de Cisternas Rurais, de ter transitado por esses territórios, da proximidade que veio desses tempos, dialogando com as propostas do curso, foi de memórias afetivas, de comprometimentos, ainda mais, em ter voltado à minha terra, como estudante do Bacep!

Me despeço aqui, seguindo no trem do Bacep, continuando para chegar no 6º período, com uma sensação que exprimo nesta tecitura, no entremeio, minha vontade de chegar, não tão pleno do quanto queria, mas com a consciência de quem vai se acolhendo, se permitindo compreender, que o tempo, se fosse uma estrada, não seria reta, pois a vida, na singularidade de cada pessoa em sua entrega a ela, tem seus descaminhos e encruzilhadas, na extensão, têm os modos de reação e de superação, o que de maneira alguma, seja possível uma resposta padronizada a isso.

Como é carregado de sentido, sair, se olhar, no afastamento, perceber da importância de estarmos juntos/as, construindo outras práticas, facilitação de aprendizagens, caminhos muitas vezes tortuosos, mas que essa árvore, bem enraizada, com tronco robusto e uma copa frondosa, nesta estação, perceptíveis estão os seus frutos, que conseqüentemente, geram sementes, com os nossos cuidados!

2025 - SEXTO PERÍODO

Aqui se acende as luzes, como farol que nos iluminou para chegar ao fim desta trajetória, pois daí em diante, conhecemos da importância da Sistematização de experiências, dentro do eixo que referenciou o período, Atuação e Sistematização no Etnoagroecossistema,

de como não pura e simplesmente narrar uma experiência, descrevendo as vivências das pessoas em suas comunidades e territórios.

A sistematização, é da movimentação, na cultura, tradições e fazeres, de sujeitos e sujeitas dentro de suas realidades, vindas de memórias e ancestralidades, com atuações e ressignificações no presente, sendo mesmo, eles e elas, os/as protagonistas, com vozes e práticas, nas vivências nos lares, nos quintais com plantas medicinais, plantas que se come, nas atividades agropecuárias, nos cuidados com a terra, nas lavouras, nas rodas de conversas, sobre a vida em família, sobre a vida em comunidade, em suas “leituras do mundo”, nas lembranças de saberes, na abertura, em seus tempos, do diálogo com outras fontes de conhecimentos. Na sistematização, sai a narração crua, entra os/as sujeitos e sujeitas, contando e referenciando as suas próprias histórias com protagonismo. Levar ao papel ou mesmo na forma de audiovisual, é imprescindível que apareça, como predominância, os/as construtores/as da Vida nos territórios.

Isso também embasou muito a nós, como coletivo Bacep, no sexto período, na perspectiva do que chegaria lá na frente, ao tecermos nossas vidas, as raízes, a vida de estudante, o campo profissional, a passagem como estudantes do Bacep, os ventos futuros, a serem tecidos no memorial, trazendo a vida, em seus descaminhos e aprumos, a vida em sua plenitude. Para continuar aqui nessa minha tecitura, reproduzo um trecho do meu relatório, destacando uma experiência que visitamos, dentro da Imersão na Zona Metropolitana do Recife, na observação de que as temáticas vão se encadeando, tanto no período, como dialogando com as vieram nos eixos anteriores:

O Começo e os Desafios da Horta Dandara

Diante de um cenário que levou a milhões de mortes em todo o mundo, resultado da pandemia causada pelo vírus da covid 19, disseminado a partir da China, que chegou a ceifar a vida de mais de setecentos mil brasileiros/as, nasce a horta das mulheres de Peixinhos, incentivada pela campanha Mãos Solidárias, uma iniciativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra - MST, envolvendo outros movimentos, com a assessoria do Centro Sabiá. Uma realidade que afetou mais as populações periféricas, além da predominância sobre a população negra, agravando o estado de insegurança alimentar e nutricional.

Nossa visita teve como objetivo conhecermos a experiência e construirmos um mutirão com os/as sujeitos e sujeitas que convivem naquele espaço agroecológico. Planejamos as atividades de capina; cobertura do solo com matéria orgânica da própria horta;

plantios; cercamento; preparação de canteiros e poda, todas consumadas a partir da roda de diálogo com a participação da assessoria do Centro Sabiá e nossa turma. Roda onde ouvimos relatos dos sujeitos e sujeitas, sobre o cotidiano, a vida no bairro e suas interrelações.

Na roda, escutamos os relatos dos sujeitos e sujeitas, na sua maioria mulheres, que não possuem uma renda necessária para suprimento das famílias, vivendo em trabalhos precários; exposição à violência no lar e no dia a dia nas ruas, sendo exploradas em suas forças de trabalhos; pessoas que chegaram com quadro de depressão. Desafios que demonstram a dimensão de um trabalho de implantação de uma horta urbana, que na concepção agroecológica supera o caráter produtivista, valorizando o encontro de pessoas, a roda com subjetividades expostas, com o aprender de uma escuta respeitosa do/a outro/a sujeito/a, na construção de inter relações pessoais saudáveis, sem perder o riso e alegria, que mesmo nos mais dissabores que a vida oferece, as perdas com as enchentes de 2022, que fortaleceu o coletivo em sua solidariedade, partilha, nas atividades de recuperação de suas casas e na tarefa de refazerem a horta. Em momentos que antecedem as práticas, sob orientação dos técnicos/as ou convidados/as pelo Centro Sabiá, acontecem instantes de algum tipo de relaxamento, de integração do grupo

Na parte estrutural, a horta conta com uma cisterna para captação de água da chuva, uma bomba que auxilia em puxar a água para irrigação, um trabalho duro para as pessoas darem conta, no campo prático, as ferramentas que são guardadas na parte do prédio que tem uma vigilância permanente, pois a horta por várias vezes teve alguns objetos roubados.

Em campanhas desde a pandemia, com parcerias entre entidades, o Centro Sabiá pôde distribuir entre as famílias que participam da horta, fortalecendo essa liga, que no objetivo de um alcance transformador, construiu com as pessoas uma formação de caráter política e pedagógica, em temas como direitos; cidadania; a luta contra o racismo; o acesso ao conhecimento sobre alimentação saudável; saneamento básico; as conquistas e empoderamento das mulheres que trazem também suas experiências de vidas, seus saberes e as memórias de suas ancestralidades, abrindo uma perspectiva multidimensional e complexa de sentido e territorialidades na ocupação da terra, seja no rural ou no urbano.

Em nossa visita, um dia de avanços, irmanados que ficamos em uma parceria que nos ensina, que mesmo nas dificuldades, ali, em conversas enquanto estamos aprendendo com esses/as sujeitos/as, com seus saberes e nas trocas com nossas experiências, no decorrer das práticas, demonstram a força do coletivo, do diálogo sem fronteiras. Mas como nutrir um grupo assim ou como animá-lo em suas potências em um ambiente, em um olhar mais ampliado, para superar tantas adversidades, percebendo que a cidade se repete nessas

ausências em um contraste com ilhas de opulências, resultantes históricos de um país fundado em bases da escravidão do povo negro e o extermínio dos povos originário, tornando-se uma potência capitalista, participante do grupo das dez maiores economias do mundo, mas como cenário das maiores desigualdades.

Em nossas visitas e interações, tiveram outras, nessa imersão, escutamos das subjetividades dos/as sujeitos e sujeitas das experiências, e como é importante de saber e se aprofundar no que se constitui uma uma sistematização das experiências, como elas reforçam o papel das pessoas que a compõem, como protagonistas, superando o que fazemos em nossos relatórios, ainda de narrar as vivências em nossas trocas.

Não diminuindo as outras, a Horta Dandara, nos traz muito das resistências, da luta das pessoas pelo direito à cidade, na luta da defesa e qualidade de vida, na superação do racismo, do direito a uma alimentação saudável, da luta das mulheres pelo seu lugar, superando o patriarcado, o machismo e a crueldade do feminicídio, do lugar digno para criarem seus filhos, da segurança para cuidar deles, enfrentando um alto grau de vulnerabilidades para eles, na exposição ao consumo de drogas, nas suas lutas por um trabalho digno. Nas rodas de conversas, no mutirão com as práticas na horta, vieram muito dessas questões, e como no meu entendimento, a Agroecologia abre um campo para isso, quando se desprende para se abrir ao ser integral, que está muito presente nas práticas integrativas e complementares em saúde. Me arrisco aqui a dialogar com o conceito de sistematização de experiência, extraindo de um artigo sua concepção, como o fiz antes, quando busquei alcançá-la :

A sistematização de experiências constitui um procedimento metodológico relativamente novo. Tem sua origem nos anos de 1960, na América Latina e seu eixo central é a produção de conhecimento a partir da prática social. No Brasil a prática emerge no final da década de 1990, muito ligada aos estudos das práticas da área de agricultura alternativa, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável, de acordo com Sanches e Abreu (2017), no Brasil, assim como em outros países da América Latina, a sistematização de experiências surge como uma prática social transformadora, uma vez que visa à valorização das trocas de conhecimentos entre sujeitos que interagem em diferentes contextos da experiência social.

O escritor peruano Oscar Jara é tido como um grande estudioso e incentivador da sistematização de experiências, visto que dedicou significativa parte de sua vida acadêmica a aprofundar e divulgar a proposta enquanto procedimento metodológico capaz de gerar conhecimentos a partir da prática. Para o autor, o ponto de partida para o processo de sistematização são as próprias experiências vividas, a partir das quais, pode-se obter resultados enriquecedores, como reflexão e conseqüente melhorias das práticas docentes, o fortalecimento da identidade de grupos, o intercâmbio entre diferentes áreas de saber e até mesmo o desencadear de ações políticas, visto que seus resultados constituirão importantes fontes de registros de realidades específicas que podem carecer de transformações. outro aspecto relevante é que os resultados da sistematização podem servir de exemplos ou parâmetros para aplicação em contextos semelhantes". (Vaz e Souza, pp).

Se posso dizer que é uma ferramenta, trazendo maleabilidade para este conceito, sistematização de experiências, é uma preciosa ferramenta, me levando a pensar em olhares amplos e complexos, não estereotipados, de comunidades de povos originários, tradicionais, do modo camponês e de grupos que resistem nas cidades e nos grandes centros urbanos, enxergando perspectivas com os saberes, na limitação de recursos financeiros, mas plenos, por vezes, ainda nas emergências de suas expressões culturais.

Na ascensão, acendendo, na imergência, nos mergulhos que fazem nelas, bebendo nas memórias e pistas das ancestralidades, e o urbano, em algum sentido tende a essa separação, quando padrões de vida, na disseminação por meios da comunicação de massas, a ignorar ou a sintetizar, manipular, classificar, dependendo da onda do momento ou mesmo de uma construção bem estruturada, de quem manda e tem o poder econômico, de interpretar e reconfigurar as culturas e tradições dos povos, na perspectiva de render audiências e platéias, arrefecendo a denúncia, a resistência dessas manifestações, em seus caracteres profundos e de libertação e de autonomia, colocando cores que não refletem as vidas nos seus territórios, em seus fazeres nas práticas cotidianas, nas experiências de se comporem com a natureza e os meios. Trago um contraponto a isso, nessa temível devastação cultural, trazendo Paulo Freire, em um trabalho que foi buscar nele na sua práxis, no seu “quefazer,” na mediação entre a teoria e a prática:

Sistematizados por Paulo Freire (1991) os Círculos de Cultura estão fundamentados em uma proposta pedagógica, cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto. Para Freire, essa concepção promove a horizontalidade na relação educador-educando e a valorização das culturas locais, da oralidade, contrapondo-se em seu caráter humanístico, à visão elitista de educação.

Concebidos na década de 1960, como grupos compostos trabalhadores populares, que se reuniam sob a coordenação de um educador, com o objetivo de debater assuntos temáticos, do interesse dos próprios trabalhadores, cabendo ao coordenador-educador, tratar a temática trazida pelo grupo. Surgem nas experiências de alfabetização de adultos no Rio Grande do Norte e de Pernambuco e do Movimento de Cultura Popular. Não tinham a alfabetização como objeto central, mas a perspectiva de contribuir para que as pessoas assumissem sua dignidade como seres humanos e se percebessem como detentoras de sua história e de sua cultura, promovendo o olhar sobre a realidade. Nesse contexto, propõem uma práxis pedagógica que se compromete com a emancipação de homens e mulheres ressaltando a importância aspecto metodológico no fazer pedagógico, sem desvalorizar, no entanto, o conteúdo específico que mediatiza a ação, possibilitando a tomada de consciência do educando, mediante o diálogo e o desvelamento da realidade com suas interligações, culturais, sociais e político-econômicas”. (Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular, Vera Lúcia Dantas, Ângela Maria Bessa Linhares, BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. II Caderno de educação popular em saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2014, p.74.

Percebo de como está tão presente na construção em movimento, no Bacharelado em Agroecologia, aqui na UFRPE, e como afirmo as convergências no que teci antes, no encontro com as citações, na sensibilidade, respeito e nos diálogos com vários contextos dos povos originários, tradicionais, nas comunidades campesinas e nos territórios urbanos em seus levantes e práticas por vidas mais dignas, acentuando que são processos, que ao sabermos deles, observamos que não se dão e evoluem no tempo que queremos, na condição de mediadores, educadores ou no que virá, investido na condição de um agrônomo, por necessitar de um encontro que favoreça um diálogo, na compreensão que nos dá Guimarães Rosa, “Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha. Buriti quer todo o azul, e não se aparta de sua água - carece de espelho. Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

Quando toco em outra temática, Expressões culturais do campesinato, que também está dentro do eixo de Atuação e Sistematização no Etnoagroecossistema, foi de lembrar que adentramos por isso desde o começo do curso, eram olhares que íamos ampliando em cada imersão, nas vivências na sala de aula, nas representações nas culminâncias, nas rodas no Bosque Paulo Freire, nas visitas que fizemos a Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ, nos museus.

Conhecemos a força do maracatu na Mata Norte, onde trabalhadores, com suas vestimentas, na distância de seus trabalhos no corte da cana, resistem, se envolvendo com essa expressão cultural; a capoeira no Sítio Malokambo, que liga com memórias que vem desde África; a representação, na expressão cultural, de figuras, do modo de transpor elementos da paisagem, dos ambientes, da vida, das tradições, dos instrumentos das práticas cotidianas de homens e mulheres, dos utensílios das casas, das atividades com a terra, do sagrado, das expressões culturais, das tradições, do sagrado e de significados dos contextos dos territórios, no manuseio do barro em Tracunhaém; o reisado do Sítio Cruz, em Garanhuns. Foram tantas oportunidades de mergulharmos nessas experiências, que não cabe aqui descrevê-las em minha tecitura, mas que são fundamentais para quem vai sair ao mundo, nesta condição de educador, agrônomo, superando a formação tradicional de um extensionista que não dialoga ou não se envolve com os contextos, sem se envolver na cultura e nos modos de vida desses povos.

ABRIL/2025 - SÉTIMO PERÍODO

Do que trago, agora caminhando para o Estágio Supervisionado Obrigatório - ESO 1, no sétimo período e posteriormente no ESO 2, no oitavo período, vai-se delineando o que entendi como a importância do Bacep em se instalar na UFRPE - Campus Recife, no diálogo que faz este curso, na mediação com as demandas do campo e questões do urbano, do modo de fazer Agroecologia na cidade, com suas memórias dos antepassados e dos ancestrais, da efervescência dos debates, das pautas, das práticas de lutas pela terra, de buscar uma vida com dignidade, tanto no campo como na cidade, isso alimenta e já faz o mundo girar, na mediação entre saberes e conhecimentos, não diminuindo a importância de que por outros campus da universidade e quem sabe, de outras.

Em meu vaticínio, nos apontamentos futuros, não me nego a dizer, estamos no caminho, com o “quefazer” e o horizonte, nas utopias que fazem os homens e as mulheres, olharem para frente, verem perspectivas, que sujeitos e sujeitos têm, mesmo em condições tão adversas, nas mais sombrias noites, como no dizer do poeta da Amazônia, Thiago de Melo, “Faz-se escuro mas eu canto, porque a manhã vai chegar. Vem ver comigo companheiro, a cor do mundo mudar”.

Antes de seguir o caminho em minha tecitura, registro os meus conflitos, impaciências, sofrimentos, meus adiamentos, minhas negligências nos retornos das atividades, nas dúvidas em me assentar em um etnoagroecossista, repercutindo em retenções, sem desconhecer a beleza e nos aprendizados, ao terminar nesta turma, nas outras fiz amizades, aqui, na extensão do tempo, eu as aprofundei, elas que reverberarão por toda à minha vida.

Aqui também, recebi abraços, calor humano, palavras de incentivo para não desistir e persistir, como da mesma forma, mesmo passando por angústias profundas, ainda encontrava meios para consolar uma amiga ou um amigo, que por vezes passavam por momentos difíceis, esta ambiência nos fizeram seguros e seguras, em encontrar potências, refletindo em solidariedade, companheirismo, naquilo que nos faz verdadeiramente e profundamente humanos. Me antecipo a dizer da importância do acolhimento e do desprendimento do coletivo docente do Bacep, ficamos na roda, na horizontalidade, fomos iluminados/as, pelos saberes dos povos originários e tradicionais.

Reacendo aqui as tochas de um buscador, não mais insaciável, querendo saber de tudo, os pés já firmes no chão, não me dizem de certezas ou da caixa cheia de saberes e conhecimentos, bem longe disso. aA opulência e soberba, é dos que ainda não tocaram na

fonte da humildade, me diz da necessidade de andar mais lento, sem pressa, que é muito da atualidade, perdendo a beleza dos encontros, beleza, pois em todos eles, do mais difíceis, no retorno para minhas reflexões, na disposição a elas, podem bater em minhas próprias fragilidades e escuridões.

Na minha própria pobreza de espírito, que me olhando, pode chegar em minhas feridas, feridas que negligenciei, que não transformei, que na facilidade, na indisposição, julguei ser do outro, perdendo o sentido das rodas, rodas, que podem ser os meus espelhos, rodas tão presentes, neste fazer Agroecologia no Bacep.

Parto agora para o ESO 1, ESO, na casa que me acolheu desde à minha chegada em Recife, o SIS, como de apoio em minhas demandas emocionais e mentais, onde hoje me dizem muito do meu andar mais lento e reflexivo, me fazendo pensar, depois das minhas encruzilhadas, que tudo valeu, no aprendizado, já vejo no horizonte em poder contribuir, no campo ou na cidade, não no papel de um especialista, mas na condição de quem superou muitas intempéries, encontrando dores semelhantes, e isso vi muito, na roda do mutirão da Horta Dandara.

Como que foi benéfico para muitas pessoas, na medida que compartilham e escutam das dores dos outros, o coletivo se fortalece e cresce, gerando confiança mútua, refletindo em compaixão, mesmo que se esteja passando por momentos difíceis e isso não aparece como temática central em uma roda, quando coloco como a vivência na Horta Dandara. Na evolução do processo, da segurança em se abrir, também em escutar do outro em sua abertura, pois no fazer das atividades da horta, o cotidiano das pessoas, em suas dores, em seus desafios, em seus trabalhos, em suas relações familiares, em seus momentos de celebrações, na continuação da lida com a horta, emergem vários assuntos, mesmo no movimento dos mutirões.

Nisso, as pessoas crescem, em certa parte, aliviam suas dores da alma, das implicações em sua psiquê, na extensão do que faz a psicossoma, quando o ferimento na alma chega até o corpo. Ainda conseguimos alcançar, na procura, rastros das tradições dos povos originários, dos povos tradicionais, mensagens ancestrais, na dinâmica das rodas de conversas, que por muitas vezes reúnem todas as gerações, uma prática que ainda persiste na vida das camadas populares, o que percebi e senti, na Horta Dandara, em Peixinhos, na fronteira entre Olinda e Recife, me tocando profundamente.

Por ter passado por dores próximas ao que escutei, nas diferenças a partir dos seus contextos, sem invadir subjetividades, pois tudo isso, independe do contexto rural ou urbano, sabendo que todos nós somos componentes de uma sociedade maior, fazemos parte de uma

nação, na complexidade e desafios de fazermos parte dela. Esses sofrimentos não são por si só, não simplesmente de foros íntimos, eles têm implicações sociais, pela forma que a sociedade foi se constituindo, repercutindo na alma, na psiquê, resvalando para o corpo.

Unir o usuário do SIS e o estagiário de Agroecologia, se encontrando dentro de mim, eis o desafio, como separar isso? Não tem como separar, fiquei pleno nesse encontro. Por mim, falaria de tudo, não da promessa, mas das práticas que enxergam a pessoa em sua plenitude, o ser integral, além de uma plaqueta na testa, resultado de um diagnóstico. As práticas integrativas e complementares em saúde têm muito da horizontalidade, sem olhar pra quem, muito do que foi e do que vem sendo construído no Bacharelado em Agroecologia. Me senti em casa, mergulhei na experiência, considerando que o SIS e o Bacep foram e são as duas pernas que me sustentaram e me sustentam nesta jornada:

Integralizando suas ações no Sistema Único de Saúde - SUS a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC, está presente em todos os níveis na atenção básica, e com potencial de atuação em rede. Entre seus objetivos, ampliar a visão do processo saúde/doença e da promoção global do cuidado humano, especialmente do autocuidado. Os diagnósticos são embasados no indivíduo como um todo, considerando seus vários aspectos, físico, psíquico, emocional e social (PICS, 2019). A legitimação das PICS mudou o paradigma do que é o cuidado em saúde. Antes a intervenção era apenas focada na doença, ampliou-se para focar na saúde do indivíduo, pois essas terapêuticas atendem os pacientes na sua integralidade, singularidade e complexidade, considerando o contexto sócio-histórico e cultural, fortalecendo a conexão médico/paciente, o que contribui para humanização (Vale e Fernandes, 2022, p. 175).

Na abordagem que o texto acima transmite, do caráter da integralidade das PICS, no que compreendi, na perspectiva para um olhar mais ampliado, presumo que existam mais práticas que não estão nas autorizadas pelo SUS, entendendo que o mundo é diverso, que nem mesmo ainda chegamos a conhecer em profundidade as práticas de cuidados em saúde dos povos originários e tradicionais, como também de outras culturas, na vinculação que faço com o Bacharelado em Agroecologia, que vai a cada dia dialogando com várias formas de viver nos territórios, destacando aqui, o uso de plantas como remédios, que está dentro da política do SUS, nessa área, como Fitoterapia, que destaco em meu relatório do 1º ESO e no decorrer da escrita, reforçando o que já vinha mencionando anteriormente:

Inserir as práticas integrativas e complementares em saúde, sem considerar sua totalidade atual, do que se concebeu a partir da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, cuja vigência vem do ano de 2006, através da Portaria no 971/2006, criando a PNPIC, efetivadas pelo Sistema Único de Saúde - SUS, no diálogo com a Agroecologia, carrega em meu propósito, uma certa coerência, por sua transversalidade e olhar sistêmico, resumida em umas das concepções do entendimento sobre a Agroecologia, vista como Ciência, Movimento

e Prática.

Em se tratando de um estágio de um estudante do Bacharelado em Agroecologia, eis o desafio em que me encontro, construir, tecer junto, esse fio entre Saúde e a Agroecologia, nesse diálogo que começa dentro de mim, entre o usuário do Serviço Integrado de Saúde e a outra face, como estagiário, partindo da experiência matriz, a minha vivência na construção do projeto que denominamos de Terapia com a Terra, um movimento que envolve alguns/algumas terapeutas e usuários/as do SIS, na perspectiva da transição para um Sistema Agroflorestal - SAF, sendo o espaço, em parte, anteriormente voltado para o cultivo de plantas medicinais, vinculado ao curso de Uso Racional de Plantas Mediciniais, que estão inseridas dentro das 72 espécies da Relação Nacional de Plantas Mediciniais de Interesse para o SUS - RENISUS, e lá estamos nesse imenso desafio.

Continuo no espaço que me acolheu com uma abordagem holística da saúde, abrindo janelas para modos de expressões que superam a referência a um sintoma, aquilo que incomoda, mas que traz uma perspectiva de enxergar o ser, a pessoa de forma integral. Se a Agroecologia vem da complexidade, a visão de uma abordagem sistêmica em saúde, nos dois movimentos, há uma tendência e reciprocidade em olhar para o todo.

Não dá para separar, colhi em meio a uma roda, quando a pessoa que a conduzia, na escuta de muitos lamentos sobre a vida, também se colocou como , dizendo que ali não estava uma pessoa imigualune. Isso me fez pensar em muitos conceitos que tentam enfrentar a hegemonia dos pensamentos fragmentados, separando os corpos dos homens e das mulheres em pedaços, departamentos para especialistas, bem diferente do olhar sistêmico da Agroecologia, o corpo territorialidade, o corpo como um sistema, dentro de um sistema maior, marcado com suas vivências e memórias (João Durval Farias, Relatório do ESO 1).

Não foi uma escolha fácil, em fazer o estágio no SIS, primeiro pelas oscilações na adoção de um etnoagroecossistema, o que não era uma situação que ficasse restrita a mim, colegas também transitaram por experiências diferentes, sem se fixarem, em alguns casos, em uma em especial. Mas tinha um fragmento de pensamento que rondava por dentro de mim, desse possível encontro entre a Agroecologia e as práticas integrativas e complementares em saúde, no SIS, mas como imagem, quando escapava do mundo de dentro, aparecia grande, como práticas que rompendo barreiras dos preconceitos poderiam contribuir nos cuidados em saúde, no campo e na cidade.

Mas tem uma memória de fundo, que aqui vou delineando da importância da atualidade e da necessária presença do tema saúde, na Agroecologia, pois a própria Agroecologia já traz em si, nos conceitos e práticas, de concepções holísticas, nada mais simbiótico com a visão do ser integral, de se enxergar a pessoa em toda sua complexidade. Nesse sentido, fui no fundo do baú, nos primeiros meses deste curso, no achado, o Projeto Integrado de Construção do Conhecimento - PICC, carta de muitos sonhos, no que teci e na escuta dos sonhos de outros/as colegas, eram nossas intenções formativas e o que sairíamos a levar pelo mundo afora.

Do meu texto de intenções, uma linha ficou invisível, para se tornar efetiva e luminosa perto da reta final para essa chegada. Tem a ver, sim, de fortalecer o meu espaço de prática, meu etnoagroecossistema, no Gruta, no SIS, sem perder de vista outras práticas, práticas que tratam de uma alimentação saudável, no cuidado com o corpo e suas interações, o corpo que não é só uma máquina de trabalho para operar, como uma engrenagem para acumulação, no modo de produção capitalista. Mas vou ao foco, ao âmago, como o diamante encontrado, em outra poesia de Thiago de Melo, “e para repartir com todos”, como uma referência, trazendo um trecho da carta:

No meu caso, pretendo percorrer um sentido inverso, se é que existe uma ordem na posição das palavras que denominamos nosso curso, Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular. Quero que a a Educação vá me transformando na convivência com as diferentes realidades, que na maioria, apresentam um quadro de adversidades, fruto da opção do Estado Brasileiro, continuando o histórico descaso com os verdadeiros construtores desta nação, daqueles que formam a raiz, a parcela mais enraizada da identidade nacional, falo de negros e índios. No contato com pessoas, comunidades, seja no campo ou na cidade, através da Educação Popular, poderei melhorar minha relação com o Campesinato e a proposta da Agroecologia. Tenho mantido contato com o grupo gestor do SIS - Serviço Integrado de Saúde, no Engenho do Meio, aqui em Recife, que é um núcleo da Universidade Federal de Pernambuco, que tinha como umas das ideias iniciais desenvolver projetos de extensão na área de saúde, posteriormente sendo instalada uma UCIS - Unidade de Cuidados Integrados em Saúde com a Prefeitura da Cidade do Recife.

Nesse local, desenvolvem-se várias práticas de promoção à saúde, como yoga, biodança, etc., a maioria está na indicação como recomendável pelo Ministério da Saúde, sendo ministradas por terapeutas concursados e contratados pela Prefeitura da Cidade do Recife. Sendo um serviço de repercussão comunitária, recebendo pessoas dos bairros próximos, como Roda de Fogo, Várzea, Sítio da Palmeiras, Iputinga, Torrões, Cordeiro, com desdobramentos para várias áreas desta cidade e até de municípios vizinhos, portanto, é um local de um grande fluxo de pessoas, que procuram e se veem atendidas por esses serviços, exigindo dela só o cartão do SUS. Além das práticas acima citadas, o Curso de Plantas Medicinais, acontece de forma regular, conduzido pela Dra Evani, que é médica e farmacêutica, que vem desenvolvendo a Farmácia Viva dentro do espaço, com experiências desenvolvidas com diversos povos indígenas de Pernambuco, através do Instituto Materno Infantil de Pernambuco - IMIP, apresentando outras possibilidades de acordo com nossas conversas. Semanalmente tem o curso de Alimentação Saudável, sendo um dia para Alimentação Crua. outro, para Alimentação Integral, além de outras práticas que convergem para um Bem Viver, que irei me inteirar mais na evolução da ideia de propor o PICC.

Diante da realidade, do que disponho de tempo e logística para ir construindo o PICC, vivendo atualmente na cidade do Recife, observando a restrição de recurso para trabalhar numa proposta para o Semiárido, vi uma possibilidade que pode se concretizar num trabalho para ser desenvolvido, durante quatro anos, podendo contribuir para construção do conhecimento, que acredito não ficará restrito a este território. O espaço e a gestão sinalizam que posso indicar outras alternativas, desde que apresente uma proposta, sendo essas conversas de formas embrionárias. Sei que naturalmente, concretizando, haverá, com certeza, um encontro entre a proposta do curso e a finalidade daquele espaço, que é servir as pessoas da comunidade e de outras que de lá necessitem. Quem sabe uma horta, produção de mudas, ampliação da farmácia viva, conhecer o potencial das plantas? (João Durval Farias, Carta de Intenção, Projeto Integrado de Construção do Conhecimento - PICC, Recife, 13 de Setembro de 2019).

Em meu estágio, supervisionado por Jarbas de Goes Nunes, professor, Ms, lotado no SIS, como sanitarista, com a orientação da professora, Dra, Flávia Mendes de Andrade e Peres, docente desta casa, intensifiquei no trabalho de mobilização e divulgação das práticas no Gruta. Apesar do espaço ser bastante frequentado por muitas pessoas, cada uma vem trazendo suas demandas do corpo, em dores crônicas, que podem ser congênitas, do trabalho e da alma, das marcas dos acontecimentos da vida, das origens, dos seus contextos familiares, das próprias heranças do que antecederam suas chegadas ao mundo.

Acolher dimensões como essas, ficando cada um/a só no foco das suas dores, talvez não se alcançasse dias melhores, na diminuição dos sofrimentos, se perdendo da importância e essencialidade das relações humanas. Isso me conduz muito aqui, da prioridade, da escolha que fizemos na arquitetura do curso, do que se fez antes, também de nossa contribuição no caminho e nesta chegada, Bacharelado em Agroecologia, dialogando com os modos de vidas dos povos indígenas, dos povos nos quilombos, dos modos camponeses de viverem, de como os ecos ancestrais influenciam as rodas de conversas no presente, as relações humanas, como amortecedoras de sentimentos e ampliações das perspectivas para melhorias, do individual ao coletivo, tudo girando na roda.

Escutar e fazer com, na perspectiva das práticas de cuidados em saúde, a partir de diversas demandas das pessoas que chegam, continuar persistindo com o Gruta, é muito desafiante, mas estamos continuando e resistindo, por ser uma prática bem particular, exigindo de nós, outros movimentos, como de outros/as usuárias. No decorrer do estágio, até ajudou o fato de fazer parte do Gruta, por conversarmos em nossas rodas, em manter mais pessoas envolvidas com o projeto, reconhecendo a necessidade de irrigação e de outras atividades que se combinam, como cuidados com o nosso SAF, mas sempre esbarramos nessa pouca adesão das pessoas, muitas delas bem definidas por atividades individuais, como a abordagem com acupuntura e outras práticas coletivas, como a yoga e o tai chi chuan.

Já vinha fazendo bem antes de me decidir pelo estágio no sétimo período, como usuário, deixando as mensagens de convite, nas diversas práticas de que continuo participando, até nos cursos do Uso Racional de Plantas Medicinais, portanto, ao conversar com o meu supervisor e com a minha orientadora do ESO 1, dentre outras iniciativas que pensamos, a mobilização esteve muito presente, um caminho já facilitado, como destaque em meu relatório, também registrando outras ações:

A necessidade de ecoar internamente nossa missão e a conexão que ela tem com o curso do Uso Racional de Plantas Medicinais e o quanto esse trabalho pode evoluir para outras etapas, como a consolidação de uma farmácia viva a partir do SAF,

compreendendo que o processo deve ser contínuo, por ser uma atividade que exige outro tipo de dedicação, pois tem o uso de ferramentas, posturas diferentes, necessidade de disposição física, como parte das dificuldades, além de ainda hoje não termos uma fonte de custeio.

Essa mobilização que se fortaleceu nessa passagem pelas salas, trouxe também o papel da educação, da forma de como esclarecer o que nos move em nos envolvermos com a Gruta, o cuidado com o espaço, já que muitos/as usuários/as, quando das safras de cajás, mangas, saem pisando nos canteiros, não conseguem compreender que no espaço desenvolve-se um trabalho que vai agregando dentro das práticas integrativas e complementares em saúde.

Além das falas nas salas, também colocamos cartazes nos quadros de aviso do SIS e no dia a dia, fui conversando com usuárias e usuários que circulam nos espaços, antes de se envolverem nas práticas e nos atendimentos individualizados. Fui sentindo o gosto desse lugar de estagiário, mas que não negligenciava internamente o que o antecedeu, o ser humano em busca do autocuidado, que reconhece a dedicação daqueles/as profissionais que atuam ali em nome da humanização da saúde. Conversar com as pessoas sobre a Gruta

Durante esse período concluímos a cerca, instalamos um portão, que foi adquirido com um valor recebido por Evani, com o mesmo, também compramos umas ferramentas, resultado de uma entrevista que ela deu a TV Brasil, falando das plantas medicinais dentro das práticas integrativas e complementares em saúde. No mesmo período conseguimos uma doação de mudas de sabiá do Departamento de Engenharia Florestal da UFRPE, através da professora Eliane Freitas, para reforço na cerca.

O local vai ganhando esse perfil de um espaço reservado para práticas agroflorestais, mesmo com as dificuldades em mantermos em dia os tratos culturais, pelo pouco tempo, a carência de mais pessoas envolvidas nos processos. Para registrar aqui neste documento, contando em relação ao canteiro central e seu entorno, temos uma diversidade de plantas: margaridão, aroeira da praia, azeitona, pitanga, cana de macaco, alfavaca, curcuma, bananeira, goiabeira, espinheira santa, boldo do nordeste, colônia, ora-pro-nobis, artemisia, alumã, alecrim pimenta, merthiolate, cana de macaco amarela, citronela (Figura 2).

Durante esse período concluímos a cerca, instalamos um portão, que foi adquirido com um valor recebido por Evani, com o mesmo, também compramos umas ferramentas, resultado de uma entrevista que ela deu a TV Brasil, falando das plantas medicinais dentro das práticas integrativas e complementares em saúde. No mesmo período conseguimos uma doação de mudas de sabiá do Departamento de Engenharia Florestal da UFRPE, através da professora Eliane Freitas, para reforço na cerca.

O local vai ganhando esse perfil de um espaço reservado para práticas agroflorestais, mesmo com as dificuldades em mantermos em dia os tratos culturais, pelo pouco tempo, a carência de mais pessoas envolvidas nos processos. Para registrar aqui neste documento, contando em relação ao canteiro central e seu entorno, temos uma diversidade de plantas: margaridão, aroeira da praia, azeitona, pitanga, cana de macaco, alfavaca, curcuma, bananeira, goiabeira, espinheira santa, boldo do nordeste, colônia, ora-pro-nobis, artemisia, alumã, alecrim pimenta, merthiolate, cana de macaco amarela, citronela (João Durval Farias. Relatório ESO 1).

Revisitando todo o processo de estágio, percebi que não fiquei restrito ao Gruta e a interação com o curso do Uso Racional de Plantas Mediciniais e também nas práticas, no curso de Alimentação Saudável, nas interações, práticas, de outras atividades de cuidados em saúde, das que conhecia bem antes do estágio, como yoga, bioenergética e biodanza, praticando e conhecendo mais delas, da importância para o corpo, o corpo que é mais que uma máquina de trabalho, mas o corpo como livro de tudo que vivemos, guardamos e também transformamos,

o corpo no conceito que cabe o ser, o todo, a integralidade. Isso contribuiu e muito, com observação e nas escutas das terapeutas e usuários/as.

De tudo, mensagens alentadoras estão chegando, no presente, nosso projeto está avançando, a prefeitura cobrando de nós mais agilidade, fechar um projeto, isso significa que nossas condições materiais, com mais equipamentos e um sistema de irrigação, pode ser um prenúncio de outras, sem desconsiderar a importância da mobilização e participação de mais usuários e comunitários, em nossas práticas no Gruta, o Gruta que é nossa referência, no diálogo entre Agroecologia e saúde.

Mas antes de fechar esse caminho, com práticas e trocas, a partir do ESO 1 e nesta tecitura aqui, trago a “cosmovisão” ou “cosmopercepção”, dos Povos de Terreiros, o que não deixamos de conversar e de nos inspirar, tanto no Gruta, como na formação dentro do SIS, nos cursos do Uso Racional de Plantas Medicinais, racional, quando lembro de um conceito que é muito presente dentro das práticas integrativas e complementares em saúde, a “auto-regulação, quando trata do corpo, do movimento, do alongamento, da aproximação do equilíbrio na respiração, do nosso fazer no mundo, eles que incluem o homem, como integrado à natureza:

O fundamento de qualquer uma das inúmeras expressões das religiões dos povos de terreiro, - o Candomblé com suas várias nações, a Umbanda, a Jurema, o Catimbó e outras denominações existentes - é a natureza, é a indistinção entre sujeito e natureza como dimensão imanente da vida. Os orixás, os inquices, os caboclos, os pretos-velhos, os mestres que baixam nos cavalos dos humildes terreiros dos subúrbios das cidades são a natureza, rios, mares, lagoas, árvores, troncos, galhos, folhas, flores, frutos, pedreiras, pedras, cachoeiras. Natureza que deve ser mantida em constante equilíbrio pela circulação do axé, a força vital. Nesse sentido, a natureza é manipulada de forma a torná-la “a representação integral da sensibilidade, da vontade humana” (CASCUDO, 1978: p. 23). Há aí, na cosmovisão e nas filosofias das religiões de matriz africana, uma estilística do sujeito, como diria Michel Foucault (1984), avessa àquela do sujeito moderno iluminista, o qual se forja mediante a ruptura com a natureza convertida em uma exterioridade que deve ser dominada através de instrumentos e sob a forma de uma relação utilitarista. Embora a epistemologia contemporânea reconheça o caráter relativo da verdade científica e as ciências sociais reconheçam o conhecimento ordinário - o que Alfred Schütz (1970) chamou, em sua fenomenologia de “senso comum” da ordem da vida cotidiana - como uma elaboração de interpretações, representações e explicações sobre os fenômenos que compõem a vida social, tão verdadeiras quanto às explicações científicas, apenas diferindo nos seus procedimentos de validação, na “vida cotidiana”, as diferenças sociais e as relações de poder ainda possuem profundas influências no que toca ao reconhecimento dos saberes construídos pelos povos de terreiros (Alchorne *et al.* 2017, p. 154).

Nessa ponte em que teço o diálogo entre Agroecologia e saúde, guardando as devidas considerações, no que desenvolvi até aqui, me convenço do que poderia tecer, no que alude o texto acima, da aproximação com a “cosmopercepção” ou “cosmovisão”, dos povos

indígenas, do que acompanhei no SIS, a planta, quando usada como um fitoterápico, ela vai além do seu princípio ativo, não se resumindo ao que a ciência estudou, ela está vinculada a outras dimensões, nos saberes dos povos originários e tradicionais, com sua magia, com o sagrado, com a energia do território, com as memórias dos antepassados, dos ancestrais, que foram tocando, escolhendo, testando, encontrando, até diferenças em suas variedades como ação no corpo e na “aura” do homem.

Nesse enfrentamento que se faz com a abordagem biomédica, com seus fármacos e todas as tecnologias desenvolvidas, sem negar as contribuições e benefícios que trouxeram para humanidade, essa síntese que vem dos saberes de povos e tradições antigas, pelo mundo afora, em suas tribos, terreiros ou comunidades, que no processo civilizatório.

Em nome da ciência, na opressão e do quase apagamento, esse povos ainda reagem e se conservam por várias partes do mundo, e o Brasil, desde à colonização, até os nossos dias, com toda à violência e tentativa permanente de destruição dessas culturas, mesmo diante disso, conseguimos encontrar, nos povos que resistiram e ainda resistem, na defesa e prática nessa “memória biocultural”.

Vejamos o que acontece com a maconha, a Cannabis Sativa, na atualidade, o avanço das pesquisa e seus diversos usos, quando se sabe, que sua utilização vem de milhares de anos por vários povos, agora, percebemos a sanha dos laboratórios, em uma visão “utilitarista, em querer dissecar seus princípios ativos e seus efeitos no corpo, nas possibilidades do equilíbrio ou até de curas, mas com uma visão comercial e de mercado, nesse contexto, impedindo que as camadas populares não acessem os benefícios da planta processada, por não se tornar acessível economicamente.

Mas timidamente, apesar de já existir o encontro entre a ciência e os saberes sobre várias plantas e o que elas podem contribuir para saúde da humanidade, no tocante ao Brasil, reconheço alguns avanços. Neste fechamento, uma revelação nova e benéfica para à população, acreditando, mesmo com as dificuldades, com a interrupção das pesquisas e a falta de recursos, quando o estado age, no princípio da melhoria para seu povo, usando suas estruturas e suas universidades públicas e seus laboratórios estatais, que fora de propósito, falar em “estado mínimo”, num país tão desigual, podemos assistir melhorias nas condições de vida da nação, quando a melhor escolha é defender a vida, no que percebo agora, na pesquisa e perspectiva do processamento da planta conhecida como quebra pedra, pela Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz:

“Os saberes de povos indígenas, comunidades tradicionais e agricultores familiares sobre plantas medicinais serão transformados em fitoterápicos. Em cerca de seis meses, o

Brasil terá o primeiro fitoterápico industrializado desenvolvido a partir da planta *Phyllanthus niruri* — a popular quebra-pedra.

Durante séculos, a planta é usada para auxiliar no tratamento de distúrbios urinários. O passo é pioneiro por colocar o conhecimento tradicional associado no centro da inovação, respeitando a legislação de acesso ao conhecimento tradicional associado.

Após a produção dos lotes-piloto, que fortalecerá toda uma cadeia produtiva, serão realizados estudos de estabilidade para submissão à Anvisa e posterior fornecimento ao SUS, etapa estimada em até dois anos.

Cheguei neste final de jornada, trajetória no ESO 1, que foi mais, teve a sala, as conversas e as vivências fora dela, os conceitos e saberes, a vida pulsando e se espalhando como dádivas e o que conseguimos construir desde ontem, com reflexos no hoje e a certeza, afirmo dizer, nos desdobramentos para os amanhãs!

Minha alma está tranquila, no que consegui alcançar, naquilo que meu coração me levou, no que meus fluxos mentais e cognitivos, me trouxeram para descrever e refletir, impossível esgotar tudo, estou em rede, na minha dinâmica, às vezes me inebrio, saio do lugar, no deslocamento, a ilusão da separação, mas as luzes se acenderam, aqui é obra de muita gente, outros e outras me dirão,

“Olha o que trouxemos, João, você não se lembra? Estamos em uma teia, cada um e cada uma de nós, trouxe a sua parte, formamos um tecido, se você olhar, ter atenção, olha o colorido, olha cada um e cada uma de nós, trazendo, imbricado, você está dentro, o que também procurávamos, nós nos completamos! Quando você sair daqui, vai levar uma colcha de retalhos, retalhos entrelaçados, de todos os nossos aprendizados, aprendizados que construímos juntos e juntas, aqui dentro, no coletivo Bacep e nas andanças nos territórios! Cada um e cada uma, leva uma cópia dessa colcha, para onde for e chegar, estará impregnada no corpo, na alma, podendo descer aos nossos porões, nossas profundidades, nessas condições, nas fatalidades da vida, emergir para às nossas ressignificações!

SISTEMATIZAÇÃO NO ETNOAGROECOSSISTEMA - OITAVO PERÍODO

Aqui se trata do final de um ciclo, de pisar no chão, transitar por vários momentos e experiências, com reflexos em minha tecitura, o que vivenciamos juntos e juntas, durante o oitavo período, mas não é só a bagagem do período vivido, minha viagem interior, me leva à profundidades, em meu sentir refletir em minhas entranhas, exalando emoções e memórias

afetivas, conhecimentos e saberes, tecidos e transformados por dentro, virando corpo, virando corpo vivo e em movimento, vem toda uma trajetória!

A razão, os conceitos e as epistemologias, também cabem nisso, me impregnando e reverberando na expansão, mas não saem comedidas e limitadas, elas avançam, nos encontros e rodas, para se arrumarem, na sedimentação, na ciranda de experiências, trocas, no que vêm dos outros e das outras, formando uma malha viva, viva, de encontros de conhecimentos, saberes e sistematizações acadêmicas.

O peso da chegada é grande, pois olho para tudo, querendo beber em tudo que vivenciei, com outros sujeitos e outras sujeitas, dos e das que, também, construíram e estão construindo suas histórias! E como olhar para tudo isso, mergulhado no que vivi e vivenciamos juntos e juntas, o que me diz ali, para seguir no mundo?

Difícilmente ao escolher conceitos e saberes, não estarei trazendo as impregnações de, outros e de outras,, em uma educação, “educações?”, complexas, holísticas, Agroecologias. lançados no hoje, lança para o amanhã?! Essas coisas, estão ligadas por dentro!

Continuando esta travessia, o eixo que nos guiou, Sistematização no Enoagroecossistema, além de olhar sobre ele e as temáticas que os compõem a teia, a tecitura de tudo que juntamos e aprendemos, fomos ao ao 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia - CBA, em Juazeiro, na Bahia, como nossa última imersão. Adianto aqui, um fragmento que ressaltei em meu relatório, um resumido fragmento de tudo que vivenciei com colegas, professores e professoras:

O Décimo Terceiro Congresso Brasileiro de Agroecologia - CBA, aconteceu durante os dias 15 a 18 de de Outubro de 2025, as margens do Rio São Francisco, na cidade de Juazeiro, no estado da Bahia, em pleno sertão, fincado no semiárido brasileiro, tendo como tema central, Agroecologia, Justiça Climática e a Convivência com os Territórios Brasileiros. No Painel 3, no prédio central daquela universidade, no dia 17/10, participei como ouvinte do tema, Cultivar e Proteger a Diversidade do Sistema Agroalimentar, tema sensível, dentro da proposta do 13o Congresso Brasileiro de Agroecologia, antecipando o que marcará a urgência de se colocar em discussão efetiva na Conferência das Partes - COP 30, que acontecerá em Belém do Pará, a partir do dia 10 de Novembro de 2025, onde representantes de várias nações, envolvendo governos, povos diversos, organizações não governamentais, continuarão a debater sobre os impactos das mudanças climáticas. A imposição um modelo de padrão de desenvolvimento, o questionável progresso, vem afetando a vida nos territórios, com consequências sobre a autonomia e a soberania alimentar, impactando a biodiversidade, a agrobiodiversidade, os solos, as fontes das águas, toda a complexa cadeia e ambiente onde a vida plena acontece, como resultado do modelo de produção capitalista, de exploração desmedida dos recursos naturais, das forças de trabalho, exacerbando a quebra de ritmos e dos ciclos, afastando a humanidade da integração com o meio. Trabalhar processos de mudanças, transitando para para desaguar em uma realidade que ofereça sustentabilidade para famílias, comunidades, territórios, eis o que vimos no Painel, “Sistemas produtivos agroecológicos em tempos de crises climáticas: potencialidades e desafios”, que reuniu Eliza Pankararu, os professores Sebastião Pinheiro e Pablo Titonelli, entre

outros. Dentro dessa realidade que vai se impondo como um quadro de irreversibilidade, se a humanidade não encontrar caminhos mais efetivos, seguros e de forma continuada para mitigação dos efeitos das mudanças climáticas, perderemos o horizonte.

A experiência do professor Pablo Titonelli no Quênia, país do continente africano, com terras que sofreram com a colonização e devastação pelos europeus, em um longo processo de exploração dos seus recursos naturais, demonstra, que com a participação da comunidade, sem uma fórmula ou projeto que não considera as experiências comunitárias, como foi possível a recuperação de terras degradadas, decorrendo, do envolvimento, em um longo prazo, a capacidade produtiva em parte de um território daquele país”. (João Durval Farias, Relatório do 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia - CBA, em Juazeiro-BA).

Nesse congresso, conhecemos mais das redes de experiências agroecológicas que vão se afirmando por este Brasil afora e até do exterior, em nosso país, em territórios bem singulares, afirmo redes, mas considerando que existem experiências que se entrelaçam dentro dos próprios territórios, quando me refiro aos povos originários, em suas comunidades indígenas e também, dos povos tradicionais, nos quilombos. Nos painéis, nas tendas, nos vários espaços de reflexões e debates, no que adornou aquele congresso, o que atravessou como tema central, foi: Agroecologia, Justiça Climática e a Convivência com os Territórios Brasileiros.

Me referi anteriormente, ao peso das sínteses nesta reta final do curso, nos afunilamentos das temáticas que mais nos tocaram para darmos segmentos em nossos caminhos pelo mundo afora. O congresso se entrelaçou com as temáticas, dentro da matriz que está puxando nosso semestre, Sistematização no Etnoagroecossistema, se desdobrando e dialogando, com: Seminários de reflexão dos Projetos Individuais de Construção do Conhecimento (PICCs); Sistematização de experiências; Diálogos sobre Agroecologia e Expressões culturais do campesinato. Nada mais coerente, dentro do encontro, entre o oitavo período e o congresso, no que consegui alcançar e refletir.

O meu olhar atento e sensível, no reconhecimento dos meus avanços, das minhas superações, em minhas auto reflexões, trazendo Paulo Freire para me ajudar a refletir, “somos seres inacabados”, vamos nos fazendo durante toda à vida, somos seres do ontem, do hoje e do amanhã, quando não tapamos nossos horizontes e utopias.

Para quê estudarmos? Uma pergunta, que na resposta apressada e sem reflexões, “para ter um futuro, para usar o que aprendi”, um retorno bem reducionista, pois ao adentrarmos um espaço de aprendizagem, “educações”, já trazemos marcas das vidas em nossos contextos, do que antecede nossa chegada a um ambiente de ensino.

Convido Freire novamente para conversarmos, ele me traz outra reflexão, sem querer simplificar, ela mexe com muitas dimensões e com a complexidade, ela não é rasa , por

sermos seres integrais, desde o nascimento, já estamos inseridos em um mundo construído e que vai se transformando, no que diz, “a leitura do mundo, antecede a leitura das palavras”, na extensão das suas palavras, digo, nesses primeiros tempos, levamos por dentro e expressamos, uma gramática viva da vida.

Retomo aqui, no que pus em meu relatório sobre o CBA, e nas reflexões que venho desenvolvendo, quando da necessidade sempre presente, de um olhar atento e complexo sobre a realidade, neste caminho, o trabalho do professor Pablo Titonell, no Quênia, conseguiria poucos avanços, se não envolvesse à comunidade, às pessoas que têm o território gravado em seus corpos, territorialidades, das mais velhas às novas gerações, superando o modelo de extensão rural difusionista, como já conversei anteriormente.

Em um olhar acurado dos processos, compreender de que antes de chegar naquelas comunidades, existiam vidas, gente, que diante de quadros difíceis, com escassez de água e da falta fertilidade nos solos,- a natureza e suas muitas faces - foi compreendendo aquela realidade, no que compartilhou a comunidade, que não foi “fazer para”, mas na combinação com os sujeitos e sujeitas dos territórios, favorecendo às mudanças, no “fazer com”.

E como essa inserção nos territórios, mesmo carregado de muitos conhecimentos e saberes, o professor precisou um particular, pois cada território, tem a sua singularidade, disso, percebo o papel da sistematização de experiências, como tem um significado importante em registrar processos, que vão alimentar às práticas, mas envolvendo as pessoas dos territórios.

Aqui, também contemplo as expressões culturais do campesinato, pois em seu trabalho, se fica restrito ao que há com a terra ou como solucionar a falta de água, sem contemplar o modo cultural de se viver no território, está se perdendo de outras dimensões, que na negação ou na omissão, com elas, arrisca-se a ficar sem os elementos agregadores da comunidade. Dito isso, essas trocas só acontecem à base de muito diálogo, da escuta da comunidade.

Em nosso se colocar no mundo, como educador/agrególogo, as bases que a Agroecologia me ofereceram, serão minhas referências, mas de que adianta, portando elas, não consideram os saberes dos povos nos territórios? Isto é muito, quando falamos sobre diálogos sobre Agroecologia.

Reconhecer que o CBA, pelo número de experiências e as potências vindas dos territórios, contribuiu em meu olhar mais cuidadoso, para elaboração do meu Projeto Individual de Construção do Conhecimento. Mas faço uma observação, no tocante aos relatos,

que poderia colocar mais aqui, melhorando esta tecitura, perdi do armazenamento do meu celular, lamentei por ter muitas experiências na área da saúde.

ESO II

No ESO II, inicialmente, me pareceu um grande desafio, quando o meu desejo seria fazer em outro lugar e em uma instituição que pudesse ter mais uma proximidade com o trabalho que desenvolvi no ESO I, ficaria como um aprofundamento. Mas a vida ou mesmo o que guardamos dentro de nós como reserva, nesse baú mental, mais, nesse “corpossistema”, na expressão, nos aponta outros caminhos, sinais intuitivos!

E estou eu aqui, testemunhando da grata surpresa que tive em estagiar no Prosemeio, sob a supervisão, inicialmente, de Leonardo Macedo, Engenheiro Florestal, residente do projeto, mas por questões burocráticas, terminou ficando com a professora, Ana Cláudia que com a professora Joanna Lessa, do Bacep, coordenam o projeto, com a primeira, sendo coordenadora do Bacep.

Mas volto ao desejo, daquilo que às vezes a gente quer tanto, depois acaba não acontecendo. No tocante ao não ir a uma experiência que fosse mais coerente com os meus anseios, em não atingir aquele objetivo, mas não desaguou para uma frustração, mas me trouxe uma preocupação, os prazos apertados!

Mas tem o aleatório, o imponderável, o intuitivo, “o inconsciente freudiano”, “o inconsciente coletivo junguiano”, conceitos europeus, que nos atravessam, de formas bem restritas, da psicanálise, acessados por uma minoria, quando vai tratar do existencial, da sua dúvida, dos seus anseios, dos seus desejos, do querer se conhecer por dentro, mas aqui, aqui falo também, falo dos saberes ancestrais, das mensagens das gerações primordiais (como esses últimos, na academia?)

Falo desses ventos que avisam, quando a gente, na pressa, em querer resolver tudo, em uma brecha, coisa rara em nosso tempo, uma respiração mais longa, nessa profundidade, que vem dos ecos imemoriais, inspirações e expirações, eu, do biológico ao existencial, na troca com o universal, no corpo alongado, no ar que nos conecta, desconstruindo a ilusão da separação, como a criança se esticando nas primeiras conexões com os movimentos do dia!

Essa “falha”, nesse lapso, diante de Kronos, o Deus do Tempo, pode nos dar um sinal, e ele veio, fui estagiar no Prosemeio, no seio das suas reuniões de planejamentos, das metas, conhecendo o arcabouço do projeto, na formação, no que nos alimentou e nos embasava para

sair para os territórios, para as práticas, na perspectiva de uma extensão rural para “o fazer com”, em processos das desconstruções do “fazer para”!

Uma pausa, uma respiração profunda, como um intervalo que me permito, na sintonia com o tempo e o espaço, antes de continuar minha travessia, com dores, sem diminuí-las, em suas circunstâncias e os ventos das possibilidades e concretudes para a minha autotransformação! Me conectar com holos, o todo, o Universo, na antecipação do canto dos silenciados, violentados, em nome da “civilização”, mas também, da resistência, das insurgências, que não impediram que povos originários e tradicionais, atravessassem gerações, chegando aos nossos dias, com os ecos dos ancestrais, na vida, no “Bem Viver”!

Na poesia, Agostinho Neto (1922-2007), poeta de Angola, Continente da África, a denúncia, o grito dos injustiçados, mas também, das formas de resistirem, dos ecos de revoltas, sem negar, inerentemente deles (Meus? O que sou, de onde eu vim? O que está lá longe, do que me constitui, nesse empobrecimento e violência de classificar a pessoa pela genética?). Mas vou ao canto, à poesia, trama dos silêncios, estratégia de disseminação para as liberdades:

“CRIAR

Criar criar
criar no espírito criar no músculo criar no nervo
Criar no homem criar na massa
criar
criar com os olhos secos

Criar criar
sobre a profanação da floresta
sobre a fortaleza impudica do chicote
criar sobre o perfume dos troncos serrados
criar
criar com os olhos secos

Criar criar
gargalhadas sobre o escárnio da palmatória
coragem nas pontas das botas do roceiro
força no esfrangalhado das portas violentadas
firmeza no vermelho sangue da insegurança
criar
criar com os olhos secos

Criar estrelas sobre o camartelo guerreiro
paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato

paz sobre o ódio
 criar
 criar paz com os olhos secos

Criar criar
 criar liberdade nas estradas escravas
 algemas de amor nos caminhos paganizados do amor
 sons festivos sobre o balanceio dos corpos em
 forcas simuladas
 criar
 criar amor com os olhos secos

(Dantas, 2007)

Essa respiração profunda, essa inflexão, depois à poesia, em seu canto de denúncia, de gritos libertários, em criar, construir caminhos, diante de históricas opressões, me inspiram como potências, para delinear trilhas, Trilhas para o Bem Viver, valorizando cada vivência e encontros, dentro do Bacep, dentro da UFRPE, nas experiências pelos territórios, em outros espaços, em que com sujeitos e sujeitas, também dialogamos. O Prosemeio, foi mais uma das vivências férteis em que participei junto à equipe do projeto.

O Prosemeio substituiu o Profoext, mas não no conteúdo e nas propostas, uma questão mais de nomenclatura, mas que expressa de frente, uma mensagem, pelas sementeiras, por se construir coletivamente, na integração de jovens, assentados nas bases, nos territórios, na formação e nas atividades, como Agentes Locais de Formação - ALFs, conciliando com os seus fazeres nas comunidades rurais, na integração com a equipe que coordena o projeto.

O projeto se espalha por onze estados da federação, em parcerias com dezenove universidades públicas, partindo do Ministério do Desenvolvimento Agrários, envolvendo outras agências do Governo Federal, como o Instituto Nacional de Reforma Agrária - INCRA, Movimentos Sociais, todos imbuídos na perspectiva de corresponderem aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, da Organização das Nações - ONU. A UFRPE está nesta roda, sem deixar que questionamentos sejam levantados no papel das universidades. Será que cabe a elas um lugar na ponta, na base, como uma estrutura a serviço da extensão rural, quando deveria essa atividade ser feita por ministérios, órgãos do Estado Brasileiro ou de outros, como por agências estaduais ou municipais? Longe aqui de entrar nessa celeuma, os processos históricos de exclusões, das desigualdades sociais, as circunstâncias do presente, não podem prescindir de um projeto com essa envergadura, mesmo reconhecendo os limites do tempo, a brevidade na execução dos editais, mas têm as sementeiras! Sementeiras expressas nos rostos e fazeres dos/as jovens na formação!

O Projeto

Em meu mergulho e interações no Prosemeio, desde às reuniões de equipe, na formação dos ALFs, no INCRA, em Recife, antes de viajar e conviver por alguns momentos e dias, nos territórios, fui ampliando meu olhar, querendo conhecer da missão do projeto, às vezes me afastando, neste distanciamento, minhas conexões com o ontem, nas experiências em que vivi, em Projetos para a Convivência com o Semiárido, como o Um milhão de Cisternas Rurais, que já teci anteriormente, no Curso da Vida. Socializo aqui, a fundamentação do projeto dialogando com as minhas impressões anteriores, trazendo as palavras do ministro do Desenvolvimento Agrário - MDA, Paulo Teixeira no livro que guia e fundamenta o projeto:

A universidade precisa sair das salas de aula e participar mais da vida real”. Quem nunca ouviu essa frase? Desde sempre a sociedade cobra, e com razão, uma presença maior do meio acadêmico nos processos de produção e trabalho. É por isso que, com imensa satisfação, apresento esta obra dedicada ao ProforEXT (Programa de Formação em ATER para Assentamentos de Reforma Agrária e Contribuições para a Agenda 2030), uma iniciativa que sintetiza a união entre o melhor da extensão universitária brasileira com o chamado mundo real da agricultura familiar. Nessa obra, a professora Graciella Corcioli, personagem ativa dessa história, não apenas documenta a construção dessa experiência transformadora, mas também celebra a parceria inovadora entre dezesseis instituições de ensino superior, o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), o INCRA e os movimentos sociais. O ProforEXT surge como uma ação concreta que une pequenos produtores e o melhor do mundo universitário, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. A ênfase está na erradicação da pobreza, redução das desigualdades, segurança alimentar e agricultura sustentável. Seu diferencial é a metodologia participativa e adaptativa, que harmoniza o conhecimento acadêmico com os saberes ancestrais de comunidades quilombolas, indígenas e assentamentos rurais. Essa abordagem é viabilizada pelos Agentes Locais de Formação (ALF), figuras-chave que vão garantir a mediação entre universidades e territórios, traduzindo técnicas em soluções viáveis e fortalecendo lideranças locais. Os capítulos desta obra revelam como o programa vai transformar as diferenças regionais em soluções criativas. No Nordeste, a integração de quintais produtivos, sistemas agroflorestais e microcrédito deve impulsionar a autonomia das famílias, ao passo que no Centro-Oeste, as formações em agroecologia e habitação rural tentarão dar uma resposta à escassez hídrica e infraestrutura precária. Na região Norte, o programa Florestas Produtivas e a regularização fundiária e a diversificação produtiva têm o objetivo de reduzir a insegurança alimentar e a dependência de atravessadores, ao passo que no Sudeste, a valorização cultural quilombola e a transição agroecológica serão os destaques. Já no Sul, a reconstrução pós-enchentes e o engajamento juvenil ilustram a resiliência fomentada pelo programa. No primeiro momento, o ProforEXT vai atender 6,7 mil famílias instaladas em 96 assentamentos ou comunidades agrícolas em 11 estados: Pará, Piauí, Pernambuco, Sergipe, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. É importante registrar também a participação fundamental do professor Edward Madureira que, durante sua permanência na Finep, ajudou a conceber o programa. Além dos impactos materiais, o ProforEXT visa criar um modelo no qual ensino, pesquisa e extensão se entrelaçam em prol da

justiça social. A obtenção do certificado Academic Impact da ONU pela UFDPAr e a emissão de centenas de Certificados de Aptidão ao Pronaf (CAF) são amostras desse potencial. Este livro é, portanto, um convite à reflexão e à ação. Mostra que a universidade pode e deve ser um agente de transformação, desde que caminhe junto com os povos do campo, ouvindo suas vozes e amplificando suas potências. À professora Graciella e a todas as instituições parceiras, meu reconhecimento por esta jornada que reafirma o Brasil como laboratório de inovação social e sustentabilidade. Que estas páginas inspirem novas políticas públicas e fortaleçam o compromisso com um desenvolvimento verdadeiramente inclusivo e plural. Com esperança e admiração (Teixeira in Silva, 2025. sumário).

Na formação de que participei, de quatro dias no INCRA, tivemos a presença de vários convidados e convidadas, na explanação do projeto e a importância das parcerias, dos desafios de abraçar tantas demandas em tão pouco tempo, mas valorizando a importância do projeto e suas consequências positivas. Na medida em que se insere atores locais, que vivem e dialogam com as realidades dos territórios, na posição de agentes locais, ainda mais por serem jovens, muitos deles e delas, nessa ponte entre o rural e o urbano, muitos e muitas, com formações acadêmicas, outros e outras, estudando fora de seus municípios, frequentando faculdades e universidades, em vários campos acadêmicos, vão da saúde, educação agrárias, como nos movimentos de alguns e algumas, em vias de trilharem, também, por essas escolhas.

Em minha percepção, na intensa formação, sem querer me estender muito, colho e reproduzo aqui, as palavras de Plácido, da CPT, umas das parceiras do projeto, como Movimento Social, “No Brasil, quarenta e seis por cento das propriedades rurais, estão na mão de um por cento dos proprietários totais”. Em si, o que aludi anteriormente, nas palavras de Plácido, que trouxe ainda, os conflitos e a violência na luta pela terra e a lentidão das políticas governamentais, em serem efetivas nas soluções das questões da reforma agrária, superando o absurdo das desigualdades que impera em nosso país com a desigualdade na distribuição da terra.

Dito isso, quando falo da importância de envolver os/as jovens, que por muitas vezes com as cabeças voltadas em seus projetos de vida, em saírem de seus territórios, buscando realizarem seus sonhos, muitas vezes desvinculados/as do contexto rural, onde nasceram, onde têm suas origens por muitas gerações inseridas nesses meios, é abrir uma janela para reaver pertencimentos, sem se desfazerem de seus sonhos e desejos, e o projeto, reacende muito isso, quando não tem a ideia de interromper essas demandas nas construções como sujeitos e sujeitas.

São jovens, que acessando conhecimentos novos, com facilidades nas operações dos recursos digitais, nas burocracias que hoje são resolvidas em grande parte on line, pela

internet, em formulários e questionários infundáveis, que por outro lado, têm facilidades, quando em condições de acessarem, encaminhar documentos, sem a necessidade de deslocamentos. Não é só isso, é a importância de entenderem de processos, que vão além da titulação de um lote ou de um assentamento de reforma agrária, é da relevância em conhecerem sobre a questão agrária no país e se verem como protagonistas na luta por direito e justiça no campo.

Fundamentar nesta tecitura, o que valorizamos em nossa trajetória no Bacep, na sucessão rural, do quanto esse debate se faz mais importante a cada dia, de como vencer o preconceito e as narrativas que ainda persistem, em uma concepção de mundo que opõe conhecimentos e saberes, levando a crer, nos desavisados e vulneráveis, pela massificação das informações distorcidas, que no campo está o atraso, quando uma visão como essa, considera, puramente um viés produtivista, desconsiderando os saberes, a memória biocultural, todas as teias de sentidos e significados, desde os povos originários, dos povos tradicionais, do modo camponês de viver.

Saí à campo, na companhia de Laras, residente do projeto e Monaiane Joven, bolsista do projeto e minha colega de turma, também fez parte do grupo da viagem, Genivaldo e Andréia, do Boi Mandingueiro, grupo de animação cultural da Mata do Ronca em Paulista-PE, no local da missão se incorporou ao grupo, Orum, bolsista do projeto e estudante do sétimo período do Bacep.

Era um domingo e nós fomos ao Assentamento Chico Mendes, em Tracunhaém, em um compromisso, que em um olhar na perspectiva de uma extensão rural conservadora, poderia ser uma atividade menor, dado que em parte, nessa perspectiva, o olhar diminuído sobre as multidimensões e complexidades da vida nos territórios se apresentam como uma regra, ressaltando que aqui ou ali, emergem sensibilidades de um ou de outros, sujeitos e sujeitas que alcançam e praticam esses olhares mais cuidadosos com aquelas realidades, fugindo das armaduras das formações para o fazer no extensionismo.

Estávamos, nós, no encontro, desde à chegada a sede do assentamento, em nossos primeiros contatos com a ALF e outras pessoas prontas a nos receber, antes da chegada de adultos para uma atividade marcante aos meus olhos e aos meus afetos, era uma festa para as crianças. O Boi Mandingueiro e nós, com a contribuição de Benoni, da CPT, que acompanha, como assessoria, o assentamento desde á sua constituição, na luta e conquista pela terra. Almoçamos e fomos assistir e nos envolvermos com a brincadeira, com contação de histórias, em dinâmicas de incluir todas as gerações, das crianças aos pais, animadas por Andréia e Genivaldo.

O brincante tem muito uma característica, de além de mexerem com nossos humores para cima, também, em formas de linguagens e em movimentos corporais, o corpo também é uma expressão de linguagens, de portador de mensagens. O casal animador, em seus movimentos singulares, traziam as crianças, também nós, adultos, para conhecermos a história do Chico Mendes, a questão dos cuidados com a natureza, a formação cidadã, a importância da pertença, da apropriação da memória, do que ela traz de sentido e significado para continuidades por gerações, valorizando o legado deixado dos e das que vieram antes e se fizeram na luta e conquista da terra.

Também teve quebra panela, a curta e participativa oficina de Orum, ensinando o manuseio e toques, usei partipar, em meus movimentos desalinhados, querendo aprender, nos instrumentos da capoeira, do berimbau ao pandeiro, ensinando também os motes que animam àquela prática, que também podem trazer cantos de lutas, de liberdades frente às opressões, desde África, lá e aqui, em todo processo histórico, com à escravização do povo negro, a partir da colonização pelos portugueses, e mesmo ainda hoje, na discriminação e preconceito, como na desigualdade da participação, de forma excludente, na construção da nação brasileira.

Foi um domingo diferente, participativo, criativo, de aconchego, de beleza, mexendo em muitas dimensões, até em nossas crianças interiores, que nos chamam para brincarmos, que a sisudez dos adultos, por vezes, teima em reprimí-las.

Saí mais uma vez a campo, desta vez para uma missão que dialogava, coerentemente, com uma das temáticas do nosso curso, a sistematização de experiências, fazendo parte do que puxa o oitavo período. O destino, Salgadinho, no Agreste, ali nas fronteiras com João Alfredo, Passira e nas proximidades de Surubim. Estava no grupo da viagem, junto com Monaiane Joven, Leonardo Macedo e Ana Beatriz, do Triângulo Mineiro, como bolsista do projeto e estudante do primeiro período do Bacep.

Participar deste grupo, em uma atividade que buscava o resgate das memórias do Assentamento Recreio, em Salgadinho, eu que por vezes, em meus enganos, era crente das ausências delas em mim, elas que não dizem só desta imbricação entre o cérebro, fluxos mentais e as movimentações dos neurônios, nas sinapses, pois as memórias tomam todo o nosso corpo, todo o nosso ser.

Essa missão, que estava de frente à Monaiane Joven, plena do seu enraizamento puro, do Sítio São João, em Tianguá, no estado do Ceará, embebida das experiências comunitárias em seu território, um elemento facilitador de chegar e tocar com sensibilidade e cuidado, para termos uma recepção acolhedora e promotora da atividade que estávamos envolvidos e

envolvidas. Uma ação que envolveu a todos e todas nós, no entrosamento com à comunidade, em parte, do Assentamento Recreio.

Eu, que venho alcançando em minha maturidade que se anunciou dali, na proximidade do tempo presente, em uma janela que também se abre para escutar, auto-regulação, a escuta para quem também fala, na ligação que faço com os ecos da oralidade do meu pai, tão significativa e cheia de sentido, aqui nesta tecitura, quando na missão, que cumpriu muito mais que um simples fazer de ofício, o falante, também escutou muito, no reflexo disso, a luta contra as injustiças, seu compromisso, ele que veio das classes desfavorecidas, em suas contribuições, na história, “fazendo com”, superando o “fazer para”, deixando um legado, que de longe olho, reflito e repercuto, com muita admiração. A experiência no Assentamento Recreio, vem me trazendo muitos desdobramentos, reflexões férteis para meu caminhar no mundo, como agrecólogo/educador.

Aquelas entrevistas, nós envolvidos e envolvidas, na escuta de camponeses e camponesas, era a memória da história de luta e conquista do Assentamento Recreio. As terras pertenciam à família Arruda, que se espalha na região, a partir de Taquaritinga do Norte, com uma área considerável de terras no município de Salgadinho, eram quase 400 hectares, as famílias usavam, plantavam, criavam, mas não tinham a posse, anualmente pagavam o foro. O valor cobrado ficou fora das condições das famílias, daí o movimento de reação a esses abusos, que foi crescendo, envolvendo lideranças locais, trabalhadores, até chegar, avançar para as terras serem colocadas à disposição para reforma agrária, através do INCRA.

Mas o que pretendo ressaltar aqui, na tecitura, é sobre o objetivo central da nossa viagem, de fazer um apanhado histórico, trazer o protagonismo dos pioneiros e pioneiras daquele assentamento, com suas memórias, na perspectiva de refletirem nos e nas mais jovens, que estão perdendo este senso de pertença, de identidade como filhas e filhos de assentados e assentadas da reforma agrária.

Outra dificuldade, que foi aumentando ao longo do tempo, com o afastamento do INCRA, com o fatiamento dos lotes dentro das famílias assentadas, além de ter um grande número de famílias que não estavam no nascedouro das lutas e das conquistas, complicando às questões documentais para acessarem políticas públicas.

Na missão, conversamos com mulheres e homens, com a juventude, no apanhado, arquivos em áudios visuais, material robusto pelo que testemunhei e participei, com a finalidade da produção de um documentário, que futuramente será exibido na comunidade, a partir de uma mobilização.

Nas imagens, nas cenas que guardei do Assentamento Recreio, a criação de gado nelore para engorda; terras com subidas e descidas profundas, embaixo, o acolhimento das águas das chuvas, açudes; as vargens de capim para alimentar o gado; a fava branca nos alpendres, cercando, alimentos, sementes, a produção de vender; o ofício da costura em uma tradição familiar que vem de longe; em meu olhar, a pouca influência da sulanca nos gostos de vestir das pessoas, o uso da encomenda de costuras; o Rio Capibaribe passando por seu curso cheio de curvas em Salgadinho.

O que ficou de significativo da minha experiência no Prosemeio, é que um programa com um espaço tão curto tempo para execução, por vezes há aditivos ou novos editais que continuam assistindo às comunidades que já estavam no projeto, por vezes não, nem por isso, em minha breve passagem, não deixei de ter um olhar sensível sobre aqueles e aquelas jovens que estão na condição de ALFs.

Me debruçando sobre a capacidade desses e dessas jovens, a integração com outras gerações, quebrando barreiras que impedem, muitas vezes, os intercâmbios, trocas de saberes, dentro da própria comunidade e nos territórios, a partilha de saberes entre os mais velhos e as gerações mais novas. O programa com essa proposta, tem como meta, de animar processos, apontando outras perspectivas para os jovens e as jovens que vivem no campo, construindo caminhos para diminuição do êxodo rural, que com as formações vão multiplicando esses conhecimentos e saberes.

Por último, o papel das universidades públicas, naquilo que as fundamentam como protagonistas na sociedade, quando de fato e de direito, ocorre essa tríade, ensino-pesquisa-extensão, que nesta união, na integração para fora, levar a universidade para se fazer na prática, no caso do Prosemeio, nos territórios das agriculturas convencionais, nas de transições agroecológicas e naquelas que já evoluíram de formas significativas em seus processos, com as implantações de Sistemas Agroflorestais - SAFs e suas consolidações, gerando modelos para intercâmbios, das agriculturas quilombolas e das agriculturas indígenas. A universidade, envolvida nesses processos, de forma horizontal, estará realizando um grande serviço para diminuir as desigualdades sociais, protegendo a vida.

Ainda dentro do ESO II, com parte da equipe do Prosemeio, professoras e estudantes do Bacep, me desloquei até Garanhuns, fomos à 10ª Feira de Sementes Crioulas do Agreste Meridional - SEMEAM, no dia 27 de novembro de 2026.

Nesta tecitura, escrever sobre a ida ao SEMEAM, é também me lançar nas memórias, do que vinha sendo construído pelos agrestes, do Programa Um Milhão de Cisternas Rurais, mobilizações, formações, as interações nos encontros regionais, a convivência com o semiárido, no bojo de tudo isso, as sementes crioulas, as referências à efervescência dos ecos das Sementes da Paixão, na Paraíba, a caminhada longa que fez esse movimento de lá e seus reflexos, como referência para outros territórios.

Chegar no SEMEAM, tem um significado, rever os povos dos territórios agrestinos, revi do agreste das bandas de Pesqueira, a maioria sendo mesmo, do Agreste Meridional. Dizer que o movimento está se fortalecendo à cada ano, com intercâmbios entre povos indígenas, quilombolas e gente do campesinato, reforçando, também, as expressões culturais dos territórios.

Nessa caminhada do SEMEAM, nos dez anos de existência da feira de sementes, a variedade de produtos que vêm de comunidades que estão construindo processos agroecológicos; o café agroecológico; os licores; a troca de mudas; as experiências do Quilombo Castainho, em suas práticas agroecológicas em Garanhuns. Como esse movimento tem agregado mais gente, comunidades, vale considerar, a participação do IPA e de outros parceiros que vêm contribuindo nessa caminhada.

Formar uma rede sementes crioulas no semiárido, persistir com ela, uma atividade de resistência e resiliência, contando com a variabilidade climáticas, as oscilações com as precipitações pluviométricas e os impactos das mudanças climáticas, desafios do ontem e as consequências, das escolhas do modelo de produção capitalista, que na falta de cuidados com a natureza, leva à exaustão, pelo uso excessivo dos recursos naturais.

O BEM VIVER

Como matriz desta minha tecitura, o Bem Viver, o Bem Viver como modo de vida em integração com a natureza, como colocar de novo o homem integrado à ela, nos reencontros com saberes ancestrais, de povos originários e tradicionais, não sendo uma concepção ingênua, do puro voltar ao passado, como colocar o mundo de cabeça para baixo, é de como mediar, diante das escolhas ditas civilizatórias, que levaram à essa devastação ambiental e

cultural, vide ao que estamos assistindo atualmente, com reflexos nas gerações atuais e nas do futuro, com os impactos das mudanças climáticas.

A opção, desde à Revolução Industrial, a queima de combustíveis fósseis, a exploração, como recursos inesgotáveis, das reservas da natureza, a explosão do número de habitantes nas cidades, a perda de hábitos alimentares, em suas diversidades, vindas dos mosaicos das diversidades culturais dos inúmeros territórios à nível mundial, a cada dia mais e mais vai concentrando à humanidade em cultura de massa, reduzindo de modo significativo, os valores culturais, a perda do sagrado, das dimensões ancestrais, em uma desvinculação imposta de forma global, padronizando modelos de consumo que são disseminados como os mais apropriados, através dos países que detém o poder econômico e dominam a geopolítica.

Pensar em modelos diferentes, que vão nas raízes da humanidade, em suas origens, como as narrativas neoliberais divulgam e querem e conseguem, que um outro modelo não é possível, que a modernidade prometeu e estar cumprindo, a partir de uma perspectiva desintegrada, a ciência como o farol que ilumina o mundo e tem todas as soluções, desconectada e afastada da natureza, o homem sobre o seu domínio, olha ao que nos levou!

O Bem Viver, um conceito latino americano, vai beber nas fontes das experiências de vida de povos da América Latina, povos indígenas, tão atacados e quase eliminados desde à colonização nos idos do século XV, com reflexos na contemporaneidade, na sanha desmedida pelo lucro e acumulação capitalista, refletindo, quando falo do Brasil, na atualidade, a devastação pelo agronegócio, a mineração e a especulação imobiliária.

O Bem Viver, nos alerta, também nos convoca, como podemos aprender com povos que ainda vivem na integração à natureza? Como encontrar um meio termo, se com todo esse aparato tecnológico, frutos do avanço da ciência, da diversidade inimaginável de bens de consumo, como automóveis, produtos eletrônicos, produtos de informática, os que produzem o “bem estar”, na super exploração os recursos naturais, e já sabemos, são esgotáveis, a natureza tem seus limites.

Olhar com atenção e sentido de buscar outros mundos possíveis, não é negar os avanços da ciência e da tecnologia, observando que muitas doenças que se espriam pelo mundo afora, com estudos, com testes laboratoriais, a pesquisa, muitas delas foram curadas. Mas, o que dizer que essa mesma ciência, esse mesmo avanço tecnológico trouxeram outras doenças, em suas pesquisas, trouxeram os alimentos ultraprocessados, com o uso exacerbado de aditivos químicos para à sua conservação, não conseguindo aqui nas suas consequências, mas para ficar só em um exemplo, o aumento desmedido, à nível mundial da obesidade.

Como convergir para escolhas que reflitam o cuidado integral, na conexão do homem com um meio, na prática, uma respiração mais saudável, em uma vida com convivialidade, que hoje tem sido diminuída pelo modo de trabalho dentro do sistema capitalista de produção, com as metas e os números de horas em nome da alta produção, o que vem gerando no mundo todo o adoecimento mental. Números alarmantes dos quadros de depressão, ansiedade generalizada, refletindo no uso excessivo de fármacos para aliviarem ou curarem esses sofrimentos.

Hoje se produz muito, mas as doenças, através de diagnósticos médicos, vão abrindo um leque em total expansão. Quando se fala no Bem Viver, seria como revisitar de novo os ciclos, de revisitar a forma sistêmica de funcionamento da natureza, é como se déssemos um tempo, neste apressado mundo, ao nos abrir para percepções que nos levassem a nos afastar, vermos de longe, é este mesmo o caminho, dentro do que está posto, como alternativa, que nos afasta dos ciclos, que queremos continuar? Têm outros caminhos? Por enquanto, uma concepção do Bem Viver:

O Bem Viver, uma proposta da periferia

O Bem Viver é um processo em construção e reconstrução que encerra processos histórico-sociais de povos permanentemente marginalizados. Esta proposta não pode ser vista só como uma alternativa ao desenvolvimento economicista. Tampouco é um simples convite a retroceder no tempo e reencontrar-se com um mundo idílico, inexistente por definição. E não pode transformar-se em uma sorte de religião com seu catecismo, seus manuais e seus comissários políticos.

Esta proposta reivindica o passado e o presente dos povos e nacionalidades indígenas. É, em essência, parte de um processo sustentado no princípio de continuidade histórica. O Bem Viver, então, nos dizeres do sociólogo argentino Héctor Alimonda, aparece ancorado “no legado dos povos andinos, em suas práticas cotidianas, em sua sabedoria prática”. Nutre-se dos aprendizados, das experiências e dos conhecimentos das comunidades indígenas, assim como de suas diversas formas de produzir conhecimentos. Seu ponto de partida são as distintas maneiras de ver a vida e sua relação com a Pacha Mama. Aceita como eixo aglutinador a relacionalidade e a complementariedade entre todos os seres vivos – humanos e não humanos. Forja-se nos princípios de interculturalidade. Vive nas práticas econômicas e solidárias. E, por estar imerso na busca e na construção de alternativas pelos setores populares e marginalizados, terá de se construir sobretudo a partir de baixo e a partir de dentro, com lógicas democráticas de enraizamento comunitário. (Acosta, Alberto O bem viver : uma oportunidade para imaginar outros mundos / Alberto Acosta ; tradução de Tadeu Breda.– São Paulo : Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p. p. 73 e 74).

Quando ousar alçar à condição de mais elevada, da centralidade, dentro da minha construção textual, neste memorial, o Bem Viver, diz muito, na convergência do diálogo entre Agroecologia e saúde, na perspectiva da Biocêntrica, da vida no centro, olhando as

abordagens das práticas integrativas e complementares em saúde, no tocante à valorização das subjetividades e suas inter-relações, do ser integral.

No que propõe o Bem Viver, o ser humano e suas multidimensões, integrado à natureza, fazendo parte de seus ciclos, não um estranho à ela, então, dentro do modelo de sociedade predominante, por vários continentes, uns mai, por seus avanços científicos e tecnológicos, outros menos, pelo grau de dependência, por serem explorados e expropriados em seus recursos naturais, na intensidade do processo colonização e no pós Revolução Industrial.

Nisso, o Bem Viver, como maneira sobreviver e voltar a viver de forma saudável, aponta para um retorno distante, com nosso olhar em beber nas fontes de saberes ancestrais dos povos originários e como isso pode nos inspirar dentro do modelo de viver do capitalismo, que prometeu o céu, se observarmos e conhecermos as experiências dos povos que ainda vivem integrados à natureza, na medida que não foram explorados em seus sistemas de vida, então, observo aqui polaridades, entre o consumo excessivo dos recursos naturais e os modos de vidas integrados à natureza, concebendo há meios de encontrarmos caminhos que levem a modos de vidas mais sustentáveis.

3. CONCLUSÃO

Antes de chegar nesta casa, Bacep/UFRPE, caminhei por várias estradas, percursos longos, que pareciam não se delinear para essa chegada, mas que depois foram me dizendo, não são as semelhanças, as garantias, os caminhos retos, pois as teias da vida se fazem no que se ligam e se complementam, uma tecitura que se conecta pelos pontos da diversidade, como a beleza de várias singularidades se encontrando, da ontogênese, o que se faz por dentro, à alteridade, o que se faz na convivência, no encontro com o outro.

Aqui me vi, na procura, o encontro, refleti, em meus movimentos, havia um propósito, ele, que na originalidade da procura, não se repete e nem é lógico como as linhas de uma régua, por vezes, se apresenta como uma revelação, pois dependendo das circunstâncias e das experiências, das formas como foram vividas, ficamos diante de noites escuras sem enxergar o amanhã.

Nada mais mais significativo, depois dos difíceis caminhos da minha Vida, na minha experiência, que em nenhum momento se coloca como absoluta em dificuldades, mas que foram densas e quase intransponíveis, como minha chegada e conclusão do Bacharelado em Agroecologia me ensinou e me deixou saldos, reservas que diante de um mundo caótico, tem a relevância dos saberes comunitários, não são as máquinas, mas a recomposição das relações humanas que nos dizem e nos dirão que é um dos melhores caminhos para um mundo com mais justiça.

Quando trago em minha Tecitura o tema da saúde, com práticas integrativas e complementares em saúde, a memória biocultural e as subjetividades, estou falando mais do que na cura de um ferimento ou da indicação ou aplicação de um remédio para arrefecer um desequilíbrio nas emoções, pontuando aqui, o diálogo entre esses conceitos no coração da Agroecologia, pois trata-se de uma abordagem que enxerga o ser humano de forma integral.

Nas ciências fechadas, quase dogmáticas, talvez não pudesse trazer temáticas para estudos e experiências que não estivesse de acordo com o que foi previamente concebido, o que se acontecesse na Agroecologia, ela estaria negando a sua essência, se está em movimento, vai colhendo os sopros e chamados das estações, como uma ciência holística e do campo da complexidade, e como a saúde, em uma abordagem integral é tão atual e coerente dentro da Agroecologia, pois media os conhecimentos acadêmicos com os saberes dos povos originários e dos povos tradicionais, foi um dos pontos que mais reforcei em minha Tecitura e que reafirmo aqui nesta finalização.

Como um chamado, não me furtarei de atendê-lo, chegou na hora, na hora necessária, como não sendo do antes e nem no que poderia vir depois, se enraizou bem lá embaixo, como na semelhança com o bambu, para depois crescer forte, aguentando as pancadas dos ventos e das intempéries da Vida.

Essas pisadas entre a Universidade Federal Rural de Pernambuco e o Serviço Integrado de Saúde, no quarto final da minha jornada, me abriram caminhos, delineando uma roda, nos encontros de mãos, entre a educação popular, memória biocultural, práticas integrativas e complementares em saúde, subjetividades, além dos ecos da oralidade, e como não deixá-la morrer na distorção no uso da inteligência artificial, no engano histórico de que ela é a resolução para tudo.

Fechei um ciclo, na humildade de quem caminha, aberto a saber de que no mundo, para se alcançar algo, não se pode prescindir da presença e troca de experiências com os outros, assim, não parto cheio de certezas, mas sereno, sabedor que sou, que toda à minha experiência no Bacep me nutriu o suficiente para continuar almejando uma atuação no campo profissional ou mesmo na continuidade dos estudos, novos desafios, novas encruzilhadas, mas com as energias renovadas, nas referências de quem não desistiu, não se rendeu!

Sou muito grato a todas as pessoas que participaram das minhas experiências no Bacharelado em Agroecologia, em mais de seis anos de jornada!

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (org.). *Territórios em movimento*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Brasília, DF: SEBRAE, 2004.

ALCHORNE, Murilo de Avelar; CUNHA, Antonielle Pinheiro da. Agroecologia e povos de terreiro. In: FIGUEIREDO, Marcos Antônio Bezerra; MATTOS, Jorge Luiz Schirmer de; FONSECA, Flávio Duarte da (org.). *Agroecologia e diálogo de conhecimentos: olhares de povos e comunidades tradicionais, movimentos sociais e academia*. Recife: UFRPE, 2017. p. 154.

AGUIAR, Maria Virgínia de. Agroecologia e diálogo de conhecimentos: olhares de povos e comunidades tradicionais, movimentos sociais e academia. In: FIGUEIREDO, Marcos Antônio Bezerra; MATTOS, Jorge Luiz Schirmer de; FONSECA, Flávio Duarte da (org.). *Agroecologia e diálogo de conhecimentos: olhares de povos e comunidades tradicionais, movimentos sociais e academia*. Recife: UFRPE, 2017.

ASA – ARTICULAÇÃO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. *Programa de formação e mobilização social para a convivência com o semiárido: um milhão de cisternas rurais – PIMC*. Recife: ASA/Projetos de Comunicação, 2002. 80 p.

BATISTA, Simone Maria Leite et al. Extensão popular de fitoterapia: realidade em Sergipe. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *II caderno de educação popular em saúde*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.

BRAYNER, Flavio (org.). *Educação popular: novas abordagens, novos combates, novas perspectivas*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

CALDART, Roseli (org.). *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio; PAULUS, Gervásio. Agroecologia como matriz disciplinar para um novo paradigma de desenvolvimento rural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 3., 2005, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: [s.n.], 2005.

DANTAS, Elisalva Madruga. *Textos poéticos afro-brasileiros*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2007. Material da disciplina Literatura Comparada: relações literárias afro-brasileiras.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, Niterói, v. 22, n. 48, p. 76–95, 2020. ISSN 1517-7793.

MOREIRA. Educação popular: novas abordagens, novos combates, novas perspectivas. In: BRAYNER, Flavio (org.). *Educação popular: novas abordagens, novos combates, novas perspectivas*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

MOREIRA, Marina Rago; EMPINOTTI, Vanessa Lucena. Território e feminismos na América Latina. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 20., 2023, Belém, PA. *Anais...* Belém: Universidade Federal do ABC, 2023.

MONTEIRO, Gabriela. A coragem de ser trabalhadora rural nordestina: narrativas de mulheres teimosamente viventes. *Revista Feminismos*, Salvador, v. 7, n. 3, p. 154, set./dez. 2019. ISSN 2317-2932. Disponível em: <https://www.feminismos.neim.ufba.br>. Acesso em: 28 jan. 2026.

OLIVEIRA FILHO, Bartolomeu Cavalcanti de. *No tacho, o ponto desandou: história de Pesqueira, de 1930 a 1950*. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

PIRES, Maria Luiza Lins e Silva. Extensão rural e desenvolvimento sustentável. In: LIMA, Jorge Roberto Tavares de (org.); SOUZA E SILVA, Josenildo de et al. [*Título da obra*]. 2. ed. Recife: Bagaço, 2005. p. 53.

ROGERS, Carl; ROSEMBERG, Rachel L. *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU; Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

SANTANDER, Felipe. *O extensionista*. Tradução de Salvador Obiol de Freitas. São Paulo: Hucitec, 1987.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. Semente da agroecologia. In: FIGUEIREDO, Marcos Antônio Bezerra; LIMA, Jorge Tavares de; CAPORAL, Francisco Roberto (in memoriam). *Semente da agroecologia*. Recife: EDUFRPE, 2024.

SILVA, Maria do Socorro; MOLINA, Mônica Castagna. *Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão*. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

TAVARES, Jorge Roberto. *Um olhar sobre a Mata Sul de Pernambuco*. Recife: Curso de Agroecologia, Campesinato e Educação Popular, 2019.

TEIXEIRA, Paulo. Sumário. In: SILVA, Flávio Castro da et al. (org.). *ProforEXT: programa nacional de formação em ATER para assentamentos de reforma agrária e contribuições para a Agenda 2030*. 2. ed. Goiânia: Cegraf UFG, 2025. Livro eletrônico (PDF).

VALE, Andréa; FERNANDES, Débora Maria Cavalcanti. *A biodanza como prática integrativa complementar em saúde: vivências integradoras no Canto da Harmonia, Vozes e Fluxos*. Recife: Edição do autor, 2022.

VAZ, Joelma Castro Rodrigues; SOUZA, Thiago Zanqueta de. A sistematização de experiências e as suas raízes no método dialético. [S.l.: s.n.], [s.d.].

WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 20., 1996, Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu: ANPOCS, 1996.